

Encontros e outras andanças:
experimentações em uma
educação (matemática)



João Paulo Risso
Thiago Donda Rodrigues

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

JOÃO PAULO RISSO

**ENCONTROS E OUTRAS ANDANÇAS: EXPERIMENTAÇÕES EM UMA
EDUCAÇÃO (MATEMÁTICA)**

**Campo Grande/MS
2025**

João Paulo Risso

Encontros e outras andanças: experimentações em uma educação (matemática)

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador(a): Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues

**Campo Grande/MS
2025**

João Paulo Risso

Encontros e outras andanças: experimentações em uma educação (matemática)

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues (orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Margareth Aparecida Sacramento
Rotondo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Vinícius Sanches Tizzo
Universidade do Estado de Minas Gerais

Profa. Dra. Fernanda Malinosky Coelho da
Rosa (suplente interna)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Ricardo Gomes Assunção (suplente
externo)
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Goiano

Campo Grande, 19 de fevereiro de 2025.



Dedico esta tese à Profa. Dra. Amanda Silva de Medeiros (in memoriam), com quem tive o privilégio de dividir a vida, risos e aprendizagens.

Agradecimentos

Eu não poderia deixar de começar agradecendo à Profa. Dra. Amanda Silva de Medeiros (in memoriam) e sua família pelo acolhimento em quase todo o processo de doutoramento. Mesmo que Amanda não esteja fisicamente entre nós, ela vive em nossos pensamentos e ações. Sem Amanda, não existiria esta pesquisa, a tese, o doutorado. Foi ela quem me convidou a tentar voltar para a pós-graduação, bem como foi uma das pessoas que me incentivou e me apoiou nos momentos mais difíceis.

Também agradeço aos meus familiares: Edna, Paulo, Julio e Sandra. Vocês foram essenciais. Mesmo com uma grande distância entre nós em quase todo o processo, sempre sentia o apoio e o carinho nas ligações e nos rápidos encontros nas férias. Esse título é de vocês também.

Sou imensamente grato ao meu orientador. Minha parceria com o Thiago começou na graduação, em Paranaíba-MS, e sinto que se estenderá por toda a vida. Você foi muito importante nesta etapa, meu amigo. Suas orientações certeiras e conversas nos momentos difíceis foram essenciais para chegarmos até aqui. Conte sempre comigo.

Quero agradecer às professoras e aos professores da banca pela leitura cuidadosa e pelas contribuições valiosas. Luzia, Margareth, Thiago Pedro, Vinícius, Fernanda e Ricardo, vocês sempre serão referências de educadoras e educadores matemáticos para mim.

Agradeço imensamente às professoras e professores do PPGEducMat, além dos demais educadores e demais profissionais que tive o privilégio de conhecer durante a vida.

Quero expressar minha enorme gratidão ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD), por ser um espaço de partilha que muito me ajudou.

Agradeço às amigas e aos amigos que o PPGEducMat me apresentou, em especial Vivian, Endrika, Bárbara, Juliana, Everton, Thainá, Luciene, Juscelaine, Carolina, Mônica e Leonardo. Agradeço aos colegas de turma, tanto do mestrado (2021) quanto do doutorado (2023), bem como aos demais estudantes e egressos do programa, pelas trocas, aprendizagens e descontração. Vocês foram cruciais durante esse processo, que muitas vezes pode ser turbulento. Também agradeço aos amigos e às amigas que abrilhantaram minha história antes e durante o doutorado, sem vocês a vida seria sem graça (até comecei a nomear, mas são muitos e eu não quis sofrer o risco de esquecer alguém).

Agradeço aos participantes da pesquisa, sem vocês a pesquisa não teria força. E também à CAPES pelo apoio financeiro e à UFMS pela excelência.

Sou grato aos profissionais da Psicologia e Psiquiatria com quem tive contato um pouco antes e durante o doutoramento: Viviana, Júlia, Luís, Thiago, Elton e Bianca. Obrigado pelo suporte e pela paciência.

Agradeço às secretárias do PPGEducMat, Alexandra e Alessandra, pelo excelente trabalho.

Agradeço, igualmente, a todas as pessoas que passaram pela minha vida até aqui e deixaram a sua marca e contribuição para a pesquisa, e para a minha existência, seja antes ou durante o doutorado.

RESUMO

A presente pesquisa objetiva construir experimentações do pensamento como convites a professores/as de matemática (em atuação e em formação) a não ignorarem as injustiças de nosso tempo, engajando-se em lutas e projetos sociais e tornando-se docentes militantes. Apresentaremos nas próximas linhas uma tese-romance-manifesto, que acompanha a vida do personagem João, um doutorando em Educação Matemática. Com ela, que pode ser considerada uma experimentação que se inscreve na interface entre Literatura, Filosofia da Diferença, Educação (Matemática) e outros territórios, mobilizamos alguns conceitos e ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Silvio Gallo, bell hooks, Clarice Lispector, Ubiratan D'Ambrósio, Carolina Maria de Jesus, Buchi Emecheta e outras autoras e autores. Nossa intenção é dialogar, compor e transbordar vidas com os dados produzidos no segundo semestre de 2021, considerando o método da Cartografia e no contexto de uma disciplina de Prática de Ensino de um curso de Licenciatura em Matemática de uma universidade pública de Mato Grosso do Sul. As aulas de tal disciplina ocorreram via Google Meet e foram gravadas e transcritas pelos pesquisadores. Algumas questões discutidas na produção de dados e que são abordadas na tese-romance-manifesto foram: desigualdade social, intolerância religiosa, ética, punição, avaliação, relações familiares, amizade, aborto, legalidade e ilegalidade, classe, gênero, raça, moral e outras. Como feito em outros trabalhos, por meio desta tese-romance-manifesto, deixamos o nosso convite a vocês, caras/os leitoras/es, para experimentarem com a literatura, o desejo e o afeto.

Palavras-chave: Militância; Educação Menor; Literatura; Experimentação; Cartografia.

RESUMEN

Esta investigación pretende construir experimentos de pensamiento como invitaciones a los profesores de matemáticas (tanto en ejercicio como en formación) a no ignorar las injusticias de nuestro tiempo, a involucrarse en luchas y proyectos sociales y a convertirse en profesores militantes. Presentaremos en las próximas líneas una tesis-novela- manifiesto, que acompaña la vida del personaje João, un doctorando en Educación Matemática. Con ella, que puede ser considerada una experimentación que se inscribe en la interfaz entre Literatura, Filosofía de la Diferencia, Educación (Matemática) y otros territorios, movilizamos algunos conceptos e ideas de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Silvio Gallo, bell hooks, Clarice Lispector, Ubiratan D'Ambrósio, Carolina Maria de Jesus, Buchi Emecheta y otras autoras y autores. Nuestra intención es dialogar, componer y desbordar vidas con los datos producidos en el segundo semestre de 2021, considerando el método de la Cartografía y en el contexto de una disciplina de Práctica de Enseñanza de un curso de Licenciatura en Matemática de una universidad pública de Mato Grosso do Sul. Las clases de tal disciplina ocurrieron vía Google Meet y fueron grabadas y transcritas por los investigadores. Algunas cuestiones discutidas en la producción de datos y que son abordadas en la tesis-novela-manifiesto fueron: desigualdad social, intolerancia religiosa, ética, castigo, evaluación, relaciones familiares, amistad, aborto, legalidad e ilegalidad, clase, género, raza, moral y otras. Como hecho en otros trabajos, por medio de esta tesis-novela-manifiesto, dejamos nuestro convite a ustedes, queridas/os lectoras/es, para experimentar con la literatura, el deseo y el afecto.

Palabras clave: Militancia; Educación Menor; Literatura; Experimentación; Cartografía.

ABSTRACT

The present research aims to build experiments in thought as invitations to Mathematics teachers (both active and in training) to not ignore the injustices of our time, engage in struggles and social projects, and become militant teachers. We will present in the following lines a thesis-novel-manifesto that accompanies the life of the character João, a doctoral student in Mathematical Education. With it, which can be considered an experiment that fits within the interface between Literature, Philosophy of Difference, Education (Mathematics), and other fields, we mobilize some concepts and ideas from Gilles Deleuze, Félix Guattari, Silvio Gallo, bell hooks, Clarice Lispector, Ubiratan D'Ambrosio, Carolina Maria de Jesus, Buchi Emecheta, and other authors and writers. Our intention is to engage in dialogue, compose, and overflow lives with the data produced in the second semester of 2021, considering the method of Cartography and in the context of a Teaching Practice course in a Mathematics degree at a public university in Mato Grosso do Sul. The classes of this discipline took place via Google Meet and were recorded and transcribed by the researchers. Some themes discussed in the data production and addressed in the thesis-novel-manifesto were: social inequality, religious intolerance, ethics, punishment, assessment, family relationships, friendship, abortion, legality and illegality, class, gender, race, morality, and others. As in other works, through this thesis-novel-manifesto, we extend our invitation to you, dear readers, to experiment with literature, desire and affection.

Keywords: Militancy; Minor Education; Literature; Experimentation; Cartography.

SUMÁRIO

1. Os locatários desobedientes

14

2. Prosas Virtuais

57

3. Encontros

113

Referências

139

“Tudo que não invento é falso.”
Manoel de Barros

1

Os locatários desobedientes¹

“Só o medo

Só temos o medo

só o medo

o medo de sermos corajosos.

De sermos medrosos

também o medo”²

(Conceição Evaristo)

¹ As partes em itálico são citações de outros textos, que ora ou outra sofreram pequenas adaptações para dialogarem com a estrutura aqui desenvolvida. Também estão em itálico as falas dos participantes da pesquisa. Os textos citados estão referenciados por meio de notas de rodapé. Boa leitura!

² Evaristo (2017, p. 115)

Canção de Berço

*O amor não tem importância.
No tempo de você, criança,
uma simples gota de óleo
povoará o mundo por inoculação,
e o espasmo
(longo demais para ser feliz)
não mais dissolverá as nossas carnes.*

*Mas também a carne não tem importância.
E doer, gozar, o próprio cântico afinal é indiferente.
Quinhentos mil chineses mortos, trezentos corpos de namorados sobre a via férrea
e o trem que passa, como um discurso, irreparável:
tudo acontece, menina,
e não é importante, menina,
e nada fica nos teus olhos.*

*Também a vida é sem importância.
Os homens não me repetem
nem me prolongo até eles.
A vida é tênue, tênue.
O grito mais alto ainda é suspiro,
os oceanos calaram-se há muito.
Em tua boca, menina,
ficou o gosto de leite?
ficará o gosto de álcool?*

*Os beijos não são importantes.
No teu tempo nem haverá beijos.
Os lábios serão metálicos,
civil, e mais nada, será o amor
dos indivíduos perdidos na massa
e só uma estrela
guardará o reflexo
do mundo esvaído
(aliás sem importância).³*

³ Poema de Carlos Drummond de Andrade, do livro “Sentimento do mundo”.

— Boa noite, pessoal — cumprimenta João. — Hoje trabalharemos a temática da Ética, a partir de uma sugestão da Valéria. Ah, Thiago, Valéria é a “Carla”, ela está no celular da filha.

— É que você está gravando, eu já iria fazer uma piada. Sabe aquele meme: “Professor, quantas faltas eu posso ter no semestre?”. Ele responde: “Quem é você?” — brinca Thiago.

— *Acho que eu sei qual é* — comenta Valéria, rindo.

— Eu preparei uma pequena apresentação para relembrarmos os conceitos básicos de ética e moral. A ideia é que durante a aula a gente discuta algumas situações considerando a Ética, enquanto área da Filosofia. Espero que vocês tenham visto o vídeo e lido o texto que enviamos. Bom, vou apresentar a minha tela — explica João.



Relembrando...

O que é moral?

“Moral trata-se de um conjunto de valores, normas e noções sobre o que é certo ou errado, proibido e permitido, dentro de uma determinada sociedade” (MULINARI, 2021, np).

O que é ética?

“A Ética é a parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano” (MULINARI, 2021, np).

**Analisando algumas
situações a partir da
Ética...**

Situação 1:

André e Gustavo são amigos e estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Os pais de André são tão rígidos quando o assunto é educação que já chegaram a deixá-lo 4 meses de castigo quando seu filho tirou uma nota baixa em Matemática. Ontem teve outra prova de Matemática e Gustavo passou cola para André.

Se você fosse o(a) professor(a) de André e Gustavo e soubesse do ocorrido e do contexto familiar de André, como lidaria com o ocorrido?

— Se vocês fossem professora ou professor de André e Gustavo, como vocês lidariam com essa situação? — pergunta João.

Antes de alguma resposta dos alunos, Thiago intervém:

— Antes da gente continuar, acho que foi rápida a apresentação da moral e da Ética. Elas se confundem muitas vezes, não é mesmo? A moral acaba sendo um código quase que imposto pra gente, para viver em sociedade. Existem vários códigos morais, questões morais que nos são impostas. Mentir, por exemplo, é algo moralmente errado. Uma outra coisa, ser honesto, a qualquer custo, é algo moralmente desejado. Por mais que você prejudique alguém, ou se prejudique, deve ser honesto ou honesta. Isso é uma questão moral. Muitos de nós já mentimos para evitar um castigo mais severo de nossos pais ou mentimos em outra situação para evitar o sofrimento. Ao fazermos isso, infringimos a moral, fomos imorais. Mas, você, em um certo movimento de reflexão, muitas vezes inconsciente, acabou mobilizando a Ética.

— Muito bacana a sua fala, Thiago. Acho que se aproxima da concepção utilitarista de Ética, a qual afirma que a ação vai ser certa ou errada de acordo com a consequência. Com certeza a moral muitas vezes acaba sendo confundida com a Ética. Como vimos no vídeo⁴, os códigos de ética das profissões, por exemplo, poderiam ser chamados de códigos morais. Voltando para a primeira situação, como vocês agiriam? — pergunta, mais uma vez, João.

— A gente vai dar um tempinho para eles pensarem, João?

— Isso mesmo, Thiago.

Valéria levanta a mão pelo recurso do Meet.

— Pode falar, Valéria.

⁴ https://youtu.be/5Z_sxhM800s?si=BckNOhsaqos1XVAn

— *Eu, meu modo de pensar é que eu falaria para os pais. Ele teve quatro meses de castigo para estudar, não precisa colar, então... Eu sou uma mãe rígida na escola, cobro muito dos meus filhos, acho que... Tudo consegue, como que fala, se dedica você consegue. Eu acho que a pessoa que passa a cola acha que está ajudando... Eu acho que ela não tem consciência de que está prejudicando mais ainda, então, a minha opinião como professora: eu contaria para os pais. Não sou a favor de cola na escola, nem como aluno nem como professor.*

— Muito obrigado pela sua colocação, Valéria. Vamos pensar juntos — sugere João. — Na sua fala, você defende que se a pessoa estuda, se dedica, ela consegue. Será que isso é sempre verdade? Vamos fazer uma busca rápida no Google agora... Pronto, achei uma notícia do Portal Geledés que afirma que o desemprego entre mestras, mestres, doutoras e doutores é de 25%, ou seja, mesmo que você tenha uma alta formação, nem sempre é garantida uma estabilidade. Por outro lado, eu entendo o aspecto negativo da cola que você aponta, ela só ajuda momentaneamente e cria uma certa dependência. Mais alguém gostaria de compartilhar o seu posicionamento?

Jelyeny levanta a mão.

— Fique à vontade, Jelyeny.

— *Boa noite, pessoal. Então, o meu posicionamento como professora, eu chamaria os dois alunos para estar conversando sobre o acontecido e estaria dando a ideia deles, em um período que não houvesse aula, o colega que passou a cola ajudar o outro amiguinho a estudar pra que não precisasse acontecer novamente o ocorrido e, logicamente, eu comunicaria aos pais. Porque da mesma forma que um aluno estuda para tirar nota, o coleguinha deveria ter feito o mesmo. E comunicaria à direção da escola sobre o ocorrido e a situação do aluno.*

— Muito obrigado, Jelyeny. É uma estratégia interessante pautar-se no diálogo e instigar a cooperação entre os estudantes. Lembrei da minha época de escola, na qual eu ajudava os meus colegas com as atividades de Matemática. Além de estar ajudando o outro, é um bom exercício de aprendizagem para quem ensina. Eu, particularmente, via pouco disso na escola onde estudei. Fiquei pensando que práticas como essa podem ajudar a desconstruir a ideia de que existe um “salvador da pátria”, que na escola está encarnado na figura do professor e da professora. Essa descentralização do poder do professor e da professora pode reforçar a descentralização do poder na sociedade e convidar os estudantes à cooperação futuramente. Muito utópico, talvez? Mais alguém quer dar a sua opinião? — questiona João.

— Ninguém mais? — pergunta Thiago.

— *Calma que eu estou pensando aqui, pessoal...* — responde Flávio.

— Ah tá, desculpe, Flávio.

Neste momento, Rani comenta:

— *Eu acho que uma situação deveria ser entender o porquê desse aluno, o André, no caso, não estar aprendendo. Não tinha aprendido antes, depois de quatro meses continua não aprendendo... A ideia da Jelyeny é boa, de colocar pra estudar junto. Ele está passando cola, mas de qualquer forma é errado e deve ser informado sim aos pais do ocorrido, que ambos estavam fazendo. Acho que é isso.*

Após a resposta de Rani, João diz:

— Obrigado, Rani. Você pegou pesado agora, hein?! Invocou teorias da aprendizagem quando você propõe entendermos o porquê de André não estar aprendendo. Falar de aprendizagem é sempre muito difícil. Na verdade, muitas vezes ela é deixada de lado e quem assume o protagonismo é o ensino. Primeiro, que não dá para medir a aprendizagem. Acho que nesse caso, seguindo a ideia de Rani, seria interessante ter uma postura investigativa. O diálogo acolhedor com esse estudante seria uma boa pedida.

Flávio pede a palavra.

— *Eu não sei, cara, estou terminando de pensar. É o seguinte, cara, os pais do André são muito rígidos, né? E, assim, ele ficou quatro meses de castigo, porque ele tirou uma nota baixa em Matemática. Se ele for punido novamente, imagina assim, uma criança em fase de desenvolvimento, porque, assim, qual foi o castigo dele? Ele ficou sem brincar com outras crianças, ele ficou sem comer chocolate. A gente, na verdade, não tem muita informação sobre como foi esse castigo. E, assim, eu penso que às vezes o professor não tem que pensar sozinho. Às vezes a gente poderia recorrer, por exemplo, a conversar com a coordenação da escola... Envolver outras pessoas também pra gente conseguir mais informações sobre o contexto familiar. A gente tem que levar em consideração o contexto familiar de ambos, enfim, condições psíquicas do André, do Gustavo, pensar, né? Eles são amigos, será que os pais do André não proibiriam ele de não ser mais amigo do Gustavo e, assim, às vezes isso vai atrapalhar ele, porque ele não vai ter o amiguinho. Ele está em fase de desenvolvimento e a amizade é algo importante na vida. Então, assim, o punitivismo, a gente acaba entrando, às vezes, numa questão de punitivismo, tipo assim, eu vou contar para os pais de todo mundo e eu quero mais é que o André e o Gustavo sejam punidos mesmo, quer dizer, a gente não está refletindo sobre o problema levando em consideração todos os fatores que deveriam ser levados em consideração, que é uma avaliação geral, de contexto. Então, assim, só com essa informação não tem muito como a gente tomar uma decisão. Caberia a gente buscar mais informações pra*

gente ter um panorama mais completo, buscar auxílio da escola, alguma coordenação, alguém que possa auxiliar, pra gente pensar melhor sobre esse problema antes de tomar alguma decisão. Acho que a minha resposta é uma não resposta.

— Obrigado, Flávio. Concordo com as suas colocações — responde João, que continua: — Vou focar em uma delas, dado o nosso tempo. É muito verdadeiro quando você afirma que as professoras e professores não precisam pensar sozinhos. Acho que essa sua afirmação dialoga com a ideia de trabalho coletivo, ação coletiva. A ação individual muitas vezes acaba produzindo em nós a sensação de limitação. Discutir com os pares pode elucidar uma decisão, visto que podemos deixar passar despercebido algum fator importante. Fora que existem profissionais qualificados que podem somar diante dos nossos impasses e problemas. Bom, acho que falta a Gabriela, caso ela queira compartilhar o posicionamento dela.

— *Então, eu tô meia calada porque eu concordo com a resposta da Jelyeny também. Tipo, achei bem no ponto... esse negócio de colar a gente teria que ver um pouco mais a fundo o porquê, é uma questão bem séria. É isso.*

— Obrigado, Gabriela. João, o que você está pensando? Discutir caso a caso ou fazer uma discussão geral no final? — indaga Thiago.

— Acho que a gente poderia fazer uma discussão caso a caso. E você, Thiago, o que você faria?

— Eu iria dar 0 para os dois — brinca Thiago. — Eu mesmo já iria punir os dois alunos, iria dar uma suspensão de 15 dias.

— Coitado do André, hein?!

— Estou brincando — acrescenta Thiago, e comenta: — Me surpreenderam as respostas, na minha cabeça seriam diferentes. Com exceção do Flávio, vocês tiveram uma postura moralmente correta, quer dizer, é errado colar, eles colaram, mesmo que tenha uma intervenção escolar, vão avisar os pais. Não foi levado em consideração nas respostas algumas coisas, por exemplo, por que é errado colar? Quem que inventou que é errado colar? Outra coisa, por que decorar alguma coisa e passar para a folha é certo e colar é errado? Vou além, e estou aqui como o advogado do diabo mesmo, vamos imaginar que ao invés de André ter pegado a cola de Gustavo, ele estivesse com o caderno embaixo da mesa e a partir das anotações do caderno ele conseguisse fazer a prova... é considerado cola. Isso que ele fez, que é se virar com um conteúdo que ele tinha e fazer a prova, é considerado errado, mas decorar o resultado que deve ser colocado na prova é certo. Ficou pontual a discussão, mas quase em toda questão moral há uma possibilidade de discussão como essa. Uma outra coisa, por que o estudante cola?

Ele cola porque o modelo de avaliação proposto dá essa possibilidade. Se ele tivesse que produzir ao invés de reproduzir, ele não teria condições de colar. Não tem de onde copiar algo que ele tem que produzir. Vocês percebem que a questão moral está imbricada em coisas que a gente entende como ideais? Uma outra coisa, e aí vou chegar lá no Flávio... Se, por exemplo, olha que absurdo, se ao invés do aluno ter ficado sem chocolate, que é o que o Flávio sugeriu, ele tivesse apanhado durante quatro meses, qual seria a nossa resposta? Quando você pensa que algo está certo, você está em cima de premissas consideradas verdades impostas. Para Nietzsche, as verdades foram criadas em algum momento da sociedade e perderam seu contexto, mas ainda são tidas como verdades. “Colar é errado”, isso é uma verdade despida do seu contexto, da sua historicidade. Não importa se o estudante vai ficar de castigo, é considerado errado. Eu fiquei meio motivado com a discussão, vamos lá! Eu falei muito. Corte o meu microfone quando for assim, João.

— Que isso! Não vou te censurar como certas pessoas desse país não — “brinca” João.
— Foi muito legal ouvir a opinião de vocês. Uma ideia que eu tive quando pensei nessa situação é tentar verificar se realmente iriam condenar moralmente o ato da cola e esquecer do posicionamento dos pais do estudante. Esse era um ponto que eu pensei em trazer para a discussão com vocês. É interessante problematizar a questão da cola, mas também as outras morais que estão por trás do comportamento humano, considerando o contexto educacional. Eu não sei se vocês já tiveram contato, mas existe um tipo de avaliação que é feita com cola. Já tem alguns autores⁵ que discutem isso. Esse debate busca, dentre outras coisas, tencionar a moral. Isso pode ser um posicionamento ético. O Thiago está doido pra falar. Fique à vontade, cara.

— É que você está gravando, eu não posso falar muita coisa.

— Fique tranquilo, cara, depois a gente faz um filtro.

— Enquanto coordenador do curso, você nem imagina o que os professores reclamam pra mim. Prova em casa... Estudantes que são casados...

— Eles não compartilham a resposta um do outro, jamais.

— Não sei de nada.

— Mais alguém gostaria de fazer um comentário antes de irmos para a segunda situação?

⁵ Indico a pesquisa da Profa. Dra. Juliana Alves de Souza, apresentada, também, no seguinte texto: http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd8_Juliana_Souza.pdf

— Pois é, eu tô, eu jantei agora, eu estou chegando, tô esquentando ainda, é isso, tem muita coisa pra gente pensar — diz Flávio, que acrescenta: — Vamos frase por frase. A questão da amizade entre André e Gustavo, a questão dos pais... Será que às vezes a gente não teria que denunciar esses pais no Conselho Tutelar? A questão da avaliação, da prova, por exemplo, o Gustavo passou cola pro André, presume-se que o Gustavo tem algum conhecimento a mais do que o André em Matemática... Será que eles não poderiam colaborar um com o outro, aproveitar essa amizade e a partir dela estimular a aprendizagem? Refletir a questão da avaliação, só vale prova? Aí os números te definem: se você tirou 10, você é um bom aluno... Tudo que importa é a prova, passar de ano, nunca é o percurso, uma finalidade maior... E a gente está sempre adiando, né? Tem bastante coisa aqui que dá pra gente pensar.

— Com certeza...

— Ou...

— Desculpe, Thiago, pode falar.

— Eu só ia encher o saco do Flávio... O Flávio hoje está totalmente moralista, você viu? “Onde já se viu essa pouca vergonha, tem que avisar para os pais” Agora ele quer chamar o Conselho Tutelar...

— O Conselho Tutelar faz um trabalho também com as famílias... — Flávio se defende.

— Tô brincando com você, Flávio.

— Você tocou em um ponto importante, Flávio. Uma possibilidade seria justamente isso, fazer um trabalho com os pais. Porque como você disse na sua fala anterior, a nossa primeira atitude é punir, punir, punir. E se, por exemplo, a escola fizesse uma parceria com um centro de Psicologia? É interessante não ir pelo caminho mais fácil, ir por um caminho diferente do caminho da punição.

— Só pra gente pensar, né? Acho que vai desviar um pouquinho. Eu sempre falo assim, se alguém quisesse me dar o cargo de Ministro da Educação, se me dissesse que eu tenho liberdade para fazer o que eu quiser na Educação, eu não teria um modelo ideal de escola na minha cabeça. Na minha visão, isso é ótimo, se você tem um modelo ideal, você está esquecendo de muitas coisas. Mas, existem propostas, grosso modo, as escolas com gestão democrática, que é uma possibilidade para a escola. A escola, historicamente, é uma extensão das famílias, uma extensão da comunidade. Às vezes os pais não têm o conhecimento que os filhos e filhas precisam, aí surge a figura das professoras e professores. Vamos imaginar uma sociedade pequena, é necessário de um lugar para que as pessoas estudem, para que os conhecimentos sejam divulgados. Talvez, considerando a situação, seria necessária uma

intervenção da própria escola. O que ajudou esses quatro meses de castigo? O meu ponto é que dá pra conversar isso na escola. Trazer essa questão para uma discussão é melhor do que penalizar o aluno.

— *Eu pensei em algo, mas esqueci* — comenta Flávio.

— Sem problema, Flávio. Quando você lembrar, fique à vontade para compartilhar. Bom, acho que poderíamos ir para a segunda situação. Lembrou? — indaga João.

— *Então, até esse ambiente familiar, o clima dentro de casa, essa questão de muita expectativa em cima da criança, cobrança, muita pressão... Às vezes até isso está prejudicando o desempenho escolar dessa criança... Ele não vai bem, aí vai punir mais, isso vai gerar mais efeitos psicológicos negativos para a criança... Ela vai ficar mais pressionada, acuada, enfim, isso vai prejudicar o desempenho. É tipo achar, antigamente, né? A gente educa com a palmada, você pega a palmatória, a régua, aí se você não decorar a tabuada, você apanha, né? Olha, primeiro de tudo você vai ficar com medo, você não vai pensar em tabuada. Então, assim, os pais estão tentando seguir uma lógica, né? Que também foram ensinados assim, de punição. Na verdade, é isso que está prejudicando a criança. Então é isso, valeria buscar intervenções, da própria escola, da coordenação e, se for uma coisa mais grave, um Conselho Tutelar* — conclui Flávio.

— Eu acho que tem que punir mesmo e não estou brincando.

— Quem disse isso? — pergunta João.

— Fui eu, seu babaca.

— Antônio?

— Sim, seu lerdo.

— Você é aluno?

— Tudo bem, João? — questiona Thiago.

— O quê? Acho que sim. Acredito que a gente pode entrar na segunda situação. Eu vou compartilhar a minha tela, vou fazer a leitura com vocês e teremos alguns minutos para pensar sobre o assunto — diz João.

Situação 2:

Uma professora de Matemática compartilha com os estudantes que a cada dois dias uma mulher morre devido a abortos inseguros. Após ouvir a informação da professora, um aluno diz: “aborto é errado, além de ser um crime, vai contra os princípios cristãos”.

Se você fosse a professora, como lidaria com a fala do aluno?

— E aí pessoal, quem gostaria de começar? Quase me esqueci, esse dado apresentado pela professora é real. Pode falar, Flávio — completa João.

— Cara, eu acho que a gente tem que aprofundar o assunto. Eu joguei no Google aqui e achei, eu lembrava desse dado aí, deixa eu colar o link aqui. Como de costume, eu tenho as abinhas, já está nas mensagens, pessoal, pra todo mundo, descendo um pouquinho, vai estar lá os oito dados do aborto. A primeira informação é essa que você passou, mas tem o item 4 e tal, não teria como ser diferente, né? “As mulheres que abortam são em geral casadas, já têm filhos e 88% se declaram católicas, evangélicas, protestantes ou espíritas.”, quer dizer, a mulher que aborta não é um ente que desce de Marte, ela tá inserida dentro do nosso contexto, ela é uma mulher real. Ela é preta, branca, tem religião, ela não tem, alguma coisa a gente tem de informação sobre ela. Então, essa questão da religião, pra gente pensar o seguinte, a questão do aborto não é só uma questão da religião da pessoa, se a pessoa gosta ou não de criança, alguma coisa nesse sentido, quer dizer, são pessoas que já têm filhos, não têm condições, acho que seria o caso de aprofundar o debate sobre o aborto e, novamente, buscar auxílio de outros colegas. Por exemplo, às vezes tentar trabalhar essa questão junto à professora ou ao professor de Biologia, pra gente conseguir entender a questão da concepção, de até quanto tempo é possível fazer o aborto. Então, assim, acho que seria o caso de aprofundar o debate, trazer mais informações, né? Trabalhar em conjunto com outros colegas da área de Biologia, de Química, às vezes, para também compreender quimicamente como isso funciona. É um debate que não pode ser atravancado, as mulheres estão morrendo, independente de religião ou qualquer coisa, então não tem como parar o debate, né? A questão religiosa sempre vai entrar nesse tema, eu sugeri de falar junto à professora de Biologia, de Química, mas, por exemplo, é que não sobrou, né? Eles cortaram tudo, professor de Sociologia

tem na escola hoje em dia? Agora é reforma de Ensino Médio, reforma de não sei o quê, mas se sobrou algum professor de humanidades, trabalhar conjuntamente, porque a questão do aborto ela vem no sentido da regulação dos corpos das mulheres e isso está muito ligado à questão do nosso modo de produção capitalista, pra reprodução, aumentar o número de proletários, tem esse sentido muito ligado ao capitalismo. Às vezes, no momento da aula, você não vai conseguir dar uma resposta imediata, mas você consegue trabalhar isso ao longo do tempo, elaborar um projeto com as outras áreas, trazer esse tema depois, já mais maduro, mais trabalhado. Seria por aí.

— Eu acho que você tocou em um ponto muito importante, Flávio. Desenvolver um projeto com outras professoras e professores pode ser uma possibilidade interessante. Seria uma forma de colocar em xeque a moral que está por trás da fala desse aluno e que com certeza pode estar por trás da fala de outros estudantes. Não que a gente vá apontar o que é certo ou errado, a ideia é o convite ao pensamento. Também é pertinente levar essa discussão adiante, não ficar só naquele instante. E aí, galera, mais alguém quer compartilhar um posicionamento ou reflexão sobre a situação? Fique à vontade para falar, Valéria — enuncia João.

— *Eu acho, como professora, se fosse um aluno meu, teria todo um trabalho para ser feito com o aluno. Aconteceu um caso com a minha filha, que a professora de Educação Física namora uma mulher e ela tem piercing na região genital, na hora da educação física a bola bateu nela e ela comentou; e essa discussão foi para a escola toda, pras mães todas dessas alunas, então assim, o assunto aborto é um assunto, eu acho, que tem que ter um extremo cuidado pra ser falado, porque você não sabe a situação da mãe que abortou ou da mãe que quer fazer um aborto, que nem o Flávio comentou. Eu não acho, na pesquisa pode ter esse resultado, mas eu acho assim, você não ter o apoio da pessoa do seu lado, não que isso acontece comigo, porque eu criei dois filhos sozinha, não tenho necessidade de ter apoio de homem nenhum para falar se eu vou ou não ter meus filhos. Mas eu acho assim, tem todo um contexto, tem tudo, o que aconteceu para surgir aquele aborto? Eu não posso dizer que eu sou contra ou a favor do aborto, em situações eu sou a favor, em outras eu não sou a favor. Então, eu acho assim, é um assunto extremamente delicado de ser falado, eu teria o maior cuidado para falar com o meu aluno, porque poderia, um assunto talvez, poderia ter acontecido, como esse caso que aconteceu na escola.*

— Muito obrigado, Valéria — agradece João, que continua: — Eu concordo com você, acho que temos que ter cuidado com qualquer assunto que vamos tratar na escola, realizar um planejamento minucioso. Em relação à situação, a professora compartilhou um dado estatístico

que diz que a cada dois dias uma mulher morre devido a um aborto inseguro. Não temos uma lei que garante o aborto seguro, ou seja, a mulher não tem a liberdade de escolher. Mas é fato que elas estão abortando. Quem deve decidir sobre continuar com a gravidez ou não é a própria pessoa grávida.

— É um assunto difícil — pontua Thiago. — Do ponto de vista das leis, o aborto é proibido. Acho que existem três casos em que são permitidos: quando há risco de vida para a mulher, causado pela gravidez; quando a gravidez é resultante de um estupro; e se o feto for anencefálico⁶. Do ponto de vista dos costumes cristãos, também é considerado errado, mas, independentemente disso, as mulheres estão abortando, entende? Tem muita coisa que é proibida, é crime, e as pessoas fazem... Isso, inclusive, cai na discussão de moral e Ética. É uma questão de saúde pública, independentemente da legalidade e da moralidade, elas estão abortando. Não é o meu lugar de fala, mas se eu fosse mulher, não é porque eu defendo o aborto que eu queira abortar, entende? Uma coisa é você defender o aborto, outra coisa é você querer abortar. Você não é obrigada ou obrigado, no caso dos homens trans, a abortar. Vou dar um outro exemplo, eu sou totalmente a favor da legalização das drogas, mas nunca usei e não tenho vontade de usar. Mas, para finalizar, acho importante afirmar que a questão principal não é ser a favor ou contra o aborto, a questão principal diz respeito a descriminalização do aborto. Infelizmente ainda hoje a mulher não tem escolha total se quer ou não continuar uma gravidez. O pior de tudo é que essa escolha é barrada por homens. Pode falar, Flávio — diz Thiago.

— *O aluno parte da premissa que é crime. Então, assim, como vai dando pra gente encaixar debates paralelos, um novelo de fio, uma coisa vai puxando a outra. Porque dá pra gente discutir a ética das leis e da justiça. A escravidão, a colonização, era tudo legalizado. Assim, não dá pra gente tirar parâmetro de ética das leis. Daria pra gente discutir isso, quem faz as leis? Quem ocupa o trono do poder são homens, brancos, cristãos, heterossexuais, cis normativos, então, assim, a gente vai usar a régua deles, de quem domina. De um tema dá pra gente discutir a ética de outros aspectos, do ponto de vista da lei, as leis são justas? Quem faz as leis? Quem tem o poder de mudar as regras do jogo?*

— Flávio, só pra comentar uma outra coisa que eu acho que tem a ver com o que você falou, quase que a gente pode falar que a lei é “A moral”. A lei é a moral institucionalizada. Se a gente for pensar pelas ideias de Foucault, existem discursos, uma regra moral é um discurso

⁶ Infelizmente em 2024 as mulheres levaram mais uma rasteira desse sistema patriarcal e misógino. A PL 1904/24 equipara o aborto realizado após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio simples, inclusive nos casos de gravidez resultante de estupro: <https://www.camara.leg.br/noticias/1071458-projeto-de-lei-preve-pena-de-homicidio-simples-para-aborto-apos-22-semanas-de-gestacao/>

social e esse discurso é formado pelos enunciados, enunciados escritos e não escritos. A lei seria um dos enunciados que formam uma regra moral. Existem outros enunciados. Em relação ao aborto, existe o enunciado da lei, o da igreja, o familiar e outros.

— Eu fiquei pensando também que as leis, que Flávio e Thiago comentaram, se aproximam da ética kantiana, porque ele pensa a ética como busca por universais, como algo que pode ser aplicado a todos e todas. Antes de prosseguirmos, eu gostaria de fazer uma indicação do livro “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, de Sueli Carneiro. No livro, tem um capítulo intitulado “Gênero” no qual ela escreve sobre aborto. A autora cita dois posicionamentos sobre o aborto que são de revirar os olhos. Vou compartilhar um deles com vocês. A autora escreve o seguinte nas páginas 131 e 132: “A descriminalização do aborto, uma bandeira histórica do movimento feminista nacional, encontrou nova e perversa tradução de política pública na voz do [então] governador do estado do Rio de Janeiro (...). O governador defende a legalização do aborto como forma de prevenção e contenção da violência, por considerar que a fertilidade das mulheres das favelas cariocas as torna ‘fábricas de produzir marginais’. Uma reivindicação histórica dos movimentos de efetivação dos direitos reprodutivos das mulheres e de reconhecimento do aborto como questão de saúde pública sobre a qual o Estado não pode se omitir é pervertida em proposta de política pública eivada de ideologia eugenista destinada à interrupção do nascimento de seres humanos considerados potenciais marginais. No lugar do respeito ao direito das mulheres de decidir sobre a própria concepção, coloca-se como diferença radical de perspectiva a indução ao aborto, pelo Estado, como ‘linha auxiliar’ no combate à violência.” Esse posicionamento, sem fundamento e antiético, é só um dos muitos que atrapalham o movimento das mulheres citado pela autora. Eu e Thiago recomendamos essa leitura e que ela seja porta de entrada para o aprofundamento do debate. Podemos ir para a terceira situação?

— Acho que sim — afirma Thiago.

Situação 3:

Um professor de Matemática começa a revisar alguns conteúdos para o ENEM e percebe que uma aluna não está participando da aula. Diante da postura da aluna, o professor indaga por que ela não está participando e ouve a seguinte resposta: “não tem porque eu participar, meu pai disse que não vai me deixar fazer o ENEM porque mulher não deve fazer faculdade”.

Se você fosse o professor, como lidaria com a fala da aluna?

Referências:

MULINARI, Filício. O que é ética? Um breve resumo. Youtube, 5/04/2021. Disponível em: <https://youtu.be/5Z_sxhM800s>. Acesso em: 18 nov. 2021.

— E aí, pessoal, o que vocês fariam? Pode falar, Flávio — diz João.

— *Não sei nem o que falar, cara... Esse é o problema, acho que chorar primeiro, né? Acho que agora sim a gente pode chamar o Conselho Tutelar, né?* — brinca Flávio. — *Você vê, assim, a pessoa tem as asas cortadas, uma impossibilidade de perspectiva, de futuro, de decidir sua própria vida, um componente grave disso. Porque, assim, você pode falar “Você pode fazer sim. Mulher pode fazer o que ela quiser. Lugar de mulher é onde ela quiser.”, mas e a consequência disso? Ela vai ser expulsa de casa? Ela vai pra onde? Ela vai ter acolhimento? Ela vai ter abrigo? Uma casa de alguém pra ir? Então, assim, eu acho que individualmente a gente não vai conseguir resolver essa questão, a gente não vai dar conta. Acho que a gente não tem competência pra isso, a gente não tem meios, a gente professor de Matemática. Mas a pessoa tem que ter a possibilidade de fazer escolhas sobre a própria vida, acho que deve ter alguma intervenção, não pode também ser deixado de lado, né? Mas eu acho que a gente não tem habilitação pra isso. Novamente, seria o caso da gente buscar ajuda para*

mediar essa situação, com a escola, com a coordenação, com o Conselho Tutelar, pra gente poder ajudar essa aluna da forma que a gente puder. Pra que não chegue a esse ponto de perder a aula de uma coisa que ela não tem nem perspectiva de que ela vai poder dar prosseguimento com aquilo, com os estudos.

— É tenso mesmo, Flávio. Eu congelaria se ouvisse isso, iria ficar em choque. Eu já escutei de uma amiga minha que a mãe dela já passou por isso, é muito mais frequente do que a gente imagina. A visão do pai da aluna da situação é uma visão enraizada no imaginário de muitos homens. A gente vai se deparar com ela durante o exercício da profissão e na vida. A meu ver, deveria ser feito um trabalho com esse pai e, no contexto educacional, com os estudantes homens... Alguém mais gostaria de compartilhar o seu posicionamento? Fique à vontade, Gesley — acrescenta João.

— *Boa noite, pessoal, estão me ouvindo?*

— Sim.

— *Esse tema aí me fez lembrar, né, Thiago, que temos quase a mesma idade... Me fez lembrar de quando eu era molecão, principalmente de final de semana quando reunia a família, naquele almoço de domingo, a minha mãe, minhas tias passavam essa situação. Minha mãe tem quinta série, ensino fundamental, porque, pensamento ignorante do meu finado vô: “Mulher é pra ficar em casa, lavando, cozinhando.”. Minha mãe fala até hoje, com a maturidade que ela tem hoje, que ela teria revidado, que teria um futuro melhor, minha mãe teve uma criação de sítio, ela passou por diversas dificuldades, até fome eu e meus irmãos já passou, pra vocês terem uma ideia. Meu pai teve quarta série do primário, passou muitas dificuldades.*

— Obrigado, Gesley. Nossas avós, nossas mães passaram por situações muito tristes, muito cruéis. Minha mãe já passou por cada situação que não tenho nem vontade de falar. Acho que eu vou repetir o que eu disse antes: isso mostra o quanto temos que discutir, também, masculinidades. Acho que a gente pode levar essa temática para as nossas aulas. Fique à vontade, Valéria — diz João.

— *A gente fala assim: “Fiquei sem palavras”. Acho que é um absurdo tão grande você ver uma coisa dessa escrita. Meu pai era muito rígido, eu falo assim, eu nasci e morrerei em outra época, quando fala assim, “Em que época você nasceu?”. Eu nasci antigamente, porque eu fui criada tão diferente do que as crianças são criadas hoje, eu fui criada totalmente diferente; eu não podia brincar com meninos, eu não podia falar ou estudar com meninos. Então era muito limitada a minha socialização. Então, sobre a questão da escola, graças a*

Deus, meu pai sempre falava “Tem que estudar, tem que conseguir suas coisas.”, isso eu não posso reclamar nunca do meu pai, sobre estudo. Então, quando eu ouvi isso, se eu fosse professora dessa aluna, eu tentaria de toda maneira, se fosse vontade dela, se ela quisesse fazer o ENEM, eu buscaria um meio de ajudar ela, porque as mulheres foram criadas tão submissas, porque às vezes, tipo assim, não é porque não queira fazer, ela foi ensinada, a cultura dela é daquela maneira, às vezes pela maneira de ser criada... Tem vários tipos de mulheres, tanto que quando meu pai morreu, minha mãe... Meu pai já vai fazer 21 anos que morreu, minha mãe não casou novamente, ela não tem vontade de ter um marido, acho que ela foi criada tão submissa que depois que ela conseguiu a liberdade dela, ela não tem a necessidade de dar satisfação para qualquer homem que seja... Então, acho assim, na hora que eu vi esse texto, eu fiquei sem palavras, eu tentaria ajudar essa aluna, que ela tivesse um estudo, que ela conseguisse, se for o sonho dela se formar, eu faria o possível, eu tentaria conversar com o pai, é bem complicado uma pessoa com uma criação dessa, de não deixar a filha fazer faculdade. Eu tentaria, no meu modo, ajudar.

— Eu gostaria de pontuar que parece que há uma inversão da moral e da ética nessa terceira situação — comenta Thiago, que continua: — Nas duas primeiras, tínhamos morais muito fortes e muito seguidas socialmente; já na terceira situação, que foi sugerida pela Amanda, o mérito é todo dela, é uma moral enfraquecida. As morais podem sofrer esse tipo de enfraquecimento com o passar dos anos. Ainda bem. As leis que afirmam a igualdade entre as pessoas, por exemplo, ajudam a enfraquecer a moral por trás de discursos machistas em torno do posicionamento do pai da aluna da situação analisada. Isso mostra como a linearidade e a universalidade nem sempre se aplicam às relações humanas. Apesar do fortalecimento de grupos reacionários nos últimos tempos, que buscam reacender morais enfraquecidas, tenho a esperança de que daqui a alguns anos não ouviremos relatos de casos como esse. Mas é preciso muito trabalho para tal.

Flávio pede a palavra.

— *Pra gente pensar, levando em consideração as classes sociais, por exemplo, a questão do aborto, teve a revolução proletária na Rússia em 1917, depois tem um período de guerra civil, mas em 1920 foi legalizado o aborto, então a Rússia, então União Soviética, foi o primeiro país do mundo a legalizar o aborto sob qualquer circunstância. Era o interesse das mulheres proletárias, essa vontade pôde se efetivar, por exemplo, quando começou o capitalismo. Antigamente, nos primórdios, trabalhavam crianças, mulheres e homens nas fábricas, 16 horas por dia, sem segurança nenhuma. Aí a gente poderia pensar assim “Era a*

moral da época, eles não se importavam em trabalhar 16 horas...”, quando na verdade não; se dependesse da vontade dos trabalhadores, isso não aconteceria. Isso vai sendo conquistado, a jornada de 8 horas, redução da jornada de trabalho, mais segurança. Então, assim, os trabalhadores vão se organizando, conquistando os direitos. No caso da Rússia, teve a revolução, as mulheres puderam colocar suas pautas, aí já não era mais só a pauta do homem branco, capitalista. Então, assim, às vezes a gente relaciona muito a uma questão de época, quando na verdade, dadas certas condições de desumanização, de exploração, de opressão, na verdade, isso acaba acontecendo de uma forma desigual. Porque um tem o poder para impor essas condições precárias e a outra classe ainda não tem condições de reagir, de mudar essa situação, mas não porque é uma moral dessa classe oprimida, é porque eles não têm condições de colocarem suas demandas e efetivarem o que eles gostariam que fosse. Nós, oprimidos, temos nossa moral e a burguesia tem a deles. A gente vive esse tempo com essa moral, a gente vive essa época dentro dessas determinações de classe, dessas relações de poder.

— Você foi cirúrgico, Flávio — afirma João, que acrescenta: — Realmente não podemos considerar as morais uma questão de época e simplesmente aceitá-las. É preciso de Ética e posicionamento crítico, senão caímos na armadilha perigosa da neutralidade, mesmo tratando-se de um olhar para a História. Pessoal, eu e Thiago gostaríamos de varar a noite discutindo Ética e moral com vocês, mas muitos de nós vamos acordar cedo amanhã. As políticas públicas de auxílio estudantil têm que melhorar muito para tal. Na próxima aula, discutiremos a intolerância religiosa. Até mais.

Estamos sozinhos no universo? Encontraremos a cura para o câncer? Por que Exaltasamba toca pagode e Zeca Pagodinho toca samba? Perguntas como essas frequentemente afrontam o imaginário humano. No entanto, naquela tarde ensolarada de fevereiro de 2019, João, um “serumaninho” que estimo grandemente, preocupava-se com uma questão mais importante: conseguir alugar um imóvel acessível e próximo de seu local de estudos. Depois de andar horas e tendo alguns fracassos pelo caminho, conseguiu uma boa notícia ao contatar Roberta, responsável por um “condomínio” de kitnets. Quando chegou ao local pela primeira vez, João se deparou com um conjunto de 10 kitnets semelhantes, vestido por um verde discreto e cercado por um muro alto com cerca elétrica. Depois de alguns acertos burocráticos, comuns à locação de qualquer residência, João assinou o contrato, que estabelecia as seguintes regras:

Tendo em vista que o imóvel pertence a um condomínio, tendo áreas em comum, ficam todos os locatários responsáveis por:

- a) Manter a limpeza da área externa;
- b) Manter os portões sempre fechados;
- c) Evitar discussões ou qualquer barulho que atrapalhe os locatários;
- d) Não é permitido crianças residindo no imóvel;
- e) Não é permitido ter no imóvel animais domésticos, tais como: cachorros ou gatos;
- f) Evitar música, obedecendo ao horário permitido por Lei, ou seja, até às 22:00, ou qualquer tipo de som alto e, no caso de ter alguma festa, avisar os demais locatários;
- g) O estacionamento pertence a todos os locatários;
- h) Não autorizar a entrada de estranhos após as 22:00, para não perturbar o descanso dos moradores;
- i) O imóvel destina-se exclusivamente a RESIDÊNCIA, não podendo ser mudada a sua destinação;
- j) É expressamente proibida a montagem de varal na parte externa do condomínio e instalação telefônica via aérea, o descumprimento desta cláusula acarretará multa contratual.

Algumas horas após João assinar o contrato, recebi sua ligação anunciando as boas novas. Falamos, como sempre, brevemente. Usar poucas palavras sempre foi uma característica de nossas conversas. Em algumas delas, trocamos pequenas frases intervaladas por um silêncio que, por incrível que pareça, não nos constrange.

Em breve, João fará 23 anos. Se eu fosse obrigada a anunciar uma única característica dele, sem pensar duas vezes, diria que ele é calmo. Dá para contar nos dedos as vezes em que eu o vi se alterar. Tomara que isso se mantenha até os seus últimos suspiros.

João nasceu no interior do estado de São Paulo, em uma cidade chamada Neves Paulista. Porém, passou grande parte da sua vida em uma cidade a poucos quilômetros dali, em uma terrinha chamada Jaci. Desde criança ele gosta da agitação, e eu gastaria boas linhas contando as suas peripécias, porém, nos espaços institucionais (como escola, igreja, etc.), sempre foi comportado. A meu ver, ele sempre se adaptava ao ambiente. Desde pequeno João era amante do futebol, vivia jogando bola na rua após chegar da escola e, em alguns momentos, a bola era substituída pela pipa ou pelo carrinho de rolimã.

Lembro que desde os seus primeiros anos escolares, ele demonstrava afinidade com a disciplina de Matemática. Nos inícios das aulas de Matemática do terceiro ano do ensino fundamental, por exemplo, quando a professora fazia perguntas da tabuada, ele respondia as suas e sussurrava para os coleguinhas próximos. Nos anos seguintes, João participou de Olimpíadas de Matemática e durante as aulas aconteceu o que acredito ter sido decisivo para que ele escolhesse ser professor: terminava rapidamente os seus exercícios e ajudava os demais colegas. Ainda na educação básica, participou de um curso de iniciação científica, realizado na

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de São José do Rio Preto, após ter realizado as etapas da 6ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP 2010).

21/06/2020

Hoje estava lembrando daquela quinta-feira, 06 de junho de 2019, dia em que comecei a morrer. Terminei a aula de pós-humanismo e corri para o restaurante universitário, pois logo em seguida teria reunião do grupo de pesquisa. Durante o almoço, comecei a perceber que tinha algo diferente acontecendo comigo. Senti que meus sentidos estavam mais aguçados. Parecia que eu tinha o poder de escutar todas as conversas, mesmo estando a muitos metros de distância. Achei ser coisa da minha cabeça. E era. Ignorei o ocorrido e apertei os passos para chegar à reunião. A reunião começou, algumas pautas foram discutidas e dei uma sugestão para uma amiga, referente a um de seus capítulos da dissertação. Quase no final da reunião, tive uma sensação que pode ser descrita com duas indagações: onde estou? O que eu estou fazendo aqui? Mais uma vez, ignorei. Ao terminar a reunião, me dirigi para a sala onde seria o seminário quinzenal. Gostei muito do tema, mas discordei da perspectiva do palestrante. *Onde ele estava com a cabeça ao dar brecha para o viés classificatório e excludente em sua fala?* Faço um esforço para visualizar os pontos positivos da palestra, tudo em vão. Não me segurei e fiz uma pergunta-crítica ao doutor. Essa não foi a pior parte. Ao final do seminário, senti uma forte dor de cabeça. Dessa vez, não pude ignorar. Saí rapidamente da sala sem me despedir de ninguém. Ao chegar em casa, fui direto para a cama.

Em 2014, João iniciou a graduação de Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Paranaíba. A escolha do campus de Paranaíba se deu devido à relativa proximidade da cidade de seus pais. A graduação foi uma etapa formativa que proporcionou a ele momentos muito singulares. Além das disciplinas e eventos, participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sob orientação do Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues, professor este que se tornou seu amigo. Participar do PIBID foi crucial para que ele desenvolvesse o gosto pela pesquisa em Educação Matemática.

Paralelamente às reflexões e práticas da Licenciatura em Matemática, João participou de atividades e leituras em outros cursos (Administração e Psicologia) do campus. Dessa interação interdisciplinar, ele desenvolveu um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Avaliação comparativa dos níveis de depressão e ideação suicida nas variáveis sociodemográficas, psicossociais e comportamentais”, em parceria com o Prof. Dr. Elton Gean Araújo; e participou do projeto de pesquisa e extensão “A Psicologia no trabalho familiar-comunitário em rede para o manejo de situações-problemas, a proteção integral e a promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes em Paranaíba-MS”, coordenado pelas professoras Dra. Renata Bellenzani e Dra. Jassonia Lima Vasconcelos Paccini, o qual propiciou importantes experiências, referentes ao trabalho em rede dos serviços públicos oferecidos no município.

Recordo das conversas com João nesse período. Ele sempre pareceu animado. Acredito que isso se deve ao fato de que houve uma mudança drástica em sua vida após mudar-se para Paranaíba.

Na graduação, João fez muitos amigos e amigas, alguns eu até conheci. Foi a festas, ficou bêbado pela primeira vez, conheceu a primeira namorada, matou aulas (algumas para estudar para alguma prova ou fazer um trabalho), aprendeu a gerir a própria casa, dentre outras coisas que ele não me contou.

Após a conclusão do curso, João decidiu dar continuidade aos estudos. Para tal, se aproximou, em 2018, do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM), da Unesp, campus de Rio Claro, como aluno especial nas disciplinas: Infância e Linguagem – Cultura e Processos Imagéticos (lecionada pelo Prof. Dr. César Leite) e Tecnologias Digitais e Educação Matemática (lecionada pela Profa. Dra. Rosana Giarretta Sguerra Miskulin). Mesmo não tendo êxito no processo seletivo, ele me contou que é imensamente grato pela forma como foi recebido em tal programa e pelos amigos e amigas que fez nesse período.

Em janeiro de 2019, um mês atrás, João recebeu uma mensagem que muito lhe agradou. Na ocasião, o professor Thiago lhe comunicou que estava aberto o processo seletivo para o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da UFMS, Cidade Universitária, e o convidou para que participasse e retornassem à parceria da graduação. Como era de se esperar, ele ficou muito feliz, lembro-me como se fosse hoje do momento em que me deu a notícia. Prontamente começou a desenvolver o pré-projeto e no começo deste mês viajou para Campo Grande para participar do processo seletivo. Ele foi aprovado e está prestes a se mudar para um pequeno condomínio de kitnets.

Com o passar dos dias, João começou a notar que, de acordo com suas “possibilidades”, os locatários descumpriam pelo menos um dos itens do contrato e contribuíam para a constituição de uma ocupação singular daquele território, quase que paralelamente às normativas instituídas pelo contrato.

João descumpriu a primeira regra, ou melhor, de acordo com seu tempo disputado pelas atividades acadêmicas, ampliou o intervalo de tempo em que varria a entrada de sua residência, a sétima kitnet. Por sua vez, Diones, um jovem rapaz detentor do sorriso mais contagiante do condomínio, que habitava a kitnet oposta à de João, impecavelmente limpava a frente de sua casa. Porém, de modo audacioso, descumpria a quinta regra ao alegrar seus dias com a companhia de um *canis lupus familiaris*, também conhecido como Monstro, o cachorrinho fora da lei.

Nas duas residências à esquerda da casa de Diones e Monstro, moravam outros infratores, os infratores ecléticos: Caio, Cíntia, Michel, Marcones e Matheus, jovens universitários que frequentemente se reuniam após as aulas para socializar e desfrutar de um bom som, que variava do rock ao funk. Para eles, “evitar música” (sexta regra) era impensável. Frequentemente, a musicalidade do quarteto atraía outros locatários, fortalecendo laços de amizade e deixando ainda mais diversa a salada de estilos que ecoava pelos corredores do condomínio.

Mostrando que a desobediência não depende da idade, o casal de idosos formado por Joaquim e Isaura também desobedeceu a uma das regras mais difíceis de ser seguida por um casal de avós: ambos recebiam a visita, por longos dias, de sua netinha nas férias de inverno, tornando-os descumpridores do quarto item do contrato.

Havia ainda o infrator Vinicius, que morava duas casas à esquerda de João. A infração de Vinicius facilmente desbancava seus vizinhos desobedientes se fosse realizado um ranking dos maiores descumpridores do contrato, visto que tal inquilino descumpria a última regra: estendia roupas em um varal desmontável na área externa do condomínio. Imperdoável.

Ao lado da casa de João, morava Sandra, uma simpática idosa que desobedecia a nona regra do contrato, visto que utilizava uma parte de sua residência como local de trabalho, no qual produzia peças de roupas para complementar a sua renda. Sandra tem o cabelo curto, corte que a acompanha desde os anos 70. Seus olhos castanho-escuros já assistiram momentos memoráveis da história brasileira e, claro, shows de rock inesquecíveis.

Ao chegar da universidade, no final de uma tarde calorenta, João topou com Sandra, que estava sentada tomando tereré⁷ ao pé de uma deslumbrante pitangueira que embelezava as adjacências da primeira casa.

— Boa tarde, moço, tudo bem?

— Tudo sim, e com a senhora?

— Tudo bem também, meu filho. Reparei que você é novo aqui no condomínio. Qual o seu nome?

— É João, e o seu?

— É Sandra, mas pode me chamar de Dinha, todos me chamam assim. Aceita um tereré?

— Eu tomei poucas vezes, pois sou de um estado que não tem muito o costume de tomar, mas vou aceitar sim. Espere só um pouquinho que vou deixar a minha bolsa em casa e buscar uma cadeira.

— Faça isso, meu filho. Enquanto isso vou preparar o tereré pra você.

Alguns minutos depois...

— Voltei, Dinha. O que a senhora faz da vida?

— Eu sou professora de Filosofia aposentada e, para completar a minha renda, faço roupas para vender. E você?

— Eu também sou professor, mas de Matemática. Estou iniciando o mestrado em Educação Matemática.

— Fico feliz em conhecer um companheiro de profissão. Em relação à sua pesquisa, você pretende compor na companhia de quais autores?

— Gilles Deleuze e Félix Guattari são alguns que eu tenho em mente, mas acho eles muito difíceis. Eles escrevem de maneira muito enigmática.

— Eu amo as obras deles. Se eu fosse você, não desistiria tão fácil, leia quantas vezes for preciso. Tem um conceito deles que eu gosto bastante, que é o de literatura menor, que você pode encontrar em “Kafka: Por uma literatura menor”, publicado em 1975. Você gostaria de ouvir uma idosa apaixonada por Filosofia falar sobre ele?

— Claro, Dinha, seria um prazer!

— Eu tenho algumas anotações de várias leituras que fiz, vou buscar e já volto.

Dinha se levanta lentamente e se dirige até a sua kitnet. Alguns minutos depois, retorna com um caderno grosso com os rostos dos Beatles na capa.

⁷ Bebida feita com a infusão da erva-mate em água fria.

— Voltei, pimpolho. Deixe-me ver por onde começo... Deleuze e Guattari propuseram o conceito de literatura menor como modo de analisar a obra de Franz Kafka, um autor judeu, nascido em Praga (capital da atual República Tcheca), que se apropriou de modo estratégico da língua alemã em tempos de dominação estrangeira, subvertendo-a e construindo a partir dela uma literatura outra. Porém, *uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior*⁸. Além disso, uma literatura menor é marcada por três importantes características: a desterritorialização da língua, a ramificação política e o valor coletivo. A compreensão do conceito de desterritorialização da língua pode ser auxiliada com a apresentação do conceito de território, João. *A noção de território pode ser entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.*⁹ Assim, a desterritorialização é um movimento no qual há um deslocamento de um território a outro ou, ainda, se produz um novo território a partir de um território anterior. Portanto, a desterritorialização da língua é um processo de subversão da língua central e desintegração de suas territorialidades bem definidas. Estou indo rápido demais?

— Não, não, Dinha. Estou acompanhando.

— Que bom. Continuando, ao subverter uma literatura maior, a literatura menor produz um ato político, torna-se política, *não que uma literatura menor traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta, mas ela própria, pelo agenciamento que é, só pode ser política. Sua existência é política: seu ato de ser é antes de tudo um ato político em essência.*¹⁰ Na literatura menor, a coletividade predomina sobre as individualidades. A literatura adquire função de enunciação coletiva e revolucionária, deslocando o artista de sua posição de centralidade e abrindo espaço para o protagonismo da comunidade como um todo. *A máquina literária substitui assim uma máquina literária futura, não inteiramente por razões ideológicas, mas porque somente está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva*

⁸ Deleuze e Guattari (1977, p. 25)

⁹ Guattari e Rolnik (1986, p. 323)

¹⁰ Gallo (2002, p. 172)

*que faltam em toda parte neste meio: a literatura tem a ver é com o povo.*¹¹ De maneira resumida, esse é o conceito de literatura menor, João.

— Achei muito interessante esse conceito, Dinha, vou buscar conhecê-lo mais a fundo. Acho que gastarei um bom tempo na parte da desterritorialização. Ele me fez lembrar de autores e autoras como Carolina Maria de Jesus e Sérgio Vaz. Gosto de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, de Carolina e “Flores de Alvenaria”, de Sérgio. Você os conhece?

— Conheço a Carolina. Sei que nasceu no interior de Minas Gerais, em uma comunidade rural e é filha de pais analfabetos. Sei também que foi maltratada durante a infância, mas aos sete anos frequentou a escola. Em pouco tempo, aprendeu a ler e escrever e desenvolveu o gosto pela leitura. Após a morte da mãe, mudou-se para São Paulo. Desempregada e grávida, mudou-se para uma favela da Zona Norte da capital paulista. Trabalhava como catadora de papel e, nas horas vagas, registrava o dia a dia da favela em cadernos que encontrava no material que recolhia. Um desses diários deu origem ao seu primeiro livro, “Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada”, publicado em 1960.¹²

— Estou impressionado pela quantidade de detalhes, Dinha. Como você sabe tudo isso?

— Ela é uma amiga de longa data.

— Como assim?!?! Me conte tudo! Como vocês se conheceram? Você precisa me apresentar para ela.

— Calma, menino. É uma história demorada. Tudo bem se continuarmos a nossa conversa outra hora? É que eu vou ver a minha novela, nem só de filosofia e literatura viverá o ser humano.

— Claro, Dinha, sem problemas. Boa novela!

22/06/2020

Acho que vou continuar escrevendo sobre a minha morte, talvez eu lembre de outros detalhes. Na sexta, acordei tarde, o que fez com que eu perdesse a aula de Elaboração de Projetos. A professora Fernanda deve ter estranhado. Na hora do almoço, recebi uma mensagem dos amigos de turma com uma foto de todo o grupo e perguntas do porquê eu faltei. Eu

¹¹ Deleuze e Guattari (1977, p. 27)

¹² www.youtube.com/watch?v=W5ONEEzm7wI&list=PL5F—jMTgXHoO0I_KUhRsvJJa3449sn05&index=3

raramente faltava. Não me lembro como foi o período da tarde, só sei que não fui à aula de Didática da Matemática. O final de semana chegou, não ocorreu nada fora do comum. Na segunda, algo estranho aconteceu. Liguei o computador, abri um PDF e comecei a ler. Durante a leitura, tive a sensação de que estava entendendo com mais facilidade, que estava muito inteligente. A morte é traiçoeira. No decorrer do dia, aconteceu outra coisa, um pouco pior. Achei que alguém estava me vigiando, que tinham hackeado meu celular e notebook. Coloquei meu celular para carregar e depois de um certo tempo ele não carregou quase nada. *Estão tentando cortar a minha comunicação*, pensei, já em pânico. Tentei ignorar. Tudo em vão. Durante a noite, se instaurou uma mania: comecei acreditar que se ao invés de dormir de lado, como eu sempre fazia, se eu dormisse de barriga para cima, iria aguçar os meus sentidos. Assim o fiz.

Naquela noite, depois da conversa com Dinha, João não parou de pensar que estava a uma pessoa de distância de Carolina Maria de Jesus. *Isso é surreal!*, pensou animado. Um pouco antes de dormir, depois que a euforia diminuiu e de ter comprado “Quarto de Despejo”, João deu continuidade na leitura de “Poemas de Recordação e Outros Movimentos”, de Conceição Evaristo. Pela manhã, recebi dele o seguinte presente:

Na mulher, o tempo

*A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.*

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:

- dos pingos lágrimas

à plenitude da vazante.

E no fluxo e refluxo de seu eu

viu o tempo se render.

Viu os dias gastos

em momentos renovados

d'esperança nascitura.

Viu seu ventre eterno grávido,

salpicado de mil estrias,

(só as contáveis estrelas)

em revitalizado brilho.

E viu que nos infindos filetes de sua pele

desenhos-louvores nasciam

do tempo de todas as eras

em que a voz-mulher

na rouquidão de seu silêncio

de tanto gritar acordou o tempo

no tempo.

E só,

só ela, a mulher,

alisou as rugas dos dias

e sapiente adivinhou:

não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos

ele se guardou de uma mulher

a outra...

E só,

não mais só,

recolheu o só

da outra, da outra, da outra...

*fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.*¹³

Os dias passaram e tudo parecia corroborar para a manutenção das formas de vida que os locatários constituíam. No entanto, em uma desprestigiada segunda-feira, os celulares dos desobedientes anunciaram uma mensagem de Roberta, na qual comunicava que, após passar pela rua do condomínio, percebeu que algumas regras do contrato estavam sendo descumpridas e que medidas necessárias poderiam ser tomadas para a manutenção da ordem.

Inconformado com a mensagem, João decidiu encontrar-se com Roberta para defender os seus companheiros de condomínio. Após pagar o motorista do Uber, deparou-se com a fachada amarela do escritório. Depois de ser recepcionado e aguardar alguns minutos, foi recebido.

— Bom dia, João! Tudo bem? Sente-se.

— Bom dia, Roberta. Tudo sim, tirando uma coisa, que inclusive é o motivo da minha vinda até aqui.

— Pois bem, conte-me por gentileza.

— Então, trata-se da mensagem que você enviou, acredito que para todos do condomínio. Eu decidi vir até você, porque acho que ocorreu um mal-entendido. A meu ver, não há necessidade de serem tomadas medidas punitivas, as coisas andam muito bem no condomínio.

— Tenho que discordar, João. Não foi o que me pareceu quando passei por lá esses dias, eu ouvi música tocando, vi um cachorro, uma criança, varal de roupa no corredor, fora as coisas que passaram despercebidas por eu estar no carro. Muitas regras do contrato estavam sendo descumpridas.

— Mas isso não atrapalha ninguém, não vejo motivos para advertências.

— Não importa, minha obrigação é manter o cumprimento do contrato, são ordens do meu empregador.

¹³ Evaristo (2017, p. 38-40)

Vendo que não teria sucesso, João retorna desolado para casa. Ao passar cabisbaixo pela janela da casa de Dinha, a avistou lavando as louças da noite anterior.

— Oi, João. O que aconteceu, meu filho?

— Oi, Dinha. Acabei de voltar do escritório da Roberta. Tentei explicar que o modo como vivemos no condomínio nos faz bem e que não há necessidade de se recorrer ao contrato, mas foi em vão.

— Entendo. Eu também recebi a mensagem e fiquei pensativa. Você tem um tempinho para conversarmos? Aceita um cafezinho?

— Aceito, Dinha, por gentileza.

— Pensando no seu ato solitário de ir até a Roberta, vou dizer algumas coisas que podem te ajudar, ou melhor, nos ajudar. Como uma boa admiradora do saber filosófico, a primeira delas trata-se de Filosofia, mas desta vez relacionada ao nosso campo de atuação. Lembra do conceito de literatura menor que discutimos na nossa última conversa?

— Lembro sim!

Nesse momento, Dinha dirige-se até a estante de sua pequena sala e retorna com o mesmo caderno da última conversa que tivera com João.

— Então, tem relação com ele. Inspirado nesse conceito, um professor e filósofo da educação, chamado Silvio Gallo, propôs o conceito de educação menor. Esse conceito suscita uma narrativa educacional diferente da que estamos acostumados. O que o Deleuze e o Guattari chamam de literatura maior, ele associa com a educação maior, *essa dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder.*¹⁴ *Diferentemente da educação maior, uma educação menor é trincheira (ou, para dizer como Deleuze e Guattari, toca, resultado de um devir-animal), espaço de resistência, não um programa. Colocar-se à deriva, como barcos em águas desconhecidas. E, na repetição destas experiências, criar o diferente. Contra um modelo moderno de escola, esgotado, mas insistentemente reformado, renovado por novas planificações, em que as relações há muito deixaram de ser políticas para tornarem-se policiais; em que os muitos olhos da disciplina e os muitos olhos mecânicos do controle impedem a aventura e a errância, justapor, no mesmo espaço, a experiência, a aventura, a política como a emergência do inusitado nas relações.*¹⁵ Para construir o conceito de educação menor, Gallo deslocou aquelas três características da literatura menor para o campo

¹⁴ Gallo (2002, p. 173)

¹⁵ Gallo (2013, p. 10)

da educação. Para ele, na educação menor, ao invés de haver a desterritorialização da língua, o que ocorre é a desterritorialização dos processos educativos, propiciando resistência a todo tipo de controle exercido pela educação maior e potencializando a aprendizagem. *Ora, se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle.*¹⁶ Vamos para a segunda característica. Assim como a literatura menor, a educação menor também é um ato político, carrega consigo uma micropolítica, uma política do cotidiano, visto que ela não busca as grandes políticas. No âmbito de sua política própria e sem preocupar-se com a instauração de uma falsa totalidade, a educação menor opera por rizoma, *viabilizando conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter os projetos abertos.*¹⁷ Rizoma é outro conceito de Deleuze e Guattari. Eles deslocaram o significado de rizoma atribuído pela botânica para pensar um sistema de pensamento e prática alternativo ao teorizado pela filosofia tradicional e pelas narrativas maiores. Quanto ao deslocamento da terceira característica, o valor coletivo, implica percebermos que os processos da educação menor nunca são do âmbito individual. Na educação menor, os atos singulares remetem a uma coletividade e os atos coletivos tornam-se singulares. *Logo, os projetos sempre são coletivos e abertos, o professor ao optar pela prática da educação menor estará escolhendo para si e para todos aqueles com os quais irá trabalhar. Não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará em muitos indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva.*¹⁸ Esse é o conceito, João. O que você achou?

— Nossa, gostei muito, Dinha. Nunca tinha pensado na educação desse modo. Acho que é por causa do controle da educação maior ao qual você se referiu, que busca capturar maneiras diferentes de se fazer educação. Como se coloca em movimento uma educação menor?

¹⁶ Gallo (2002, p. 175)

¹⁷ Gallo (2002, p. 175—176)

¹⁸ Gallo (2002, p. 176)

Na terça, como era de se esperar, fiquei com muito sono e sentindo tudo intensificado. A sensação de perseguição parecia ter dobrado. Até tentei fazer as coisas do mestrado, mas sem sucesso. Decidi ver vídeos no YouTube. Não foi uma boa ideia. Todos os vídeos que eu assistia pareciam estar direcionados a mim. Tinha a sensação de que os YouTubers estavam falando comigo. No final da tarde, tentei resistir mais uma vez. Decidi ir ao futsal, acreditando que uma saída de casa ajudaria. Mas já era tarde. No futsal, achei que estava sendo vigiado por uma pessoa que nunca tinha visto nas partidas anteriores. Eu tive a impressão de que todos estavam falando e confabulando contra mim. Ao voltar para casa, parei em um banco em frente a um televisor de propagandas, próximo ao supermercado que fica em frente a UFMS. Nesse momento, achei que as mensagens na tela estavam sendo direcionadas a mim e pareceu que alguém estava falando dentro da minha cabeça. Essa mesma voz ordenou que eu fosse até um pontilhão. Ao chegar lá, achei que as mensagens escritas nele também estavam direcionadas a mim. Essa parte não falei para a minha mãe.

— A resposta para essa pergunta condiz justamente com a segunda coisa que eu queria te falar. Ao propor o conceito de educação menor, o professor Silvio Gallo também propõe o conceito de professor(a) militante, professor(a) que pensa sua prática a partir da educação menor. Mas, afinal, o que vem a ser um(a) professor(a) militante? O autor faz emergir essa figura por meio de outro conceito: o(a) professor(a) profeta. Para o autor, eram características do(a) professor(a) profeta ser crítico(a), consciente de seu papel social e político, alguém que, *vislumbrando a possibilidade de um novo mundo fazia a crítica do presente e procurava apresentar, então, a partir da crítica do presente, a possibilidade de um mundo novo. O professor profeta é alguém que anuncia as possibilidades, alguém que mostra um mundo novo.*¹⁹ A diferença entre professor(a) profeta e professor(a) militante é sutil, porém, extremamente potente. *O(a) professor(a) militante seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. Nesse sentido, o(a) professor(a) militante seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus*

¹⁹ Gallo (2002, p. 171)

*alunos(as), seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os(as) alunos(as) não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O(a) professor(a) militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente.*²⁰ Assim, colocar uma educação menor em movimento requer uma postura militante das professoras e professores.

— Mas como entender esses conceitos pode ajudar a lidarmos com a situação que estamos passando aqui no condomínio?

— É uma ótima pergunta, deixe eu elaborar a resposta... Bem, para respondê-la, vou fazer uma associação entre a escola e o nosso condomínio. Assim como na escola, no nosso condomínio há o jogo do maior e do menor. A educação maior da escola pode ser associada ao contrato que nos é imposto, enquanto a educação menor pode ser associada ao modo singular como habitamos o território do condomínio. Percebe que tal modo também se deu de forma paralela ao contrato e de algum modo anuncia uma resistência? O que proponho com essa analogia é mostrar que para mantermos as nossas formas de vida precisamos agir com uma postura militante e evitarmos ações solitárias, como a que você realizou. A pergunta que surge é: como podemos colocar em movimento uma estratégia desterritorializante, coletiva e política para lidarmos com o contrato? Pensar sobre essa pergunta será a sua tarefa, meu querido.

Os dois riram e se despediram.

24/06/2020

Na quarta, as coisas não foram diferentes. Passei a acreditar que tinham colocado câmeras em minha kitnet durante a ida ao futsal. Minha mente criava teorias em um ritmo frenético. Meu estado era tão grave que eu acreditei que as falas da televisão do meu vizinho de condomínio eram direcionadas a mim. Naquela quarta à noite, tentei mais uma vez tomar o controle e decidi sair novamente de casa. No caminho, a salvação veio em forma de uma chamada. Julio, meu irmão, ligou-me. Para mim, não era Julio ao telefone e sim a organização

²⁰ Gallo (2002, p. 171)

que estava me perseguindo. Ao perceber que tinha algo estranho comigo, meu irmão entrou em contato com alguns amigos próximos, que prontamente me procuraram.

João passou os próximos dias inquieto com a pergunta de Dinha. Em uma tarde de sexta, voltando da universidade, ocorreu-lhe convidar seus vizinhos para uma conversa, visto que para ele o diálogo poderia ser uma boa forma de construir o valor coletivo enfatizado por sua vizinha. Após bater de porta em porta, João conseguiu a proeza de receber um sim de todos os inquilinos para prontamente realizarem a reunião no dia seguinte, às 20h, próximo à pitangueira.

No dia seguinte, no horário combinado, todos estavam reunidos. No entanto, parecia que estavam um pouco tímidos, o que poderia ser explicado pela ausência de eventos como aquele no condomínio. Vendo a necessidade de alguém dar o primeiro passo, João iniciou a conversa.

— Minha intenção em convidá-los para essa reunião é construir um espaço de diálogo diante da situação na qual nos encontramos. Acredito que poderíamos começar discutindo os pontos do contrato que não temos seguido. Eu, por exemplo, reconheço que tenho demorado a varrer a frente da minha casa.

— A sua infração é fácil de resolver — respondeu Diones. — Mas, no meu caso, não é tão fácil assim. Não deixarei de ter meu Monstro porque o contrato proíbe. Ele não incomoda, quase nunca late ou circula pela área comum. Ele é um amorzinho de cachorro.

— Concordo contigo, Diones — afirmou Caio. — Nós também não deixaremos de ouvir o nosso som. Ele incomoda alguém?

— Desde que vocês não deixem a música tocar até tarde da noite, por nós tudo bem — respondeu dona Isaura, e reconheceu: — Nós também descumprimos uma regra do condomínio ao receber a nossa netinha no período de férias. Esperamos que isso não atrapalhe ninguém...

A conversa dos locatários se estendeu e resultou em desabafos, concessões, novos acordos de convivência, reafirmação e reformulação de alguns pontos do contrato e construção coletiva para enfrentar o problema que estavam lidando, resultando numa próspera reunião. Quando mais um dia começou, os efeitos do encontro ainda eram sentidos pelos corredores do condomínio, transmitindo a sensação de que novos tempos aguardavam os moradores.

Passados três dias do encontro dos locatários, uma nova reunião estava prestes a acontecer, só que desta vez teria a participação de Roberta.

— Boa noite, Roberta, seja bem-vinda.

— Boa noite, pessoal. Estou ansiosa pela reunião. Desde o convite de vocês, fiquei me perguntando qual seria o motivo.

— Então, Roberta, nós fizemos uma reunião há três dias sobre o que vem acontecendo aqui no condomínio e sobre a sua exigência de se cumprir o contrato — explicou Dinha, que continuou: — Chegamos à conclusão de que está inviável seguir todos os itens do contrato, visto que as nossas necessidades não estão sendo atendidas. Nós temos algumas sugestões de mudança.

— De jeito nenhum, o contrato não pode ser mudado!

— Imaginamos que você poderia dizer isso. Pensando nessa possibilidade, chegamos a um acordo. Se você e seu chefe não estiverem abertos às nossas propostas, todos os moradores rescindirão o contrato.

Assustada com o que ouvira, Roberta pensou por um instante e respondeu:

— Pois bem, quais são as propostas de vocês?

— Primeiramente, nós precisamos que os itens d), e), f), h), i) e j) sejam reformulados. A segunda proposta é que quando uma pessoa for alugar uma kitnet o contrato seja revisto a partir das características de tal pessoa, de modo que o contrato seja inclusivo. Além disso, gostaríamos que, pelo menos a cada seis meses, houvesse uma reunião com você, o dono e os locatários visando discutir o contrato e o levantamento de possíveis mudanças. As decisões serão tomadas de maneira democrática e de modo a atender as necessidades de todas e todos.

— Entendi. Vou apresentar essas propostas ao dono.

Dois dias depois, os locatários receberam a seguinte mensagem de Roberta: “Bom dia, pessoal. Apresentei as propostas de vocês ao dono. Qual dia desta semana é bom para nos encontrarmos para redigir o novo contrato?”.

Após o ocorrido, a vida de João passou a ser quase que totalmente preenchida pelas atividades da pós-graduação. Dia e noite, ele se debruçava sobre os textos das disciplinas, que aliás não eram poucas: ele tem a mania de querer abraçar o mundo. Para se ter uma ideia, ele até começou uma disciplina do doutorado como ouvinte e viajava para outra cidade para cursar outra. Recebi menos ligações dele, porém, nas poucas vezes em que nos falávamos, ele me dizia que estava amando o curso e que gostava de seus novos amigos e amigas.

Na terça de manhã, a cada 15 dias, na quarta à tarde e à noite, na quinta de manhã e, na sexta de manhã e à tarde, João cursava disciplinas. Na quinta à tarde, ele participava de

seminários e a cada 15 dias, também nas quintas à tarde, participava das reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD). No restante do tempo, a sua principal atividade era fazer leituras e escrever. Alguns poucos dias ele me contou que saiu com os amigos e amigas.

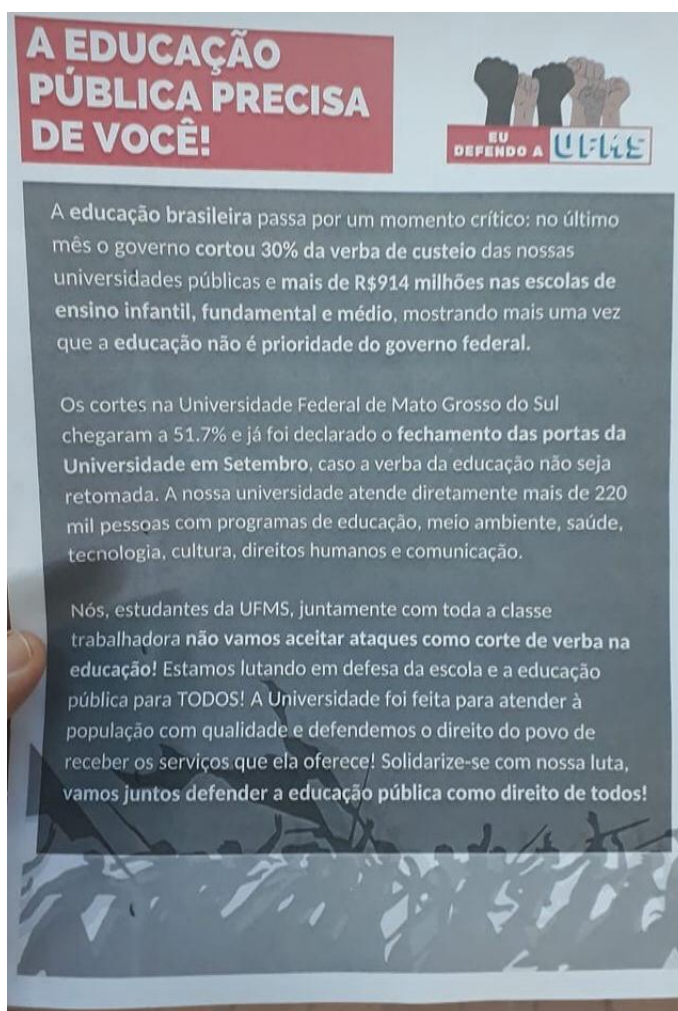
25/06/2020

Na quinta, que inclusive era feriado na cidade morena, o surto psicótico não deu trégua. Mas eu já não estava sozinho. Pessoas queridas estavam me ajudando a lutar contra a maldita morte. Tive uma crise de choro na parte da tarde. Na sexta, meu irmão chegou. Quando o vi, fiquei muito confuso. Minha mente criou novas conjecturas, foi assustador. Eu soube depois que ele, meus amigos e meus professores não estavam medindo esforços para conseguir uma vaga em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). A caminho do CAPS, tive uma crise na qual parecia que eu tinha perdido os movimentos do corpo. Ao ser colocado na maca, desmaiei. Será que era o meu fim? Não era. No outro dia eu já estava um pouco mais estável graças à medicação, mas tudo era estranho. Meu querido irmão estava lá, o que deixava tudo mais fácil. Nesse período internado, recebi a visita de amigos e professores, mas parecia que a morte tinha cortado a minha língua. Maldita. Alguns dias depois recebi alta e voltamos para Jaci-SP.

Lembro-me de uma vez que ele me contou que participou de uma ocupação no campus e de protestos em prol da educação pública brasileira, com o pessoal do seu curso. Tenho algumas fotos perdidas na minha galeria.



Fonte: Dados da pesquisa produzida pelos pesquisadores em 2019²¹



²¹ Com exceção de algumas imagens das apresentações em slides das aulas que abrem os capítulos, todas as demais imagens do texto foram produzidas pelos autores. Assim, decidimos colocar a fonte apenas nesta primeira.

Tudo parecia bem, até que na reta final do semestre, exatamente no dia 6 de junho de 2019, em uma quinta-feira à tarde, durante um seminário, João começou a se sentir estranho, parecia que sua mente ficara confusa. Ao terminar o seminário, ele saiu rapidamente da sala e foi para casa. Ao chegar, foi direto para a cama. No dia seguinte, por ainda estar se sentindo mal, não foi para a universidade.

Veio o final de semana e ele ainda continuava se estranhando. Mas o pior ainda estava por vir. Na segunda-feira, começou a ter a sensação de que estava sendo vigiado, tinha a impressão de que seus aparelhos tinham sido hackeados. Mas, ao mesmo tempo, começou a acreditar que a sua capacidade cognitiva tinha sido ampliada. Coitado dele, era apenas uma ilusão. Na terça-feira, a sensação de vigilância aumentou e com ela veio outro sintoma: começou a ouvir uma voz em sua cabeça.

João tentou resistir e decidiu jogar futsal, acreditando que uma saída de casa ajudaria. Mas já era tarde. No futsal, começou a achar que estava sendo vigiado por uma pessoa que nunca tinha visto nas partidas anteriores. Ele tinha a sensação de que todos estavam falando e confabulando contra ele. Ao voltar para casa, parou em um banco em frente a um televisor de propagandas. Nesse momento, começou a acreditar que havia mensagens na tela direcionadas a ele.

No dia seguinte, as coisas não foram diferentes. Ele acreditava que tinham colocado câmeras em sua casa durante a ida ao futsal. Sua mente criava teorias em um ritmo frenético. Seu estado era tão grave que ele acreditava que as falas da televisão do seu vizinho de condomínio eram direcionadas a ele. Naquela quarta à noite, tentou mais uma vez tomar o controle, decidindo sair novamente de casa. No caminho, a salvação veio em forma de uma chamada. Julio, seu irmão, ligou para João.

— Quem é?

— Nossa maninho, nem cumprimenta?! É o Julio.

— Cara, o que está acontecendo?

— Como assim?

— Por que isso está acontecendo comigo?

— O que está acontecendo com você, João?

— Estão me perseguindo. Eu não fiz nada!

— Onde você está?

— Eu não posso falar, hackearam o meu celular.

— Ninguém hackeou não, fale pra mim. Estou ficando preocupado.

— Não é o Julio! Quem é?

— Sou eu sim, maninho.

— Eu não fiz nada!

Essas foram as últimas palavras ouvidas ao telefone. João, nitidamente, estava mais alterado. Jogou o celular no chão e começou a pisar no aparelho. O surto psicótico estava no seu auge.

Preocupado, Julio, que estava em Jaci, entrou em contato com amigos de João para que pudessem encontrá-lo e decidiu viajar para ver pessoalmente o irmão. Demoraram poucas horas para localizá-lo. Dois dias depois, os amigos e professores de João conseguiram uma vaga em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e ele começou o tratamento.

Após alguns dias internado, Julio levou João para a sua casa. Com o passar dos dias, Julio e os demais familiares notaram que os efeitos do surto estavam se dissipando. João passava o dia inteiro deitado. Em conversa com ele, notei que sua capacidade comunicativa estava em baixa e tinha pouca disposição para fazer as atividades rotineiras.

— João, vamos à pracinha? — perguntou Julio.

— Não sei se consigo.

— Consegue sim, estarei com você o tempo todo.

— Não sei não.

— Vamos, maninho, a gente volta quando você quiser.

— Tudo bem então.

Poucos minutos depois, lá estavam eles em um banco na sombra de uma tipuana.

— Eu até agora não perguntei, mas o que aconteceu com você?

João ficou pensativo por um instante e depois começou a contar tudo que passou.

— Caraca, maninho, deve ter sido muito tenso vivenciar tudo isso. Eu não desejaria a ninguém. E como você está se sentindo agora?

— Eu não tenho vontade de fazer nada, cara. Parece que tem um peso que não me deixa fazer as coisas. Eu não tenho vontade de entrar novamente em uma sala de aula e muito menos voltar para o mestrado.

— É compreensível, cara, não se cobre tanto. O que aconteceu com você não te define.

— Eu sei, Julio, mas não tenho forças. Não paro de lembrar do que aconteceu, e isso me paralisa. Vamos voltar para casa?

— Claro, vamos sim.

Os dias foram passando e parecia que João não voltaria ao mestrado. Porém, ao entrar em seu Instagram, viu fotos de seus amigos e amigas em um evento acadêmico, o XIII Encontro Nacional de Educação Matemática, que inclusive tinha enviado trabalho. Naquele instante, o ânimo tomou conta de João, que foi contar para Julio que gostaria de retomar o mestrado.

Julio ficou animado pelo irmão e prontamente decidiu acompanhá-lo, deixando o emprego. Terminado o período de férias, os dois voltaram para Campo Grande e aguardaram o grande dia.

Começada a aula, João ficou inquieto e uma sensação de pânico e ansiedade tomou conta de seu corpo. *O que eu estou fazendo aqui, eu não consigo!*, pensou enquanto observava os demais estudantes fazendo as atividades. Parecia que o dia não terminava, que cada minuto se transformava em horas. Quando as aulas do dia terminaram, ele foi para casa o mais rápido possível e foi recebido por Julio.

— Como foram as aulas?

— Foi torturante, não fazia sentido estar lá. Estou com ansiedade, parece que meu coração vai sair pela boca.

— Você quer voltar para a casa da mãe e do pai?

— Eu não queria desistir, cara. O que o pessoal e os professores vão achar de mim?!

— Vamos fazer assim então, maninho, ficaremos mais alguns dias... Se você ainda estiver mal, a gente volta pra casa. Tudo bem?

— Pode ser.

Para tristeza de João, a ansiedade não passou, ambos voltaram à casa dos pais e ele pediu desligamento do curso. Como era de se esperar, João continuou afetado pelo ocorrido, raramente saía de casa e o quarto era o principal ambiente frequentado por ele.

De setembro a outubro de 2019, João continuou em estado de inércia. Em poucos dias desse período, com muito esforço, foi ajudar o seu pai. As socializações eram raras. Mas, em outubro, algo novo aconteceu. João decidiu que era preciso, mesmo ainda em recuperação, dar continuidade à vida. Decidido, ele começou a procurar concursos da sua área. Depois de uma demorada pesquisa, encontrou alguns. Realizada as inscrições, começaram os estudos. De outubro de 2019 a fevereiro de 2020, participou de 6 concursos, sendo que em um deles conseguiu a primeira colocação.

No final de fevereiro de 2020, aconteceu algo que mudaria a vida de João e de todos em um nível sem precedentes: o Brasil registra o primeiro caso de COVID-19. Até aquele

momento, achávamos que o vírus não chegaria ao Brasil, mas chegou e, infelizmente, ainda está em nossas terras²². Lavar as mãos, utilizar máscara e fazer o distanciamento social viraram as regras principais desses novos tempos.

Em meio a todo esse cenário pandêmico, algo insuspeitável aconteceu. Amanda, uma amiga de João e doutoranda do mesmo programa no qual ele cursava o mestrado, lhe mandou uma mensagem em uma desprestigiada segunda-feira de março de 2020.

A primeira conversa durou horas. Daquele dia em diante, João e Amanda se falavam todo dia. Ele até me contou que o papo com ela fluía, não era chato, era daquelas conversas que você perde até o sono para continuar conversando.

Depois de quase um mês de interação, João ignorou a distância e declarou-se. Para alegria dele, era recíproco e Amanda também fez juras de amor. Depois de compartilhar seus sentimentos com a amada, João me contou o ocorrido, lembro até hoje a intensidade de sua empolgação.

— Não me segurei mais, disse que a amava.

— Fez bem, João, a sua boca só disse o que o seu coração já gritava — respondi, citando sem saber o que provavelmente algum poeta já disse antes.

— Eu nunca imaginava que começaria um relacionamento em meio a uma pandemia e à distância.

— Será que você não teve uma recaída? Brincadeira, homem. A vida é assim, pega a gente de surpresa.

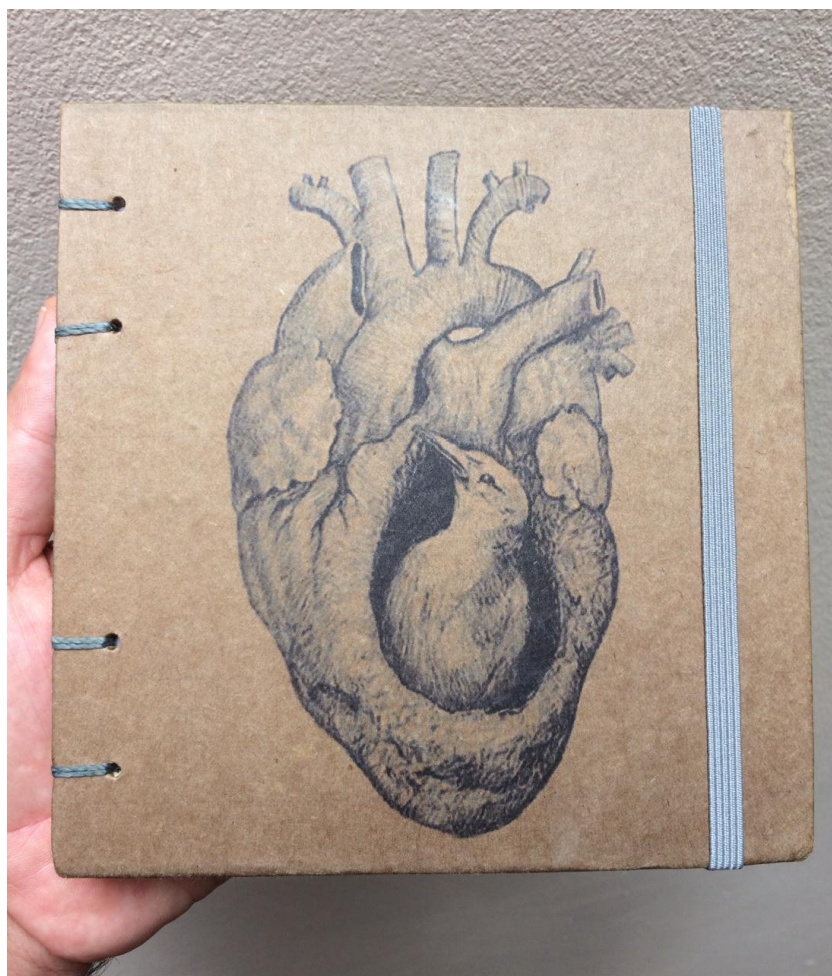
— Ela é incrível, sabe? Eu sou um cara muito sortudo. Não vejo a hora de reencontrá-la pessoalmente.

— Calma, tudo tem seu tempo.

— Que o tempo se torne meu amigo.

²² A pandemia de COVID-19 provocou perdas irreparáveis. No Brasil, tal pandemia ganhou um aliado: o governo negligente de Jair Bolsonaro. Milhares de vidas poderiam ser poupadas se o então “governo” ouvisse os especialistas e colocasse em prática formas efetivas de enfrentamento. Bolsonaro chamou a doença de “gripezinha”, recusou compras de vacina, dentre outras atrocidades. Leia mais em: <https://www.cut.org.br/noticias/os-sete-erros-de-bolsonaro-que-permitiram-75-das-690-mil-mortes-por-covid-a1d2>

Sempre que a conversa entre João e Amanda chegava ao assunto “pós-graduação”, ele ficava na defensiva. Percebendo isso, Amanda decidiu presenteá-lo. Mas não seria qualquer presente. No mês seguinte, antes do grande dia, João recebeu uma encomenda e um arquivo em PDF. Amanda pediu para João abrir ambos somente no dia do aniversário. Passados alguns dias, era chegado o momento de olhar os presentes. João até acordou cedo, o que era uma raridade. Ao abrir a encomenda, ele se deparou com um lindo presente, pelo menos eu achei quando ele me mostrou.



Um pouco confuso com a natureza do primeiro presente, mas sem perder a empolgação, ele abriu o segundo presente. Eu não tive acesso ao arquivo, mas ele me contou que era um conto chamado “Girassóis”, contendo 7 páginas. Após ler o conto, João não se conteve e chorou.

Seis meses depois...

— Alô, quem fala?

— Oi, Dinha, se lembra de mim?

— Oi, João! Claro

que eu lembro, essa sua voz chata é inconfundível.

— Para, Dinha, não é tão ruim assim. Quanto tempo, hein?! Como vão as coisas com a senhora?

— Estão difíceis, meu filho... Perdi alguns amigos para o vírus, dei uma pausa na confecção de roupas e nunca me senti tão solitária. Desculpe a minha sinceridade, mas é que eu sei que posso agir assim com você. E contigo, como vão as coisas? Está melhor?

— Tranquilo, Dinha. Eu sinto muito pelos seus amigos, meus sentimentos. E estou bem melhor. Comecei a namorar à distância, uma loucura.

— Nossa, João! Você me fez até ficar um pouco mais animada. Fico muito feliz de saber que você tem seguido com a vida.

— Aproveitando que você falou sobre seguir a vida, gostaria de dizer que vou tentar fazer o mestrado novamente.

— Nossa, meu filho, uma notícia melhor do que a outra! Estou muito feliz por você ter tomado essa decisão. Quando é o processo seletivo?

— Daqui a alguns dias. Vai ser on-line, devido à pandemia.

— Se você quiser apresentar o seu projeto, eu estarei à disposição.

— Você é uma querida, vou aceitar sim.

— Combinado então, menino. Se você não se importar, eu tenho um encontro virtual com algumas amigas já, já. Então nos falamos outra hora. Até mais.

— Até...

16/11/2020

E se eu tiver outro surto nesta segunda tentativa de fazer o mestrado? Desistir novamente seria humilhante. Por outro lado, acho que será totalmente diferente. Tenho que parar de escrever coisas óbvias. Acho que vai dar certo, afinal, escolhi atravessar a ponte com ela, será uma experiência única e singela.

2

Prosas virtuais

*Eles não sabem que de tanto sangrar
nessa pele dura de mãos calejadas
escorre vinho em nossas veias
e se servem na taça que a vida está por um triz.
Cantemos em nossa festa:
bora lutar,
bora ser feliz.²³
(Sérgio Vaz)*

²³ Vaz (2016, p. 12)



https://youtu.be/PTDgP3BDPIU?si=eyR4kLV5f_i48RWv

— Boa noite, pessoal. Como combinado, hoje trabalharemos a temática da intolerância religiosa e eu vou começar colocando um pequeno vídeo que mostra alguns casos.

<https://globoplay.globo.com/v/8798655/>

— Além do vídeo, preparamos uma apresentação que aborda algumas questões sobre intolerância religiosa, é uma abordagem mais inicial.

Foto: Sérgio Silva



Licenciatura em Matemática
Prática de Ensino de Matemática
Thiago Donda Rodrigues
João Paulo Risso

Intolerância Religiosa



Foto: ES Hoje

“De algo sempre haveremos de morrer, mas já se perdeu a conta aos seres humanos mortos das piores maneiras que seres humanos foram capazes de inventar. Uma delas, a mais criminosa, a mais absurda, a que mais ofende a simples razão, é aquela que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, tem mandado matar em nome de Deus”

José Saramago (2001)

O que é intolerância religiosa?

“A intolerância religiosa tem nuances e intensidade diversas: inclui desde manifestações de desrespeito, não reconhecimento do direito da liberdade religiosa, da existência institucionalizada e prática ritualista coletiva, ao ódio, perseguição religiosa destruição de patrimônios da humanidade e massacres em nome de Deus” (SILVA, 2018, p. 64)

Aspectos que fundamentam as manifestações de intolerância religiosa:

- Estranhamento cultural;
 - Medo;
 - não aceitação da alteridade;
 - apego excessivo aos dogmas;
 - espírito de seita;
 - sentimento e autopercepção de guardião da fé e verdades absolutas;
 - Fundamentalismos;
 - Incompreensão;
 - Desconhecimento;
 - ignorância, etc.,
- (SILVA, 2018, p. 64)

Uma possível origem da intolerância religiosa

“Do ponto de vista da religião, partimos da hipótese de que as raízes da intolerância religiosa remontam à transição do politeísmo para o monoteísmo e à consequente consolidação das religiões monoteístas (...) [porém] não pode ser compreendida plenamente se isolada dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais em seus respectivos contextos históricos. (...) Com efeito, na medida em que a religião hegemoniza a sociedade e a instituição religiosa se consolida enquanto poder, as formas de intolerância se imbricam” (SILVA, 2018, p. 64-65)

Intolerância Religiosa e Política

“As guerras religiosas e as perseguições aos hereges não se restringem ao âmbito das querelas dogmáticas referentes à percepção do sagrado, mas dizem respeito aos interesses profanos dos poderes instituídos e às disputas pela soberania política. Em certo sentido, a política é sacralizada e os conflitos entre os homens e mulheres assumem o caráter de uma guerra santa, uma luta de vida ou morte pela afirmação de uma determinada concepção de Deus e do sagrado necessariamente excludente. Sob tais circunstâncias não há espaço para a tolerância. A demonização do *outro* é uma exigência não apenas religiosa, mas também política” (SILVA, 2018, p. 83).

“Em nome de Deus, povos foram escravizados, exterminados e submetidos à exploração econômica colonialista das grandes potências europeias; em nome de Deus, a cultural ocidental cristã, autodeclarada civilizada e superior, exterminou a cultura e as crenças dos povos considerados bárbaros e inferiores” (SILVA, 2018, p. 92).

Outros casos de intolerância religiosa...

Terreiro de umbanda é invadido e depredado em Araraquara; polícia apura intolerância religiosa

Casa foi invadida e teve imagens quebradas quando pais de santo não estavam na segunda (2).

Fonte: Globo

Evangélico invade capela e destrói imagens sacras na Bahia

Populares tentaram linchar o jovem, mas foi impedido por pessoas da igreja

Fonte: Correio

Igreja que foi cenário de Central do Brasil é invadida e depredada

Caso aconteceu em Itatim; uma outra Igreja foi destruída na cidade na última quarta (18)

Fonte: Correio

Escola impede que estudante assista aulas com roupas do candomblé

Caso aconteceu em Salvador e foi denunciado por ialorixá da adolescente

Fonte: Correio

Denúncias de crimes de intolerância crescem 24% no estado de SP em 2021, diz secretaria

Ouvidoria da Secretaria Estadual da Justiça e Cidadania de São Paulo registrou 311 casos de práticas como intolerância racial, religiosa ou relativa à orientação sexual

Fonte: Globo

Terreiro de candomblé, em Madureira, é atacado pela segunda vez em quatro meses

Fonte: Extra

Estado do Rio tem uma denúncia de intolerância religiosa a cada dois dias

Fonte: Extra

Pastor que destruiu peças do Candomblé é indiciado por intolerância religiosa

Fonte: Extra

Referências

SILVA, Antonio Ozaí da. Sobre a intolerância religiosa. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 203, p. 63-95, 2018.

— Essa apresentação é uma possibilidade de um primeiro contato com a temática em questão. Pensei que poderíamos ter uma conversa mais livre sobre ela.

— *Boa noite, pessoal* — diz Jeliény, que continua: — *Então, eu já acompanhei uma pessoa que passou por essa dificuldade. Foi na escola, no ensino médio. Por ela iniciar na religião, como falado no começo do vídeo, é feita a raspagem do cabelo no ritual. Na escola, os estudantes tiravam sarro dela por ser mulher de cabelo raspado. Foi um processo de entender e aceitar a religião dela. Na época, ela fez um boletim de ocorrência contra as pessoas, chegou a ter uma matéria no jornal da cidade e foi falado sobre a intolerância religiosa na escola.*

— Nossa, como deve ter sido um processo violento para essa aluna e, infelizmente, isso ocorre com mais frequência do que a gente imagina. O que mostra a importância de discussões como essa na escola. Muito obrigado por compartilhar, Jeliény.

— *Eu acho, assim, tem muitas famílias que não ensinam o respeito para os filhos. Na minha escola, tinha muitas meninas evangélicas e, por usarem saia, elas não podiam fazer educação física. O professor tinha que conversar com os pais para dar outro tipo de trabalho para elas fazerem. Elas sofriam preconceitos, as que faziam tiravam sarro delas porque elas não podiam fazer* — conta Valéria.

— Muito obrigado, Valéria. Particularmente, eu entendo essas estudantes que sofriam bullying, pois até os meus 16, 17 anos, eu era evangélico e vivenciei essas zoações — comenta João.

— Às vezes a gente acaba entrando nesse limiar de até que ponto a religião não acaba sendo opressiva, por exemplo, nesse caso que a Valéria relatou, a pessoa ter uma limitação, não poder jogar futebol, não poder praticar um esporte por causa de uma imposição religiosa, é meio complicado. A gente não tem capacidade de discutir isso em sala de aula, a gente não está habilitado. O professor acaba ficando em uma situação complicada, será que isso é uma opressão religiosa? Se eu fizer alguma ação vou acabar sendo intolerante? — reflete Flávio.

— Eu acho que você tocou num ponto muito importante, que é tensionar aquele discurso de que religião não se discute. Seria interessante, e acho que em algum nível acontece, de as religiões fazerem uma reflexão sobre os seus princípios, valores, limites e práticas — observa João.

— Às vezes a gente acaba caindo numa opressão de gênero, dependendo de como a gente se posiciona em relação às religiões, pois enquanto o homem é educado para ser o que ele quiser, a mulher é criada para ser “bela, recatada e do lar” — completa Flávio.

— Com certeza, Flávio. Como a gente poderia fazer uma discussão problematizadora de algumas características de certas religiões? É um grande desafio tocar em alguns tabus — resume João.

— Boa noite a todos — fala Gesley. — Ouvindo vocês comentarem, lembrei de algo que aconteceu na minha adolescência, na época eu morava em Campinas-SP, na década de 90, e naquela fase de brincar na rua, jogar futebol. Na época, tinha um amigo de um amiguinho meu que não podia brincar com a gente por causa da religião, a mãe e os pais não deixavam ele sair para a rua. Naquela fase, eu brinquei de tudo e eu lembro que esse menino ficava no portão observando a gente brincar na rua.

— Muito obrigado, Gesley, pelo comentário e por você ter compartilhado essa história da sua vida. Ela tem muita relação com as colocações do Flávio, pois a religião e um modo de vida específico afetaram fortemente uma vida. Intervir ou “respeitar”?

— Eu fiquei pensando aqui, nesse momento a gente tem duas pautas na nossa discussão, que se intersectam em alguns momentos e se distanciam em outros. Uma coisa é a intolerância religiosa, a gente tem direito de ter a fé que bem entender, e existem atos, opiniões e comportamentos que desrespeitam esse direito que a gente tem. Do outro lado, a gente tem a questão da religião em si. São faces da mesma moeda, mas são faces diferentes. Se a gente for pegar do ponto de vista antropológico, a gente não tem a religião como uma opção, pois ela é a “verdade”, você tem que aceitar, não existe escolha, cabe a você acreditar. Não é como escolher gostar de rock. Vendo dessa forma, como você, e considerando a sua “verdade”, a religião do

outro não é aceita. Como acreditar no Deus do outro se ele não é o verdadeiro? “O Deus de verdade é o que eu acredito.” “Como ele cultua algo que é inadequado?” A gente acha que sabe a verdade. A outra face da moeda é pensar a religião. Eu, por exemplo, não tenho uma igreja, mas tenho uma espiritualidade, me aproximei do espiritismo, mas meu Deus não é nem o Deus do espiritismo nem o da Igreja Católica. Eu converso com ele. As religiões acabam normalizando, modelando, tolhendo. Se vocês olharem essa segunda questão que a gente está falando, não entendam isso como intolerância religiosa, mas para mim é um absurdo que uma menina vá para a escola e não tenha a possibilidade de fazer uma atividade por não estar usando uma roupa adequada — argumenta Thiago.

— Estou contigo nessa, Thiago.

— Não dá pra falar que tal igreja é intolerante. Não, as pessoas que são intolerantes, algumas pessoas dessas igrejas são intolerantes. As pessoas vão se reconhecendo nas suas intolerâncias e formam um grupo maior — completa Thiago

— *Só um comentário. Na época em que eu estudava tinha ensino religioso e o ensino religioso era quase uma aula de Eucaristia, aquele curso de Crisma que você faz. Eu fiz Crisma e Eucaristia e tem uns dez anos que eu sou umbandista. Eu sempre fui muito empenhada nos estudos, mas, depois que eu virei umbandista, tudo que acontece na minha vida é “porque eu faço macumba”. Passei no concurso, “fez macumba” — diz Rani.*

— Vocês já tiveram algumas discussões sobre intolerância religiosa no contexto escolar/acadêmico? — pergunta João.

— *Eu nunca cheguei a ver sobre intolerância religiosa, eu não tive aula de educação religiosa, o mais próximo que eu tive foi nas aulas de História que a gente acaba vendo as cruzadas. Quando o João colocou o tema, eu pensei que ele iria pedir para pensarmos em uma aula de Matemática e intolerância religiosa. Eu não consegui pensar em nada, mas talvez algo relacionado a Etnomatemática. É uma discussão meio nova. Até no ensino de História mesmo, sempre foi um ensino eurocêntrico, hoje em dia que se inclui mais, a questão da história africana. Tem um documentário muito bom, tem o livro e fizeram o documentário, que se chama “O povo brasileiro”. Quando você abre o vídeo²⁴ indicado pelo João, do YouTube, o primeiro comentário é “Estava interessante, uma conversa inteligente e rica até o momento que o senhor Rodney abre a boca para fazer militância e estragar todo o conteúdo, dizer que a faculdade é um lugar de pessoas brancas” — salienta Flávio.*

²⁴ https://youtu.be/1lpqYmV4Bio?si=nPfWnobVHlwlI_q

A discussão se estende por mais alguns minutos e depois todos saem da sala, menos Antônio e João.

— Quem é você?

— Que pergunta idiota. Você me conhece muito bem.

— Como assim?

— Esquece isso, trouxa. Achei engraçado um branquelo como você falando de intolerância religiosa. Um puta intolerante, dos piores na verdade.

— Como você conseguiu o link da aula?

— Mais uma pergunta desnecessária. Vamos conversar sobre o que é necessário. Você é uma fraude, não deveria estar onde está, não deveria escrever ou falar o que fala, você é pequeno, raso. Espero que você morra sozinho e seja esquecido antes disso acontecer.

João saiu da sala.

Nos dois anos seguintes, Thiago terá que suportar a empolgação de João, algumas mensagens em momentos inoportunos e as suas ideias malucas para a pesquisa: “O que você fumou, João?”. No dia da prova escrita do processo seletivo, João se manteve calmo e concentrado. Nem a minha entrada repentina no quarto o fez perder o foco. Ao final da prova, ele havia enviado um arquivo com oito laudas. Às vezes ele é exagerado. Na entrevista, poderia ter ido melhor... na visão dele, é claro. Ele já me disse algumas vezes que sente dificuldade quando o assunto é comunicação. E eu quis dizer para ele ir catar coquinho quase todas as vezes.

— Oi, Dinha! Tudo bem? Como vai a melhor professora de Filosofia deste Brasilzão?

— Oi, meu filho. Que bom ouvir a sua voz. Estou bem, na medida do possível. Ansiosa para tomar a vacina. Enquanto isso, estou me cuidando. Você para com esse negócio de “melhor”. Brincadeira. Não sou chata a esse ponto. E você, está bem?

— Tirando a preocupação com os meus pais e os milhões de brasileiros, estou bem. Relativamente estável, tomando a medicação certinha, então acho que estou bem.

— Que bom, João. Estou muito feliz de saber isso.

— Você vai ficar mais feliz ainda, tenho uma novidade. Passei no processo seletivo do mestrado! Semana que vem começam as aulas.

— Que alegria, eu estava na torcida por você! Estou muito contente, de verdade, queria te dar um abraço agora. Você vai vir para Campo Grande?

— Eu já estou em Campo Grande. Nem te conto. Antes mesmo de terminar o processo, eu já estava aqui. Pra você ter uma ideia, eu cheguei três dias antes da entrevista. Estou na casa da minha namorada e de duas amigas queridas.

— Vou te bater, hein, moleque?! Eu tenho 69 anos, mas ainda consigo te dar um pédovido. Esqueci da pandemia, nem daria pra gente tomar um café aqui em casa.

— Desculpe, Dinha. Eu estava esperando saber o resultado e fazer a matrícula para te contar.

— Estou te zuando, menino. O Thiago será o seu orientador novamente?

— Vai sim, eu tive essa sorte.

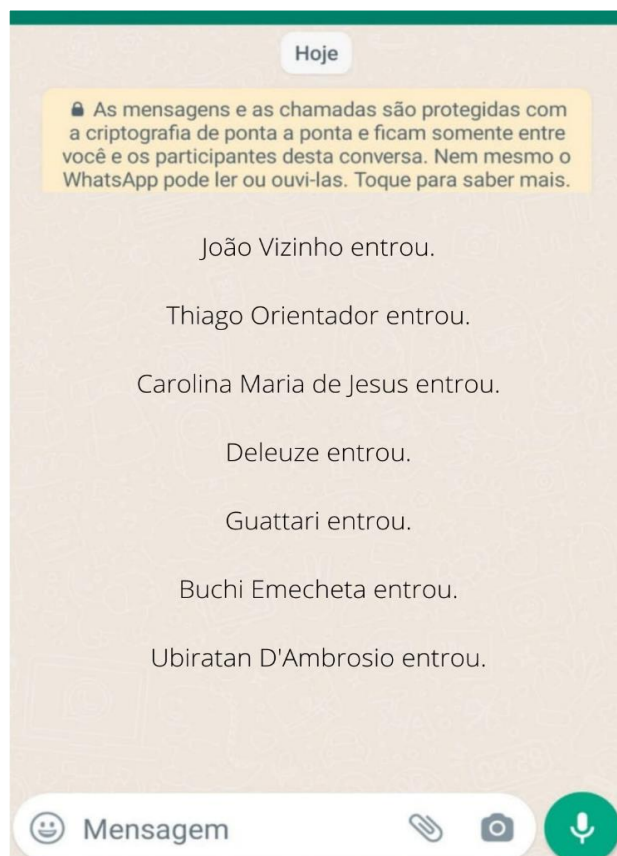
— Quando essa pandemia acabar, você tem que me apresentar um monte de gente: sua namorada, suas amigas e o Thiago.

— Na primeira oportunidade, vou fazer isso, não vejo a hora. Já adianto que são pessoas maravilhosas, mas tome cuidado com as meninas, porque elas são muito fofoqueiras. Só perdem para mim, é claro. Já em relação ao Thiago, se você tiver um compromisso depois do encontro com ele, desmarque, ele conversa demais. Zueira, ou não.

— Eu vou adorar todas elas. Quando eu for conhecê-las, não quero que você fique o tempo todo, para elas me apresentarem a visão delas sobre você e conversarmos mais à vontade. Eu gosto muito de gente que conversa bastante, vou amar o Thiago.

— Vai sim, tenho certeza. Dinha, eu precisava de um conselho seu. No projeto que você leu, anunciamos que vamos trabalhar com a temática da militância de professoras e professores de Matemática na dissertação, porém, eu não faço a mínima ideia de por onde começar. Eu conversei com o Thiago sobre você e ele deu o aval para que eu te pedisse dicas. Você tem alguma?

— Acho que vou te enviar algumas sugestões de leitura no WhatsApp. Mas pensei em uma outra coisa também. Lembra da minha amiga Carolina?



— Claro que lembro, como esquecer que você é *best friend* de Carolina Maria de Jesus?!

— Então, pensei em criar um grupo no WhatsApp, com ela e outros amigos e amigas, pra gente prostrar, pode ser que te ajude. O que você acha?

— O que eu acho?! Eu acho maravilhoso, não tenho nem roupa pra isso!

— Controle-se, moleque! Não vai me fazer passar vergonha. Vou criar o grupo e te apresentar por lá.

— Beleza. Adicione o Thiago também, vou te mandar o número dele.

— Ok. Beijos.

— Beijos.

Ao ver quem também havia entrado no grupo, João se sentiu afortunado. Mas não foi só ele. Thiago lhe enviou uma mensagem entusiasmado com os companheiros de grupo: “Cara, o pessoal do grupo deve estar se perguntando quem são esses dois desconhecidos, hahaha”.

Após todos entrarem, Dinha enviou uma mensagem no grupo:

“Olá, pessoal. Espero que todos estejam bem e se cuidando. Criei esse grupo a partir de uma conversa com o João. Ele é mestrando em Educação Matemática pela UFMS e me disse que estava precisando (des)organizar algumas ideias sobre militância. Eu poderia ter convidado outras pessoas que discutem direta ou indiretamente a temática da militância e colocam em movimento atos de militância, mas achei que um grupo menor seria mais apropriado para a demanda do João. Fiquem à vontade para dar sugestões de como poderíamos proceder.”

“Apressada como sempre, Dinha”, brincou Carolina Maria de Jesus. “Estou na França, virtualmente, em um evento de lançamento do meu novo livro no país. Ficará difícil manter o contato pelo WhatsApp. O que vocês acham de marcarmos uma reunião pelo Meet?”

“Eu e Guattari estamos prestigiando o seu lançamento, Carolina. Foucault não quis passar a quarentena conosco, está perdendo. Se não fosse essa droga de pandemia, estaríamos tomando uma taça de vinho nesse momento”, escreveu Deleuze, colocando um emoji de tristeza no final da mensagem. “Eu gosto muito da ideia de conversarmos pelo Meet.”

“Eu também gosto da ideia”, afirmou Buchi Emecheta. “Amiga, estou amando o lançamento de ‘Borboletas’. Eu só queria que estivéssemos juntas. Já reserve uma cama na sua casa para a minha visita ao Brasil no pós-pandemia.”

“‘Borboletas’ já pode ser considerado um clássico, Carolina. Eu e Deleuze podemos chamar mais uns 20 escritores para escrever conosco que não sai um livro tão maravilhoso quanto o seu. Sério, está muito bom! Parabéns”, disse Guattari.

“Oi, gente linda. Carolina, tenho certeza de que o seu lançamento está sendo um sucesso! Eu também vou querer um autógrafo. E já quero aproveitar para convocá-la a participar de um evento que estou organizando, não aceito não como resposta. Contem comigo para as reuniões”, comentou Ubiratan D’Ambrosio.

“Pessoal, muito obrigado por aceitarem o convite da Dinha. Assim fica fácil orientar o João. Brincadeiras à parte, é uma honra dividir esse espaço com vocês. Também gostaria de parabenizar Carolina por ‘Borboletas’ e dizer que é uma boa ideia marcarmos uma reunião pelo Meet, ando muito ocupado, não entro de maneira regular no WhatsApp.”

“Concordo com você, Thiago, é uma honra enorme estar junto, mesmo que distante, de pessoas grandiosas. Eu estou sem acreditar até agora. Nossa pesquisa ganhará muito com essas trocas. Eu vou cursar uma disciplina na qual Deleuze e Guattari são os principais operadores. É surreal estar no mesmo grupo que os dois. Não vejo a hora de comprar seu novo livro, Carolina. Parabéns! Quando podemos nos reunir pelo Meet?”

“Vocês são uns queridos, sabia?! Muito obrigada, pessoal, de verdade. Eu vou mandar um exemplar com uma singela dedicatória para cada um de vocês. Pensei em nos reunirmos na primeira sexta-feira do mês que vem, às 14h. O que acham?”

Todos prontamente concordaram.

Como era de se esperar, João ligou-me animadíssimo. Conversamos por horas. Eu não conheço nenhum dos novos amigos e amigas dele, mas, pelo que me contou, parecem pessoas importantes. Tratei logo de dizer que deveria ter cuidado com as palavras, ele não pode sair dizendo qualquer coisa. Acho que ele entendeu o meu conselho.

03/02/2021

Contradição. Acho que essa é a palavra que define o meu estado. É revoltante. Estou deitado em uma rede presenciando uma quase chuva banhada de ventos tranquilos, não era para o meu peito estar estranho e a minha mente cansada. Estou sentindo inveja do meu cachorro. Ele está deitado roendo um vaso grande de uma planta que não sei o nome. Será que o pequeno já ficou como eu estou agora? Se sim, disfarça muito bem. Começou a chover. Acho que vou escrever um microconto.

No primeiro bimestre de 2021, João se inscreveu nas seguintes disciplinas: Didática da Matemática; Elaboração do Projeto; Metodologia da Pesquisa; Tópicos Especiais em Educação Matemática: Conexões: Deleuze e a Educação Matemática; e Tópicos Especiais em Educação Matemática: Militância e Educação Matemática.

No contexto dessa última disciplina, ministrada por Thiago, os estudantes deveriam entrar em contato com uma professora ou professor de Matemática, e realizar um ato de militância. Não me pergunte o que ele estava entendendo por “ato de militância”. Quando João me disse sobre essa ideia, eu fiquei com o pé atrás, mas confio no Thiago.

A cerca de 55 quilômetros de Campo Grande, mais especificamente em Brazindo do Norte, morava Vinícius, amigo próximo de João. Vinícius, também conhecido como Vini, é professor de Matemática na rede pública de ensino, começou a lecionar há cerca de dois anos e faz, segundo João, o melhor hambúrguer do mundo. Além disso, gosta muito de automóveis, é organizado e metódico. Não o julguem, por favor.

As aulas de 2021 estão prestes a começar. Para Vinícius, essas foram as piores férias de final de ano. Com essa maldita pandemia, não foi possível fazer muitas das coisas que ele tinha em mente. As perspectivas não são das melhores, visto que o desgoverno atual só torna tudo pior. Mas o que esperar de um indivíduo que ignora compras de vacina, chama a pandemia de gripezinha e quem pratica o isolamento social de idiota, que aglomera em plena pandemia, incita o ódio, espalha fake news, e limita ou corta o orçamento de setores essenciais? Vou parar por aqui, porque ninguém merece um parágrafo tão grande.

Vinícius coloca uma máscara de RuPaul’s Drag Race, sua favorita, pega a mochila e dirige-se até a escola. Ele não concorda muito em fazer o planejamento de início de ano presencialmente em plena pandemia, mas lembra que não pode perder o emprego. Ao chegar, cumprimenta os colegas à distância. Para a discussão do planejamento, as professoras e professores estão agrupados em duplas, uma em cada sala. Para sua sorte, Letícia, a professora de Filosofia, está sozinha. Sem pensar duas vezes, pede para dividir a sala com ela.

— Oi, Lê! Tudo bem? Posso dividir a sala contigo?

— Oi, Vini! É óbvio que pode. “Estou bem” não dá pra dizer, né? Mas levando. Posso dizer que estou melhor agora que vamos dividir a sala. Uma pena não podermos nos abraçar e termos que ficar um em cada canto da sala. Chato isso, né?!

— Muito, amiga. Sinta-se abraçada. O que você fez nas férias?

— Quase nada de diferente. Li bastante, assisti filmes e séries, fiz exercício em casa, arrisquei alguns pratos novos... coisas assim. E você?

— Parece que você descreveu a minha rotina, fiz muitas dessas coisas também. Além dessas, joguei muito no PC. Eu queria rever amigos, amigas, os meus pais, mas parece que isso não ocorrerá tão cedo.

— Nem me fale. E as fofocas? Me atualize.

— Fofocas? Que fofocas? Com a pandemia está difícil chegar alguma fofoca em mim. Na verdade, eu tenho uma, mas é melhor conversarmos sobre isso depois. O que você tem lido, Lê?

— Estou lendo “Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil”, de Sueli Carneiro, alguns artigos científicos e romances de Clarice Lispector. E você?

— Não me julgue, amiga, mas li somente “Pequeno Manual Antirracista”, de Djamila Ribeiro. A partir dessa leitura, comprei outros que pretendo começar em breve. Mas senti falta de ter alguém para discutir.

— Também compartilho dessa angústia. Estava pensando nesses dias que seria bem legal criar um clube do livro com encontros on-line pelo Meet, por exemplo. Tenho me sentido muito sozinha. O que você acha?

— Acho uma ótima ideia, Lê. Como disse, comprei um monte de livros esses dias, seria bacana lê-los no contexto de um clube do livro. Poderíamos convidar os outros professores e professoras também.

— Sim, sim. Apesar da sobrecarga de trabalho que o ensino remoto nos causa, acho que um grupo como esse pode nos fazer bem.

— Ok, Lê. Vou elaborar um texto explicando a nossa ideia e mandar pelo WhatsApp convidando os colegas.

Eu sempre quis participar de um clube do livro também. Eu amo ler, ou amava. Não tenho tido muito ânimo para ler ultimamente. Se eu fosse professora na escola de Vinícius e Letícia, com certeza participaria.

— Lê, já mandei os convites, depois podemos criar um grupo no WhatsApp para decidirmos sobre as reuniões e leituras. Agora vou deixar você trabalhar, já te atrapalhei demais.

— Que nada, deixe de besteira. Bom trabalho.

Este ano, Vinícius assumiu as aulas das três turmas de 3º ano do Ensino Médio. Será a primeira vez que dará aula para estudantes dessa etapa. Ele está animado. No primeiro bimestre, estudará com os estudantes aritmética, mais especificamente os números complexos. Após

terminar alguns planejamentos, é hora dele voltar para a sua humilde residência. *Estou ansioso para criar o grupo, vou dar uma olhada em quem respondeu ao convite... Nossa, só a Cíntia topou, os outros alegaram que não poderiam devido ao fato de terem muitas turmas. Vou mandar uma mensagem para a Lê, pensou Vinicius.*

— Oi, Lê! Não tivemos muito sucesso. Apenas Cíntia aceitou o convite.

— Oi, Vini! Sem problemas, será ótimo mesmo assim.

— Vou criar o grupo então: Clube do Livro.

“Oi, meninas! Grupo criado. Desculpem a minha imensa falta de criatividade, prometo compensar na foto de perfil. Vou colocar vocês como administradoras, fiquem à vontade para fazerem mudanças.”

“Oi, Vini. Adorei! Agradeço a você e a Lê por me convidarem, eu estava precisando de uma interação, nem que fosse pelas redes.”

“Por nada, Cíntia. Vai ser muito legal nos encontrarmos para conversar. Cadê a @Le?”

“Tô aqui, gente! Desculpem a demora.”

“Então, meninas, vamos decidir as leituras?”

“Antes da gente decidir, de quanto em quanto tempo nos reuniremos?”

“Acho que poderia ser a cada 15 dias. O que acham?”

“Por mim, pode ser, Lê. Pra você é bom também, Vini?”

“Perfeito, pode ser sim. Aos sábados?”

“Pode ser.”

“Ótimo.”

“Eu pensei em fazermos um pouco diferente, ao invés de lermos um texto por vez, a gente poderia ler três, cada um escolhe um. O que acham, meninas?”

“Eu gosto da ideia.”

“Eu também.”

“Combinado então. Eu vou escolher o primeiro capítulo de “Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática de Liberdade”, de bell hooks. Ele é bem curtinho, apenas 12 páginas. Vamos fazer assim, todos nós compramos os livros elencados pelos demais participantes.”

“Gostei do título do livro que você escolheu, Vini. Eu estava querendo muito ler bell hooks e chegou o grande dia. Eu não poderia deixar de começar com algo relacionado à Filosofia, né? Então vou escolher o artigo ‘Em Torno de uma Educação Menor’, de Silvio Gallo. Vocês não precisam pagar para ter acesso a ele, é gratuito. Vou enviar aqui no grupo.”

“Ótimas escolhas, pessoal. Podem ficar tranquilos que eu não vou escolher algo relacionado à Educação Física, hahaha. Vou escolher o romance ‘Água Viva’, de Clarice Lispector. Leremos da página 7 até a 21.”

“Nossa, Cíntia! Você apelou para o meu ponto fraco, amo Clarice.”

“Combinado então, meninas, nos encontraremos pelo Meet no próximo sábado.”

É hora de Vinicius iniciar efetivamente o ano letivo. O seu computador já está ligado e carregado, o plano de aula está aberto, a lista de presença está impressa, a garrafinha de água já está cheia e o caderno de anotações encontra-se na mesa. É hora do show.

São 07h50. Vinícius entra na sala do Meet com 10 minutos de antecedência. Ainda não tem ninguém. Aos poucos vai aceitando as solicitações de entrada. Até 08h10 tem gente entrando na sala. Ele aguarda pacientemente. Muitos não ligaram a câmera. Não se importa, mas espera que pelo menos estejam assistindo à aula. Infelizmente, muitos dos alunos não estão na sala.

— Bom dia, turma. Tudo bem com vocês?

— Bom dia, profe.

— E aê, Vinícius, beleza? — interroga um aluno, não muito interessado em formalidades adultocêntricas.

— Estou bem, melhor agora que estou revendo alguns rostinhos e conhecendo outros. Bom, pessoal, mais um ano está iniciando. Eu sou o Vinícius e serei o professor de Matemática de vocês. Espero que possamos ter um bom ano letivo e que haja muita troca e aprendizagem. Quero aprender muito com vocês. Para não fugir do convencional, vamos começar com as apresentações. Se apresentem brevemente. Vocês podem organizar a ordem pelo chat.

A apresentação é relativamente rápida, visto que não há muitos estudantes na sala, fato notado por uma aluna.

— Professor, por que tem pouca gente na aula?

— Essa é uma pergunta relevante. Infelizmente não são todos que têm acesso à internet. Estamos tentando contornar esse obstáculo através de atividades impressas.

— Mas não é a mesma coisa, né?

— Não é, infelizmente. Seria muito legal se todos estivessem conosco. Bom, pessoal, vamos lá! Vou passar uma dinâmica para vocês. Geralmente a professora ou o professor de Português pede no início do ano uma redação sobre como foram as férias de vocês. Eu pensei em algo um pouco diferente. Eu gostaria que vocês fizessem um poema sobre as férias. Usem a criatividade. Coloquem o poema no chat. Se não der tempo de terminar durante a aula, vocês

podem enviar no nosso grupo do WhatsApp. Mas antes de começarem a fazer o poema, eu gostaria de falar um pouco sobre o primeiro semestre. Nele estudaremos os números complexos. Abordaremos o que é o conjunto dos números complexos, a sua forma algébrica, o conjugado, o quociente de dois números complexos, o módulo, o argumento de números complexos e operações com eles. A minha avaliação não será por meio de provas. Vou avaliar principalmente por meio da participação de vocês nas aulas e da realização das dinâmicas. Quando eu digo dinâmicas, me refiro às atividades, que serão realizadas no decorrer das nossas aulas, como, por exemplo, o poema que pedi hoje. Além dessas duas formas de avaliação, eu gostaria que vocês me ajudassem a criar uma terceira maneira de avaliar. Alguma sugestão?

— Profe, eu acho que a gente poderia fazer assim: todo mundo tem que contar uma piada no começo da aula. Aí ganha essa terceira nota se a pessoa contar a piada. Se não contar, não ganha.

— É uma boa ideia essa, hein?! Gostei. Só que não pode ser uma piada preconceituosa. Alguém discorda?

— Ahh, profe, onde já se viu avaliar a gente por meio de uma piada? — comenta um dos estudantes.

— Não, profe. É muito boa a ideia do Leonardo — afirma uma outra aluna.

— Pessoal, tomem cuidado com o moralismo. Só é avaliação se for prova escrita? Só se for coisa “séria”? Claro que a avaliação não pode ser qualquer coisa, tem que ser bem pensada. Mas eu decidi acatar a sugestão, porque percebi que o Leonardo e os demais estudantes viram nela uma genuína possibilidade de produção. Eu não poderia recusá-la após dizer que seriam vocês que iriam escolher. Outro motivo de eu ter aceitado a sugestão do Leonardo se relaciona com o momento que estamos vivendo. Passar por uma pandemia é uma tarefa dolorosa e triste. Rir me parece uma possibilidade de escape, de alívio de tensão, ou como diz Paulo Gustavo: “Rir é um ato de resistência.”. Vai ser interessante o exercício de pesquisar uma piada que não zombe das minorias, a primeira forma de combater o preconceito é detectá-lo dentro de nós mesmos, nos discursos e atitudes preconceituosas que ajudamos a perpetuar e não percebemos. Então está decidido. A terceira forma de avaliação será contar uma piada no começo da aula. É isso, pessoal, usem esse tempo restante para escreverem o poema.

A aula termina. Alguns já tinham feito o poema e outros vão enviar depois. *Esse Leonardo é genial, nem nos meus sonhos eu teria a ideia que ele teve.*

O final de semana chega. É dia de Vinícius, Letícia e Cíntia estrearem o Clube do Livro. Mas, antes, Vinícius decide fazer um leite com café cremoso, que é de longe a oitava maravilha do mundo. *Vou mandar uma mensagem para as dorminhocas*, pensa ele.

“Oiii, meninas! Bom dia! Animadas para o encontro?”

“Oi Vini! Estou sim, mas não tanto quanto você. Acho que você é daqueles psicopatas que acordam todo dia de bom humor.”

“Ai que exagerada, amiga. Eu tenho meus dias de luta. Cadê a Lê? Sempre atrasada.”

“Acho que ela ainda está acordando.”

“Oi, jovens! Cheguei. Vocês são muito madrugadores, meu Deus!”

“Ou você que é muito dorminhoca. Brincadeirinha.”

“Ou talvez a gente tenha que avisar a Marcela que a cada 15 dias vamos nos reunir, não é mesmo, Vini?”

“Hahahahahahaha, arrasou Cíntia.”

“Engraçadinhos. Ela nem passou a noite aqui. A realidade é que eu travo batalhas sangrentas com o relógio. Ele quase sempre ganha.”

“Hahaha, segue o link, meninas: <https://meet.google.com/fys-uquz-ewt>”

“Obrigada, em 20 minutos eu entro.”

“Eu também.”

“Vini, aceite a nossa solicitação de entrada, não nos ignore.”

— Desculpem, meninas, eu estava tirando uma água do joelho antes de entrar.

— Tranquilo.

— Estão me ouvindo?

— Sim, Cíntia.

— Tô tão feliz, meninas. Obrigado por terem tirado esse tempinho para nos reunirmos.

— Nós que agradecemos, não é mesmo, Lê?

— Com certeza, também estou muito feliz. Eu gostei demais dos três textos. Vou confessar pra vocês que teve um que eu li páginas a mais do que o combinado.

— Eu desconfio qual é, Lê. O romance da Clarice?

— Esse mesmo, Vini. Obrigada pela indicação, Cíntia. Eu li metade.

— Por nada. Fico feliz que tenha gostado. Acho que a gente poderia começar por ele, né?

— Eu topo.

— Eu também. Fique à vontade para compartilhar os seus apontamentos, Lê.

— Pode ser. Eu gostaria de começar dizendo que estou amando a leitura de “Água Viva”! Clarice não economiza nas frases profundas. Para mim, além de literatura, ela produz filosofia neste livro. Eu destaquei um trecho da página 11: “*Vejo que nunca te disse como escuto música – apoio de leve a mão na eletrola e a mão vibra espalhando ondas pelo corpo todo: assim ouço a eletricidade da vibração, substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme nas minhas mãos.*”²⁵ Nesse trecho, ela mostrou que a personagem criou para si um “corpo sem órgãos”, que é um conceito de Artaud, que foi “roubado” por Deleuze e Guattari. Eu nunca tinha encontrado um exemplo tão lindo e claro. Com esse conceito, os autores instauram a ideia de desconstrução do organismo e a ampliação dos usos dos órgãos, entendendo-se órgão para além do sentido literal. Criar um corpo sem órgãos é estar no limite a partir de uma subtração máxima dos órgãos, ou seja, ao invés de um organismo com objetivos e funções, um corpo pleno, onde as coisas se conectam livremente e o corpo não tenha objetivo, imagem ou direção pré-determinada e a ser seguida, ou seja, posso “ouvir” a música com todo o corpo. No terceiro volume de “Mil Platôs”, Deleuze e Guattari escrevem: “*Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre.*”²⁶ Por que não ouvir música com as mãos?

— Maravilhoso, Lê. Eu também gostei desse trecho que você destacou, mas não tinha relacionado com o conceito de Deleuze e Guattari, que eu não conheço, mas quando na minha vida eu pensaria em ouvir música com as mãos?!

— Eu também gostei dessa parte, Vini. Achei tendência. Interessante você ter encontrado na literatura uma exemplificação de um conceito filosófico, Lê. Acho que o trecho do livro e o conceito nos mostram que a gente tem que desnaturalizar e questionar os nossos comportamentos. Ouvindo você falar, ficou forte para mim a ideia de experiência, de estar aberta a novas experiências, comigo mesma e com o mundo. O que mais você destacou, Lê?

— Então, gostei bastante também de um trecho da página 37: “*Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasce.*”²⁷ Achei muito potente essa afirmação da narradora. “Água Viva” é um romance de 1973. Já nessa época a Clarice utilizava a literatura para questionar a ideia de padrão. Eu me identifiquei muito, desde pequena eu quebro padrões. Por eu ser uma mulher negra, lésbica e gorda, sempre me forçavam a fazer parte de algum padrão. Conviver com olhares de julgamento

²⁵ Lispector (1998, p. 11)

²⁶ Deleuze e Guattari (1996, p. 10)

²⁷ Lispector (1998, p. 37)

e falas cruéis foi, até um tempo atrás, um problema para mim. Mas eu resisti, eu me aceitei do jeito que sou. Dos outros eu só exijo o respeito.

— Ai, amiga, eu já disse que você é poderosa?! Eu não cheguei a ler essa parte do livro, mas tenho certeza de que também me identificaria. Essa questão do padrão é muito cruel mesmo. Na maioria das vezes, a gente tenta se enquadrar em padrões sem perceber, outras vezes nos sentimos confortáveis seguindo padrões. Temos que ficar atentos.

— Obrigada, Vini, você também é poderoso. Pra Cíntia deve ser tranquilo, ela é toda hétero-padrãozinho-cheia-de-privilégios. Brincadeirinha.

— Olha a “heterofobia”, hein, Lê?! Zueira. Eu me solidarizo com vocês. É muito interessante e potente o que vocês falaram. Mesmo eu sendo uma “hétero-padrãozinho-cheia-de-privilégios”, pra entrar na zueira da Lê, acho que eu também não me enquadro em certos padrões criados pela sociedade. Às vezes me sinto deslocada quando estou com um dos meus grupos de amigas. Eles têm certos padrões de comportamento que eu não sigo. Concordo com o Vini quando ele destaca que temos que ficar atentos e com a Lê quando fala em resistência. Posso apresentar os meus apontamentos?

— Claro! Manda ver, Cíntia.

— Beleza. Eu gostei muito do livro, fiquei feliz por ter indicado ele. Eu estava querendo ler há um tempão. Durante a leitura eu fiquei me perguntando quem é a personagem principal, que inclusive é a narradora. Vocês conseguiram identificar?

— Eu consegui, ou acho que consegui. Mas é porque eu fui além da página 21. Na página 23, ela escreve: “*É tão curioso ter substituído as tintas por essa coisa estranha que é a palavra.*”²⁸. Para mim, ela é uma escritora que um dia já foi pintora. A personagem ora ou outra enaltece a palavra.

— Obrigada, Lê. Vou dormir mais tranquila hoje. Os meus dois destaques são da página 9 e da 21: “*Porque ninguém me prende mais*”²⁹. “*Embora às vezes eu grite: não quero mais ser eu!*”³⁰. Quando li essas pequenas frases, me senti muito representada. Veio em mente muitos relacionamentos tóxicos antigos, nos quais eu me sentia presa e almejava ser outra pessoa, de outro lugar. Naquelas épocas, eu queria ter essa força e empoderamento da personagem. Mas isso é passado, consegui me libertar. Estou muito feliz com o Enzo inclusive, tenho que apresentá-lo para vocês. Lendo o primeiro trecho, eu fiquei com inveja das amigas de Clarice. Se inventarem uma máquina do tempo, acho que irei escolher tomar chá com ela.

²⁸ Lispector (1998, p. 23)

²⁹ Lispector (1998, p. 09)

³⁰ Lispector (1998, p. 21)

— Chame a gente, amiga, pra tomar chá com a Clarice e para conhecer o Enzo.

— Pode deixar. Bom, os meus destaques são esses. Estou muito animada pra continuar a leitura. Passo a palavra pra você, Vini.

— Vamos lá, então. Eu também serei rápido, meninas. Assim como a Cíntia, o meu destaque remete à minha vida, mais especificamente em relação à minha vida profissional. É uma pergunta da narradora/personagem principal que está na página 13: “*Que mal porém tem eu me afastar da lógica?*”³¹. Essa pergunta mexeu comigo. Por eu ser professor de Matemática, sempre fui reforçado a valorizar a lógica e a racionalidade, e desvalorizar o que se afasta um pouco disso, como a literatura, por exemplo. Quando li esse trecho, parece que despertei e novas possibilidades surgiram. Dentre os três textos que nós escolhemos, o primeiro que li foi esse. Após destacar essa pergunta, eu comecei a pensar sobre a minha prática. Foi então que pensei que não deveria me restringir somente a ensinar Matemática e ser guiado pela sua lógica. Dei o primeiro passo, na primeira aula pedi para os estudantes escreverem um poema sobre as férias deles. Quem disse que não pode ter poesia na aula de Matemática?

— Que bacana, Vini, arrasou.

— Você tem os poemas aí? Mande algum pra gente, nos alimente com poesia.

— Pode deixar, meninas. Assim que terminarmos a reunião, eu mando no grupo. Acho que a gente pode ir para o segundo texto, “Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática de Liberdade”, né?

— Por mim, pode ser.

— Por mim também. Posso começar?

— Manda ver, Lê.

— Fechou. Bom, o que falar de bell hooks? Ela é maravilhosa. O que mais me chamou atenção nesse começo do livro, e espero que isso se estenda pelo restante dele, é como a autora utiliza de sua trajetória para movimentar o texto. Eu também li a introdução. Nela, tem uma parte que chamou a minha atenção, na página 12: “*Quando entramos em escolas brancas, racistas e dessegregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar (...) as crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática de liberdade. Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola. A sala de aula já não era um lugar de prazer ou êxtase. A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento*

³¹ Lispector (1998, p. 13)

os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender.”³². Lendo esse excerto eu chorei, me vi nele. Eu vivi isso e, infelizmente, vejo isso ocorrer ainda hoje na nossa escola. A violência que as nossas crianças negras foram e são submetidas na escola é de cortar o coração. Antes da pandemia, eu cansei de ver grupinhos excluindo alunos e alunas negras durante as brincadeiras. Sem falar das ofensas. Precisamos fazer algo. É como diz o título daquela música de Emicida com Gilberto Gil: “É tudo pra ontem”. Aliás, escutem Emicida.

— Nossa, Lê. É bem urgente fazermos algo mesmo. Quando li esse trecho que você destacou, eu fiquei me perguntando se eu já não fui como esses professores da autora. Provavelmente sim. É tenso pensar que esse racismo individual é a ponta do iceberg. Como nos ensina algumas autoras e autores, precisamos enfrentar o racismo estrutural. Amo Emicida.

— Eu ouvi pouco Emicida. Se vocês estão indicando com fervor, eu vou ouvir. E também olhei para as minhas práticas, Vini. Achei a escrita da bell hooks muito potente. Ela propõe muitas reflexões urgentes. Acho que nós, pessoas brancas, temos que colocar em prática uma escuta atenta das vozes negras. A branquitude precisa questionar e repensar suas ações. Em relação ao texto, eu fiz dois destaques. O primeiro é da página 28, no qual a autora traz uma citação que chamou a minha atenção: “*Thich Nhat Hanh ressalta que ‘a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente’.*”³³. Eu concordei plenamente com o Hanh e fiquei me perguntando o quanto nós professoras e professores negligenciamos o cuidado de si. Conheço muitas professoras e professores que adoeceram no exercício da profissão por não cuidarem de si mesmos antes de cuidarem do outro. Já pensaram se existisse, em cada cidade, uma instituição pública de psicologia que atendesse os trabalhadores e trabalhadoras? Acho que não podemos colocar a culpa só no ombro de quem adoece, precisamos fazer uma análise estrutural, nos entendermos enquanto classe trabalhadora. Nossa classe precisa trabalhar muito para ganhar o suficiente para sobreviver. Não é raro encontrarmos exemplos de professoras e professores que trabalham os três períodos e usam o final de semana para planejar aula. Isso é desumano. Se não nos articularmos enquanto classe, continuaremos mantendo os regimes de dominação. Um outro destaque se encontra na página 30: “*Não quero dizer que não houvesse tiranos encantadores e benevolentes, mas minha memória me diz que era raro – extraordinariamente, assombrosamente raro – encontrar*

³² hooks (2017, p. 12)

³³ hooks (2017, p. 28)

professores profundamente comprometidos com práticas progressistas.”³⁴. Esse é um de muitos trechos do primeiro capítulo que dão forma ao que ela está chamando de Pedagogia Engajada. Ela utiliza a própria trajetória para fazer a crítica, que é bem potente. O livro foi publicado em 1994, ou seja, ela faz referência a décadas anteriores ao ano de publicação. Será que após todos esses anos, nós, professoras e professores, estamos comprometidos com práticas progressistas?

— Que pergunta, hein?! Infelizmente a resposta não é tão animadora. Faça isso, Cíntia, acho que o álbum AmarElo é um bom começo para conhecer o Emicida. Você pode assistir ao documentário dele que saiu recentemente na Netflix, além das músicas têm os bastidores da gravação e histórias do povo negro.

— Nossa, Lê, não sabia do documentário. Vou assistir hoje à noite. Valeu, amiga. Quanto à pergunta da Cíntia, vamos ser sinceros, a maioria de nós não se preocupa em colocar em movimento práticas progressistas dentro e fora da sala de aula. Para dar um spoiler do artigo de Silvio Gallo, parece que poucas vezes deixamos de ser professores profetas para sermos professores militantes. Eu também gostei bastante do livro da bell hooks. Achei muito legal que ela fala com tanto carinho da obra de Paulo Freire. Eu também não consegui me segurar, Lê. Li um capítulo a mais. Em relação ao capítulo 1, eu fiz um destaque que se relaciona ao último destaque da Cíntia. Espere, os meus dois são parecidos com os seus, amiga. Estamos sintonizados. Vamos ao primeiro, que se encontra na página 36: “*Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral, os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência.*”³⁵. Eu não sei vocês, meninas, mas eu estou disposto a correr os riscos de colocar em prática uma pedagogia engajada e de tornar as minhas aulas de Matemática um foco de resistência.

— Eu também, Vini.

— Eu não vou ficar para trás.

— Eu percebo que fiquei muito em cima do muro, meninas. Eu só dava atenção à Matemática e, sem perceber, reforçava a ilusória neutralidade dela. Durante a graduação, eu até flertava com as discussões sociais e políticas, mas me mantinha distante. No entanto, nunca é tarde para rever a própria prática. Acho que as leituras que fizemos me deram um

³⁴ hooks (2017, p. 30)

³⁵ hooks (2017, p. 36)

empurrãozinho, me afetaram. O segundo destaque que eu gostaria de fazer é de um trecho do capítulo “Confrontação da classe social na sala de aula”, mais especificamente na página 244: *“Qualquer tentativa da parte de um aluno para criticar os preconceitos burgueses que moldam o processo pedagógico, especialmente na medida em que têm relação com as perspectivas epistemológicas (os pontos de vista a partir dos quais a informação é partilhada), será vista na maioria dos casos, sem sombra de dúvida, como negativa e perturbadora.”*³⁶. Só para contextualizar, essa afirmação da bell hooks também tem forte relação com a história de vida dela. Ela estudou na Universidade de Stanford e colocou no livro suas experiências desse e de outros períodos. Neste capítulo, fica bem evidente as dificuldades e obstáculos de quem tem origem em uma classe materialmente desprivilegiada ao ingressar em uma universidade elitizada. Eu achei muito interessante essa discussão de classe sobre o contexto educacional. É muito verdadeiro o que ela afirma nesse trecho. A classe dominante se esforça ao máximo para se manter no poder e coloca rótulos pejorativos em quem a questiona. Eu também notei isso durante a graduação. Eu lembro que os docentes e estudantes que defendiam ideias marxistas, por exemplo, eram vistos como perturbadores da ordem do campus.

— Eu já percebi isso em uma escola particular na qual eu trabalhei, Vini. O comportamento dos estudantes bolsistas eram os mais vigiados e questionados.

— Muito legal essa discussão de classe que a bell hooks faz, não vejo a hora de chegar nesse capítulo. Uma coisa que a gente pode fazer quando terminarmos a leitura dos dois livros é aprofundarmos a discussão sobre classe. Acho que agora a gente pode discutir o último texto, né? Mas, antes, podemos fazer um intervalinho de 15 minutos. O que acham?

— Eu acho uma boa, Cíntia.

— Eu também, meninas.

— Voltei, jovens. Tô animada para discutir o texto do Silvio Gallo, eu já tinha lido, mas escolhi porque achei que seria produtivo revisitá-lo a partir de uma discussão coletiva.

— Você está colocando muita expectativa na gente, Lê, pega leve.

— Também acho, Vini. Posso começar?

— Claro, Cíntia — disseram Vinícius e Letícia, em sintonia.

— Bom, eu gostei muito do texto de Gallo. Eu notei algumas intersecções com os livros, em especial com o da bell hooks, principalmente em relação às discussões sobre resistência. Eu gostaria de discutir um pouco sobre o professor militante e o professor profeta. Achei geniais esses dois conceitos. O que ficou pra mim com essa diferenciação é que o professor profeta

³⁶ hooks (2017, p. 244)

seria tanto aquele professor que só anuncia possibilidades, mas não as coloca em prática, como também aquele que coloca em prática algumas ações, mas é guiado por uma certa individualidade e seus atos são isolados. O professor militante vai por um caminho diferente. Fiquei pensando que não é muito produtivo afirmar que esse ou aquele professor é profeta, visto que ser professor profeta ou militante não é uma identidade fixa. O que vocês acham?

— Eu concordo com você, Cíntia. Pode ter momentos em que somos professores profetas e outros momentos em que somos militantes.

— E momentos em que não somos nem um nem outro.

— Realmente, Lê. Um outro ponto que me chamou a atenção nessa parte diz respeito às instâncias em que ocorrem as lutas da professora e do professor militante. Na página 171 do artigo, Gallo diz: *“Essa é uma luta que deve dar-se em diversos ângulos e em diversos níveis. Ela deve dar-se no ângulo do cotidiano da sala de aula, ela deve dar-se nas relações que o professor trava com seus colegas no ambiente de trabalho, ela deve dar-se com as relações que o professor trava no seu ambiente social, mais amplo, mais geral, e ela deve dar-se também nas relações que o professor trava na luta sindical.”*³⁷. Pelo que eu entendi desse trecho, a luta da professora e do professor militante não se restringe ao território escolar, ela pode ir para além dele. Eu fiquei um pouco triste, pois nem na escola eu estou sendo uma professora militante.

— Relaxe, amiga. Eu tenho certeza de que você já foi em algum momento uma professora militante. Além disso, nunca é tarde para começar a ser.

— Falou tudo, Vini. Não se cobre tanto, Cíntia. Bom, um outro conceito importante do artigo que anotei aqui na ficha, que se relaciona diretamente com o conceito de professor militante, é o conceito de educação menor.

Neste momento, Letícia faz uma explanação sobre educação menor, perpassando também o conceito de literatura menor.

— Caraca, Lê! Você fez o dever de casa, hein?! Apresentou textos que nem tínhamos combinado de ler.

— Deixe eu te perguntar, a partir da definição de território que você apresentou, que confere um sentido amplo à palavra, a educação pode ser considerada um território?

— Olha, a meu ver sim. Deleuze e Guattari pensam território para além do território físico.

³⁷ Gallo (2002, p. 171)

— Me pareceu interessante a ideia de desterritorializar a educação. No nosso caso, desterritorializar a Matemática, a Educação Física e a Filosofia. Acho que, para terminarmos, eu vou falar um pouco do conceito de educação menor, que é um deslocamento do conceito apresentado pela Lê, e fazer uma proposta para vocês, que me ocorreu depois que li os textos... Meu celular está tocando, meninas. Vou precisar atender, só um minuto.

— Oi, Vini. Tudo bem? Quanto tempo! Está podendo falar?

— Oi, João. Tudo certo, que saudades de você! Estou podendo falar sim, o que manda?

— Você precisa me salvar, cara! Estou fazendo uma disciplina do mestrado sobre militância. A ideia é que os participantes da disciplina entrem em contato com uma professora ou professor de matemática e coloquem em movimento um ato de militância. Pensei em você. Seria possível você me ajudar?

— Hoje é o seu dia de sorte, cara. Eu e duas amigas estamos reunidas neste momento em um clube do livro. A partir dos textos que estamos lendo, pensei em fazer algo próximo à proposta da sua disciplina. Vou te mandar o link da sala e você conecta, continuamos a conversa por lá.

— Combinado, mande aí.

— Galera, esse é o João, um amigo querido dos tempos de graduação, ele vai participar do nosso clube.

— Oi, galera. Desculpe atrapalhar o encontro de vocês. Qualquer coisa a culpa é do Vini, conviver com ele me deixou assim.

— Como ousas, traidor?! — brincou Vinicius.

— Seja bem-vindo, João! Não atrapalhou não, relaxe — comentou Letícia.

— O motivo da entrada do João no clube coincide com um convite que eu queria fazer: vocês topam colocar em movimento uma prática de militância na nossa escola?

— Interessante, Vini. O que você tem em mente?

— Então, eu pensei em construirmos uma ação coletiva entre estudantes e docentes. Nós poderíamos dialogar com os estudantes e, a partir das sugestões levantadas, elaborar algo coletivamente. Uma possibilidade seria trabalharmos a partir das demandas deles. Poderíamos reservar alguns minutos das próximas aulas para conversar.

— Eu gostei. É uma oportunidade de deixarmos de ser professores profetas e sermos um pouco militantes.

— Concordo, Cíntia. Acho que é também a oportunidade de vivenciarmos na prática a teoria.

— Combinado então. Eu amei o nosso primeiro encontro.
— Eu também! Não vejo a hora de nos reunirmos novamente.
— Eu que o diga, Cíntia. Se já está sendo legal à distância, imagine quando pudermos fazer encontros presenciais?! Já podem comprar o vinho e ir treinar na cozinha, 2022 está logo ali. Para o próximo encontro, a gente pode ler mais dois capítulos do livro da bell hooks e finalizar o livro da Clarice?
— Fechou, Lê.
— Combinado. Beijinhos.
— Segue um daqueles poemas dos meus alunos que eu tinha falado, escrito pelo Leonardo. Beijos:

*Céu de março*³⁸

*Sinto falta das pipas
Das inquietas rabiolas das pipas...
O céu de dezembro agora se chama céu de março
Liso, vazio e aquele mormaço
Onde vocês estão?
Humanos são vistos através das janelas
Como soldados de sentinela
Bola murcha
O chão do campinho já perdera suas marcas
Agora abriga éguas, cavalos e até umas cabras
Aplausos para a bola de feno
Dias atrás liguei para o Fred
Estamos num episódio de The Walking Dead?
Saudades da vizinhança
O silêncio das ruas é o grito da morte
Não posso arriscar
Ainda estou com sorte
Música de suspense
O som do atabaque ecoa na mente
Aquele dramão que só a gente sente*

³⁸ Poema escrito pelo nosso querido amigo Everton Dutra Colodetti.

De onde vem essa luz?
A tela se tornou minha droga
Liga, clica, loga e desloga
Loga de novo
Jogatina começou
Pai tá on.

05/03/2021

Hoje senti uma sensação de distanciamento. Algo próximo aos pensamentos de Naruto quando estava em sua fase solitária. Acho que sou muito sem graça e isso afasta as pessoas. Ou talvez eu não me dedique muito. Sei lá. Não tenho uma opinião muito concreta sobre isso. Mas penso que não seja obrigatório ter 500 amigos. Dei uma risada interna agora.

Hoje João terá que desligar cinco alarmes nomeados de “A reunião”. Ele tem seus momentos de exagero. Chegou o dia de João e Thiago se reunirem com seus novos amigos e conhecerem algumas perspectivas sobre militância.

— Boa noite, pessoal! Parece que todo mundo entrou, né?

— Sim, Thiago — confirma Dinha.

— Ótimo. Eu gostaria de começar agradecendo mais uma vez e dizer que vocês podem ficar à vontade. Se tiverem alguma sugestão de como podemos proceder, podem compartilhar.

— Eu tenho uma sugestão, Thiago — afirma Buchi Emecheta. — Você e João decidem como procederemos hoje e no próximo nós decidimos. Acho que podemos fazer três encontros. O que vocês acham?

— Gostei da ideia — diz Carolina. — Se formos ter três encontros, acho que um deles deveria ser sobre militância.

— Concordo, minha querida — comenta Ubiratan.

— Então poderíamos já deixar decidido assim: nesse primeiro o João e o Thiago fazem uma proposta, no próximo tratamos de militância e vamos pensando o que fazer no terceiro e último — propôs Guattari.

Todos concordaram.

— Fique à vontade para lançar a proposta, João — disse Thiago.

— Difícil, hein?! Mas, vamos lá... Eu pensei em uma coisa. Gostaria de saber a resposta de vocês para a seguinte pergunta, que vou colocar no chat:

Se vocês fossem professoras ou professores de Matemática, como seriam as suas aulas?

— A pergunta cai na armadilha da idealização, peço desculpas por isso, mas achei que seria interessante escutar pensadoras e pensadores de outras áreas fazendo esse exercício de imaginação.

— Posso começar? — pergunta Carolina.

— Claro, fique à vontade.

— Essa é uma pergunta fácil. Se eu fosse professora de Matemática, as minhas aulas teriam de tudo um pouco. Eu acho que, mesmo muitos não tendo ciência disso, as professoras e os professores são como poetas. Eles são inventivos. Eu não estou dizendo que a matéria da poesia de professoras e professores são somente as matemáticas. A matéria da poesia deles é a vida e o mundo. Eu amo ler e escrever. “*Todos os dias eu escrevo.*”³⁹ Inclusive, para mim, “*O livro é a melhor invenção do homem.*”⁴⁰ Obviamente, nas minhas aulas teria muita leitura e escrita. Eu iria colocar a criançada para criar mundos. Por que não convidar os estudantes a escreverem um conto, um poema ou uma crônica partindo de um conceito matemático? Se eu fosse professora de Matemática, com certeza faria parcerias com as outras professoras e professores. Obviamente organizaria, em parceria com a professora ou professor de Português, um livro com produções dos estudantes. Não posso deixar de mencionar que organizaria uma exposição de fotografias em parceria com os docentes de Artes e Biologia. Algo que eu faria, com certeza, seria pintar a escola de cultura: levaria os estudantes ao teatro, traria o teatro até eles, produziria filmes, organizaria apresentações musicais e outras coisas. Para não alongar a minha fala, uma última possibilidade enquanto professora de Matemática seria utilizar o espaço

³⁹ (Jesus, 2014, p. 22)

⁴⁰ (Jesus, 2014, p. 24)

e parte do tempo de minhas aulas para contar as histórias não contadas. Falando nisso, super-recomendo o livro “Rastros de Resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro”, de Ale Santos. As possibilidades são muitas, o céu é o limite. Minhas assistentes seriam a ancestralidade, a escuta atenta, a oralidade, a ludicidade, a corporeidade, o diálogo e a ética. Bom, acho que é isso, pessoal.

Deleuze levanta a mão pelo recurso do Meet.

— Difícil falar depois da Carolina, mas vamos lá. Bom, eu não sou professor de Matemática, mas, para responder a essa pergunta, vou considerar a minha experiência como professor de Filosofia. São importantes para mim os ensaios e a inspiração, tudo começa com eles. Acho que eu buscaria colocar em movimento uma educação matemática menor. Gostei bastante do deslocamento conceitual da literatura menor, que Silvio Gallo operou. Acho que eu iria por aí, resgatar o aspecto político da educação matemática, sabe? A coletividade e a desterritorialização. Talvez iniciar o conteúdo de porcentagem mostrando a desigualdade social da cidade dos estudantes e pensar com eles possibilidades de resolver esse problema crônico. Pensei em outra coisa: analisar filosoficamente um conceito matemático, mostrando as suas potencialidades, limitações e possibilidades de ampliação. Há muitos rumos possíveis. Lembrei de outro: inventar novas matemáticas. Matemáticas que não excluem. Mas uma coisa que eu não faria seria prender-me somente à Matemática. Isso é assassinato epistêmico. Não é novidade que a Matemática está por trás de muitas mazelas da história da humanidade. Considerando esse fato, eu praticaria com os estudantes as matemáticas que defendem e respeitam a vida. Eu sei, pode parecer romântico da minha parte. Mas estou pensando também na vida não humana, em todas as formas de vida. Eu levaria para as minhas aulas a seguinte questão: como as matemáticas podem defender vidas? Vou pensar mais sobre essa pergunta, passo a palavra.

Ubiratan levanta a mão.

— Eu sou professor de Matemática, mas essa pergunta me ajuda a pensar sobre a minha trajetória enquanto educador matemático. Gostaria de reforçar o que já escrevi em alguns textos. Durante a minha carreira, busquei ser um professor-pesquisador e acho que esse é um dos conselhos que dou pra você e para quem está entrando no mundo do magistério. Não dá para ser um professor de Matemática atualizado e dinâmico sem a reflexão sobre a prática e os processos que atravessam a sala de aula. Na verdade, até dá, mas se perde muito. Entendo que é necessário tempo de qualidade para ser um professor-pesquisador. Aí está uma pauta de militância: lutar pela qualidade da educação, garantindo tempo remunerado para que as

professoras e professores pesquisem e reflitam sobre as suas práticas. Como eu já disse em um dos meus livros, a pesquisa é o elo entre teoria e prática. Além da pesquisa, enquanto professor de Matemática, prezei por aulas nas quais havia diálogo horizontal. Ele é umas das bases da aula. Parece óbvio, mas, às vezes, é necessário dizer o óbvio. Eu insisto nesse ponto, porque me parece que alguns professores encenam uma falsa escuta. Isso é muito problemático. O estudante percebe quando o professor faz isso. Eu lembrei de muita coisa bacana que aconteceu nas minhas aulas, mas vou passar a palavra para não monopolizar a fala. Vou te mandar alguns textos, João. A gente continua a conversa em um outro momento.

Thiago saiu da sala por falta de conexão.

Guattari levanta a mão.

— Eu gosto muito da ideia de um docente que trabalha com experimentações. Se eu fosse professor de Matemática, experimentaria com ela. Matemáticas e vidas e experimentações: o que podem? Acho que eu iria por aí... Pegar o conceito de igualdade da Matemática, por exemplo, e experimentar com ele, destruí-lo em certos contextos, defendê-lo em outros, brincar com ele. Lançar a pergunta para os estudantes: o que podemos fazer coletivamente com ele? Ou ainda: o quanto de vida cabe na igualdade e o quanto de igualdade cabe na vida? Outro possível: trabalhar matriz com fotografias que mostrem as desigualdades. Outro ainda: reservar uma aula na semana para que um estudante se torne docente. Só mais um: criar um espaço na escola para discutir coletivamente demandas sociais dos estudantes. Repito: experimentar, experimentar, experimentar.

Dinha levanta a mão.

— Gosto de perguntas como essas, sabe? Perguntas que aguçam a imaginação. Filosofar tem muito disso, não é mesmo? Se eu fosse professora de Matemática, eu só mudaria o crachá, o restante seria igual. Eu iria colocar essa molecada para filosofar nas aulas de Matemática. Os paradoxos matemáticos seriam um prato cheio para tal. Assim como colocar a Matemática contra a parede para ver até onde ela aguenta. Desculpe, me exaltei aqui. Deixem eu me recompor. Com a última fala, eu quis dizer que estudaria filosoficamente os limites da Matemática, bem como suas possibilidades de expansão. Muitos matemáticos eram filósofos, mas hoje percebo um certo distanciamento entre essas duas áreas no contexto escolar. Acho que eu buscaria aproximá-las em minhas aulas.

Buchi Emecheta levanta a mão.

— Essa pergunta é emblemática e com diversas possibilidades de resposta. Acredito que, se eu fosse professora de Matemática, uma das minhas frentes de trabalho seria ensinar

Matemática aos estudantes de modo que a utilizassem para enfrentar os problemas sociais de nosso tempo. Eu subverteria a própria Matemática, que em inúmeras vezes foi utilizada pelos opressores. Temos o problema histórico de pessoas passando fome pelo mundo todo. Eu pegaria esse problema, por exemplo, e, em parceria com outros professores e professoras, estudantes e membros da comunidade, buscaria construir soluções coletivamente. Como a Matemática pode ser utilizada para combater a fome? Eu começaria com essa pergunta. Acho que como temos muitos escritores nesse espaço, muitos dariam atenção à escrita se fossem professores de Matemática. E não tem problema nenhum nisso, aliás, é muito interessante, as aulas de Matemática precisam de mais escrita e leitura. Reside aí minha outra frente de trabalho. Eu convidaria os estudantes a escrita e a leitura, em especial escritas e leituras críticas do mundo. Nos meus primeiros anos de vida, eu tive que enfrentar as restrições do acesso das mulheres a muitos espaços, como a escola. Hoje minha luta pelos direitos das mulheres inclui também um acesso de qualidade, de modo que nós tenhamos condições plenas de nos desenvolver e liberdade para ditar os rumos de nossas próprias vidas. Acho que a literatura pode ajudar muito com esse objetivo social. Na literatura encontramos muitos projetos de sociedade que defendem a liberdade e a vida plena e digna. Se eu fosse professora de Matemática, convidaria os estudantes a construir sociedades outras, compartilhando-as através dos livros. Como disse, as possibilidades são muitas, mas vou parar por aqui. Obrigada por me ouvirem. Acho que falta o João. Fiquei interessada na resposta dele.

João levanta a mão.

— A minha experiência em sala de aula se deu pelos estágios durante a graduação. Nunca cheguei a assumir uma turma, não vejo a hora disso acontecer, sair dessa fase de ensaio, sabe? Mas, vamos lá, *bora* responder à pergunta. A primeira coisa que pretendo fazer quando assumir uma turma é conhecê-la melhor, bem como o contexto social da mesma. Acredito que a aula de Matemática começa muito antes da entrada do estudante na sala de aula. A vida dos estudantes importa. Pretendo conectar a sala de aula com o cotidiano deles. Isso tudo se dará pelo diálogo, quero ouvi-los. Apesar de toda a burocracia do sistema, quero que o espaço da sala de aula seja um espaço de construções coletivas. Isso requer um esforço e dedicação tremenda, mas deve valer a pena. Acho que faria o máximo para que as alunas e alunos tivessem contato com uma Matemática brincante e imaginativa. Lembrei de uma ideia que eu estava tentando recordar. Eu buscaria convidar os estudantes a comporem com a Matemática e a vida. Fugir da prática da reprodução e da cópia, entende? Eu não ficaria para trás quando o assunto é proporcionar encontros com a literatura. Alguns meses atrás, criei uma página no Instagram, o

@fragmentosdojoao, para divulgar os meus escritos. Já pensei em vários projetos com a escrita, não vejo a hora de ver as poetisas e os poetas que frequentam a escola mostrando para o mundo a sua arte. Além disso, buscaria não me colocar à parte dos desafios educacionais e sociais do meu local de trabalho. Não dá pra ignorar os percalços da escola. Acho que a criação de um grupo colaborativo ajudaria bastante. Eu fiz a pergunta, mas não esperava ter que responder, me pegaram de surpresa, mas essas são algumas das coisas que eu faria.

Vinícius está pensativo sobre o que fazer neste domingo preguiçoso. Algumas opções levantadas por ele são: assistir ao último episódio de “Pose”, começar “O Gambito da Rainha”, fazer um piquenique, ler e ligar para os seus pais. Decide escolher todas.

Ele não está acostumado a fazer piqueniques sozinho e muito menos em lugares que não tem ninguém. Mas, de certo modo, não está sozinho. Convidou Clarice Lispector para fazer-lhe companhia. Ele acredita que terminará “Água Viva” hoje.

Após terminar o piquenique, restaram 11 páginas para finalizar a leitura do romance da dona Clarice. *Amanhã à noite eu finalizo tomando uma taça de vinho, será um final glorioso. Só falta ligar para os meus velhinhos. Vou tomar um banho antes*, pensou Vinícius.

É hora dele começar a semana e conversar com os estudantes sobre a proposta que surgiu no clube do livro. Vinícius tem duas aulas com o 3º A e duas com o 3º C. Está ansioso para saber as ideias deles. Em algumas de suas aulas, principalmente quando está começando um conteúdo novo, para planejamento e execução das mesmas, ele usa a Teoria das Situações Didáticas, proposta por Guy Brousseau. Tendo ela como uma de suas referências, ele não explica o conteúdo e depois passa exercícios, ao contrário, primeiramente ele propõe uma atividade (problema, jogo, etc.) e depois formaliza os conteúdos. Ocorrendo a situação de devolução (aceitação do problema por parte dos estudantes), eles passam por três situações didáticas (situação de ação – o aluno realiza uma ação inicial, como: tomar decisões, realizar proposições, etc.; situação de formulação – o aluno formula hipóteses, ideias, conjecturas a partir da interação direta ou indireta com outro aluno/grupo e o meio; e situação de validação – os alunos validam as hipóteses ou informações levantadas durante a atividade). É só depois dessas quatro situações que ocorre a institucionalização. A situação de institucionalização é aquela na qual o professor busca realizar a identificação e formulação dos conteúdos, considerando-se a atividade dos estudantes nas situações anteriores.

— Bom, pessoal, nesses vinte minutos que restam, eu gostaria de trocar uma ideia com vocês. Em conversa com as professoras Cíntia e Letícia, nós decidimos realizar uma ação coletiva, que também pode ser chamada de projeto, chamem como quiserem. Gostaríamos de convidá-los a participar com a gente e a sugerirem possibilidades. Vocês podem fazer sugestões a partir das demandas de vocês. Pode ser também algo relacionado à escola ou à região onde vocês moram, algo que poderia ser mudado, coisas assim.

— Eu queria que tivesse uma pista de skate no meu bairro, profe.

— Eu queria que meus pais trabalhassem menos.

— Eu queria que meu pai conseguisse emprego, ele está há um tempão procurando e nada.

— Eu queria que o Luís tivesse internet e computador para participar das aulas com a gente.

— Você me copiou, Laura, eu queria que a Julia participasse das aulas.

— Eu queria que todos participassem das aulas, ter um monte de gente é legal.

— O Pedro, mesmo, não está participando porque os pais não podem pagar a internet banda larga e a de dados não dá pra fazer tudo o que precisa das aulas.

— Professor, acho que o maior problema é a internet, no bairro em que eu moro não funciona banda larga, nem que tenha dinheiro para pagar. Eu só consigo participar das aulas on-line porque venho na casa do meu tio.

— A gente não pode fazer alguma coisa para que todos possam assistir às aulas, professor?

— A gente pode tentar, pessoal. Como muitos de vocês falaram sobre a ausência dos colegas, podemos pensar em algo nesse sentido. Pelo que entendi, o maior problema é o acesso à internet, né? Eu vou levar o que conversamos para a Letícia e a Cíntia, e em breve falaremos sobre isso novamente. Muito obrigado pelas sugestões. Até a próxima aula, pessoal! Um forte abraço.

“@Cíntia, @Lê, conversei com os estudantes na aula de hoje. Vocês conversaram?”

“Conversei, Vini.”

“Eu também.”

“Nos dois terceiros, o que mais saiu foi a ausência dos colegas nas aulas, que eles sentem falta.”

“Isso surgiu na minha também, Vini. Mas não foi pela maioria, as sugestões foram diversas.”

“Comigo aconteceu a mesma coisa que com você, Vini. Eles querem que a gente ajude os colegas a participarem da aula.”

“Como nós três relatamos a questão da ausência, poderíamos ir por esse caminho, né?”

“Por mim pode ser.”

“Por mim também. Mas o que a gente poderia fazer? O que impede que todos participem?”

“Pelo que conversamos na aula, o ponto-chave é o acesso à internet. Nem todos têm banda larga em casa e o acesso por internet de dados, quando eles têm, é bem limitado. Acho que a gente tem que pensar em algo que garanta o acesso à internet para todos, não dá para ajudar alguns e deixar outros de lado.”

“Concordo, Vini. Acho que uma possibilidade seriam as políticas públicas.”

“Eu tenho uma amiga que é vereadora. E se a gente conversasse com ela e elaborasse um projeto de lei municipal, que garantisse o acesso à internet para todos os estudantes?”

“Ideia maravilhosa, Cíntia! Cheia dos contatos, ela.”

“Arrasou, amiga! Estou animado. Vou criar um arquivo no Google Docs e adicionar vocês, o João e a sua amiga vereadora, Cíntia.”

“Concordo. A gente também pode continuar o diálogo com os estudantes e fazer uma consulta com a população. Na próxima aula, vou compartilhar com eles a ideia de um projeto de lei para resolver a questão da internet para todos.”

“Você tocou em pontos importantes, Cíntia. A gente precisa do apoio da população. A gente pode fazer um abaixo-assinado também. Mostrar para as vereadoras e vereadores, e para o prefeito, que o projeto de lei vai atender muitas pessoas.

“Bem pensado, Lê. Mãos à obra.”

Talvez o encontro de hoje seja um dos mais esperados por João, afinal, a temática da militância atravessará todo o seu trabalho. Faz dias que ele não me liga. Confesso que fico chateada quando isso acontece, mas sei que está muito corrido. Porém não deixo de mandar áudios na esperança de uma resposta não tão demorada.

— Olá, pessoal! Como vocês estão?

— Estou bem, João, ainda me debruçando sobre a sua pergunta do último encontro. Confesso que assisti algumas aulas de Matemática de um amigo que é professor em Paris, pelo

Meet, é claro. Foi bem interessante. Talvez eu me torne professor de Matemática também — brincou Guattari.

Após alguns bons minutos de interação, João diz:

— Bom, pessoal, como sugerido por vocês, nesse encontro poderíamos nos debruçar sobre uma pergunta que vou colocar no chat:

O que pode ser a militância?

Buchi Emecheta levanta a mão.

— Quero começar. Eu vou responder a essa pergunta com a ajuda de uma personagem do meu livro “No fundo do poço”. A personagem em questão se chama Adah, uma imigrante e mãe solo de cinco filhos que enfrenta diversos obstáculos sociais para sobreviver no subúrbio de Londres. Adah divide o seu tempo entre o trabalho, o estudo e a criação dos filhos. A maior parte da história se passa em um residencial de condições precárias. A família de Adah sofre com a falta de recursos financeiros e materiais, quase tem a casa incendiada devido à utilização de práticas de aquecimento arriscado e vive a insegurança de a qualquer momento ser transferida para um local pior. Já dá pra saber onde quero chegar, né? Para mim, a militância pode ser uma ação intencional de evitar a vida precária e possibilitar vidas que valem a pena serem vividas. Mas não trabalho com metade, quero que todas e todos desfrutem dessa vida plena.

Dinha saiu da reunião por problemas de conexão com a internet.

Guattari levanta a mão.

— Se considerarmos a minha obra com Deleuze, encontraremos muitas possibilidades de conceituar a militância. Eu vou pelo caminho da desterritorialização. Para mim, a militância pode consistir, também, em processos de desterritorialização. Vou exemplificar considerando a área do João e do Thiago. Suponhamos que vocês decidam colocar em movimento uma militância antirracista. De cara, não seria somente uma militância antirracista se vocês considerarem as teorizações das feministas negras. Vocês precisariam trazer pro movimento classe, gênero e outras categorias. Pois bem, vocês assumem aulas na escola e na universidade. A militância poderia começar com um processo de desterritorialização do planejamento das aulas, ou melhor, uma desterritorialização do conteúdo. Tradicionalmente espera-se que vocês discutam Matemática, disciplinas pedagógicas, estágios e outros. A desterritorialização começa quando vocês adotam uma postura de olhar para o conteúdo do currículo e perguntar: o que este

currículo exclui? Por que este conteúdo e não aquele? Cadê a discussão antirracista neste currículo? A partir dessas perguntas, vocês podem rascunhar algumas possibilidades de inserção da discussão antirracista no currículo. Mas, antes de colocar alguma em prática, é necessário recorrer à coletividade. Mais um processo de desterritorialização. Nas primeiras aulas, vocês decidem levantar a pauta em questão com os estudantes, a partir da partilha de experiências e realidades. Tendo como ponto de partida o que é relatado pelos alunos, vocês decidem fazer uma reunião com estudantes que estão fazendo estágio, membros da comunidade e os próprios alunos da disciplina. As demandas são compartilhadas e é lançado um convite: vamos pensar juntas possibilidades de enfrentamento e resolução? Novo processo de desterritorialização: desterritorialização da individualidade e reterritorialização na coletividade. Muitos processos de desterritorialização vão acontecer nesse movimento de militância. Acho que é isso.

Ubiratan D'Ambrosio levanta a mão.

— Para mim, a militância pode ser a busca por atingir a *paz interior, a paz social, a paz ambiental, e como consequência a paz militar*⁴¹. Uma possibilidade para essa prática militante pode ser através da ética da diversidade, composta pelo *respeito pelo outro com todas as suas diferenças; solidariedade com o outro na satisfação de necessidades de sobrevivência e de transcendência; cooperação com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum*.⁴² Essa é a minha concepção de militância.

Deleuze levanta a mão.

— Desde o primeiro momento em que vocês disseram que estavam trabalhando com militância, pensei na possibilidade de uma militância rizomática. Podemos construir o conceito de militância rizomática a partir dos princípios do rizoma. Os dois primeiros, princípios de conexão e heterogeneidade, indicam que qualquer frente de militância pode ser conectada a qualquer outra e deve sê-la. Esses dois princípios propõem, por exemplo, que a militância antirracista, a militância feminista, a militância contra o capitalismo e todas as demais militâncias podem e devem estar conectadas. Isso já vem sendo defendido pelas autoras feministas negras há um bom tempo, notadamente com o conceito de interseccionalidade, que afirma a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. O terceiro, princípio de multiplicidade, afirma a inexistência de unidade na militância. Unidade no sentido de totalização, algo que aprisiona, normaliza e padroniza. Isso não quer dizer que não é

⁴¹ D'Ambrosio (1996, p. 120)

⁴² D'Ambrosio (1996, p. 120)

necessário unidade no sentido estratégico. Assim, não há “a” militância antirracista, “a” militância feminista, etc., mas múltiplos movimentos de militância que se aproximam, se conectam e também se distanciam. O quarto, princípio de ruptura a-significante, afirma que quando uma militância sofre uma ruptura em um determinado sentido, criam-se novas configurações e estratégias de enfrentamento. O quinto e sexto, princípio de cartografia e de decalcomania, afirma que uma militância não pode ser justificada por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ela é estranha a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda. Com esses dois últimos princípios defendendo a não padronização da militância, cada militância tem suas singularidades e deve considerar o seu contexto.

Carolina Maria de Jesus levanta a mão.

— Para mim, militância é a luta por condições dignas de existência. Alguns conceituam a militância partindo de uma neutralidade e um certo excesso de generalização, indicando a possibilidade de uma militância de extremistas, por exemplo. Isso não é militância, é defender opressores. E outra coisa, neutro é shampoo. Nos meus esforços conceituais, eu tenho buscado defender que militância é defender a vida, vida com pleno gozo dos direitos humanos e da liberdade. Como vocês já sabem muito bem, eu vivenciei e presenciei as vidas precárias de Butler. Vidas invisíveis, marginalizadas e esquecidas. Nos anos em que morei no Canindé, vi pessoas sendo vítimas da fome, da violência, do capitalismo, do racismo, do machismo, do Estado e de muitos outros propagadores de opressões. Vocês têm ideia de *“Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais?’ Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.”*⁴³. Vocês sabem qual a sensação de saber que um amigo morreu porque comeu carne do lixo? Vocês já sentiram ódio por ouvir toda semana algum vizinho espancar a esposa e fazê-la sair pelas ruas nua? A meu ver, a militância deve incidir sobre essas e muitas outras formas de violência. É um trabalho árduo e diário guiado pela busca de ver os oprimidos vivendo uma vida digna de ser vivida.

João levanta a mão.

— Thiago e eu entendemos a militância enquanto movimento de atuação e prática e resistência e... A militância enquanto atuação e prática e resistência e... ganha potência ao prezar por uma ética, ao travar uma luta contra as opressões, ao ser guiada pela equidade, ao ser construída de forma coletiva, ao adentrar nos múltiplos territórios, ao ser sensível e não autoritária, ao agir de forma horizontal, ao respeitar e defender as diferenças... Essa é a nossa concepção inicial de militância. Com certeza ela será ampliada após esse encontro. Pessoal,

⁴³ (Jesus, 2014, p. 38)

acho que podemos finalizar a nossa reunião de hoje. Muito obrigado pela partilha, vai me ajudar imensamente. Em relação ao último encontro, o que faremos?

— Pensei em uma coisa, João — comenta Ubiratan. — Cada um de nós poderia escrever um conto e então conversamos sobre eles.

Todos concordaram e ficou decidido.

— Espera, seu falso. Não sai ainda não.

— Você novamente. O que você quer dessa vez?

— Você me surpreende a cada dia, João. Você é muito charlatão.

— Como assim, Antônio? Já cansei de você!

— Você falando de militância sem nunca ter feito nada minimamente próximo disso.

— Falou o juiz.

— É verdade seu idiota. Falar é fácil, quero ver colocar a mão na massa.

— Você não me conhece, nem sabe o que está falando.

— Claro que sei, como sei! Você é só mais esquerdomacho que pega carona em discurso bonito. Fazer que é bom, nada.

— Me esquece, cara. Não quero saber de você.

João saiu da sala.

A primeira versão do projeto de lei está pronta. Vinícius decide conversar com Cíntia, Lê e João.

“Oi, pessoal, como vocês estão? Hoje, na aula, expliquei como funciona a criação e a aprovação de uma lei municipal. Foi bem legal. Por falar nisso, acho que a primeira versão do nosso projeto de lei está pronta. O que vocês acham?”

“Eu concordo, Vini. Trabalhamos muito nele, é hora de apresentar à câmara.”

“Eu também concordo que é uma boa primeira versão. Estou nervosa. Eu consegui muitas assinaturas da população, então acho que isso ajudará bastante.”

“Meninas, fiquei pensando numa coisa por esses dias, o nosso engajamento na escrita do projeto de lei fez com que nos aproximássemos do conceito de “professor militante”, que Silvio Gallo aborda naquele texto que lemos no clube do livro. Nós não nos restringimos a anunciar, como um professor profeta, que havia um problema de acesso à internet a ser resolvido, mas como o autor diz no texto, nós buscamos construir coletivamente a partir do

contexto dos nossos estudantes, tentamos colocar em prática algo para mudar a realidade deles. Que venha a aprovação na câmara e pelo prefeito! Que venham novos projetos!”

08/06/2021

Esta segunda vez que estou fazendo o mestrado está sendo mais leve. Acho que a minha rede de apoio está me ajudando bastante. Gosto muito da minha turma, dividir o espaço das disciplinas com eles, mesmo que de maneira remota, tem sido bem legal. As professoras e professores também colaboram muito para tal clima. Vou terminar o diário de hoje por aqui, tenho reunião com o meu grupinho de Didática, vamos discutir questões relacionadas ao nosso seminário.

O terceiro e último encontro de João e Thiago com Dinha e suas novas amigas e amigos foi marcante. Todos compartilharam os seus contos e as discussões se estenderam por horas. Com a autorização dos autores, João encaminhou os contos para mim, acho que vou lê-los agora.

O vigésimo primeiro destino de Paulo

Carolina Maria de Jesus

Podemos sim fazer o nosso destino. É possível ir além: podemos sim mudar o destino dos oprimidos, de nossos filhos e de nossos netos. Podemos sim fazer um destino de paz e equidade.

Nós poderíamos ter mudado o destino de Paulo, que morreu após comer carne do lixo. Ele era um homem negro, estatura mediana e com o grande sonho de virar jornalista. Não dá pra dizer que esse era o único destino possível para Paulo, assim, após a sua morte, passei a inventar outros.

Duas semanas antes da morte de Paulo, Ana, a mulher mais corajosa que conheci, deu início ao seu plano: a resistência Canindé.

O objetivo principal da resistência Canindé é garantir uma vida digna aos moradores da favela.

Paulo aderiu ao movimento, que durou 6 meses e 19 dias. O Brasil e o mundo assistiram diariamente às ações do grupo, que recebeu apoio de milhões de brasileiros.

Paulo trabalhou na obtenção e transmissão de informações, um ótimo estágio antes de entrar na universidade.

Os resultados do movimento foram animadores. Os moradores das favelas ganharam casas de alvenaria, novos hospitais e escolas foram construídos, novos empregos foram criados e meu querido Paulo, ao invés de perder a sua vida, fundou um jornal de grande circulação na capital paulista.

Esse é o vigésimo primeiro destino de Paulo que eu criei, algum há de se tornar realidade.

A intervenção

Gilles Deleuze

Estou até agora sem entender o motivo dessa reunião de última hora, classificada de “urgente”. *O que Guattari está querendo? Será que ele teve alguma ideia de livro? Ou seria mais uma exibição de algum quadro novo?* Este último possível acho que não, ele marcou aqui em casa. Eu odeio reuniões apressadas, mas, por se tratar de Guattari, abro uma exceção. Acho que não vai dar tempo de entrar no Twitter pela manhã, vou aproveitar os minutos que restam para aguar as minhas plantas. As melhores ideias que tive nos últimos anos nasceram enquanto fazia companhia a elas. É interessante o quanto o nosso corpo produz pensamentos enquanto fazemos outras atividades.

Sempre me interessei em conhecer o processo de escrita das autoras e autores que li. Como Nietzsche escreveu “Assim falou Zaratustra”? Talvez eu escreva como imagino que tenha sido. Acho que vou sabotar a reunião de Guattari para escrever. Melhor não, eu odiaria ainda mais a reação dele. O bendito acabou de chegar.

— Bom dia... Quem são essas duas jovens?

— Bom dia, Deleuze. São duas amigas minhas. Esta é Júlia e essa é Viviana.

— Por que não me avisou que teríamos companhia, Guattari? Eu teria colocado outra roupa. Prazer, meninas. Entrem.

— O prazer é todo nosso — respondeu Viviana.

— É uma honra conhecê-lo, Deleuze — comentou Júlia.

— Parem com essas formalidades, meninas. Se vocês são amigas do Guattari, já são minhas amigas também. Fiquem à vontade. Guattari, leve Viviana e Júlia para o jardim, vou preparar um chá.

— Não precisa, Deleuze, acabamos de tomar café da manhã.

— Eu insisto. Mostre os novos cactos.

— Tudo bem. Vamos, meninas?

O que ele está aprontando? Por que trouxe elas? Será que são atrizes? Esse Guattari está muito misterioso para o meu gosto...

— Voltei, meninas. O que acharam do jardim?

— Muito lindo — observou Júlia. — Onde você comprou aquela flor ali? Pensei em colocar na clínica onde trabalho.

— Clínica? Você é psicóloga? Comprei na Flor de Paris.

— Sou sim. Vou dar uma passada lá.

— Eu também sou psicóloga — acrescentou Viviana.

— Muito bacana, meninas — comentei, ainda sem entender. — Qual é a abordagem de vocês?

— A minha é a Terapia Cognitivo-Comportamental — disse Viviana.

— Esquizoanálise e Psicanálise — completou Júlia.

— Interessante, meninas.

Me faltam palavras, continuo sem entender.

— Deleuze, precisamos conversar. Sente-se. Começa agora a sua intervenção.

— Como assim intervenção, Guattari? O que eu fiz?

— Fique tranquilo, não é nada tão sério, é só uma conversa. Júlia e Viviana são amigas queridas que toparam me ajudar. Realmente é só uma conversa amigável.

— Ok, vou ouvir vocês.

— Obrigado pela compreensão, meu amigo. Decidi ter essa conversa contigo alguns dias após a publicação do “Abecedário”. Com a ajuda de Viviana e Júlia, fizemos algumas anotações que quero discutir contigo. Começarei com o “Abecedário”. Na letra W, de Wittgenstein, você disse assim: “Não quero falar disso. Para mim, é uma catástrofe filosófica. É uma regressão em massa de toda a filosofia. O caso Wittgenstein é muito triste. Eles criaram um sistema de terror, no qual, sob o pretexto de fazer alguma coisa nova, instauraram a pobreza em toda a sua grandeza. Não há palavras para descrever este perigo. E é um perigo que volta.

É grave, pois os wittgensteinianos são maus, eles quebram tudo! Se eles vencerem, haverá um assassinato da filosofia. São assassinos da filosofia.”. Por que você disse isso, Deleuze?

— Só falei verdades.

— Viram como essa intervenção é realmente necessária? Eu até entendo, filosoficamente falando, que é comum discordar de um autor ou autora. Em um primeiro momento, achei que você fez uma “crítica” à primeira fase do autor. Mas você leu a produção dele em sua segunda fase? Eu li e encontrei muitas possibilidades de diálogo com o que escrevemos em “Mil Platôs”. Independente disso, onde já se viu falar que os wittgensteinianos são maus, Deleuze? Onde você estava com a cabeça?

— Só pra complementar a sua fala, Guattari... — disse Júlia. — Um ponto para você ficar atento, Deleuze, seria em relação às armadilhas da linguagem, que acabam revelando muito de nós mesmos. Por exemplo, na sua fala do “Abecedário”, você acaba fazendo uso de dicotomias, como mau/bom e vencer/perder. Eu sei muito bem que as teorizações desenvolvidas pelo senhor e Guattari buscavam defender a diferença e a multiplicidade, e que vocês já afirmaram que é difícil fugir dessas dicotomias, mas é preciso estar atento.

— Guattari, eu e Júlia não falamos nada para você antes, mas chegou o momento, a intervenção é com você também — disse Viviana.

— Como assim, meninas?! O que eu fiz?

— Sente-se ao lado de Deleuze.

— Ok.

— Bem feito — brinquei com Guattari.

— Eu e Júlia separamos alguns pontos do volume 1 de “Mil Platôs” que poderiam ser revistos em uma possível nova edição, mas sugerimos que essas revisões sejam estendidas ao livro todo — expressou Viviana. — Vamos lá. Na página 8, vocês afirmam que “Mil Platôs” se baseia em uma ambição pós-kantiana “deliberadamente anti-hegeliana”, porém, no final do prefácio, na página 9, vocês dizem: “para falar como Hegel”. Acho que precisa ser revisto. Na página 11, vocês usam o termo “intensidade pura”. Não sei se vocês foram muito felizes em utilizar esse termo, visto que podem remeter à ideia de ideal, essência. No trecho “*O mimetismo é um conceito muito ruim, dependente de uma lógica binária, para fenômenos de natureza inteiramente diferente*”⁴⁴. Vejo uma contradição: vocês fazem uma crítica à lógica binária do conceito de mimetismo utilizando uma classificação binária (bom/ruim). Na página 16 e 17 vocês escreveram: “*O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um tal plano de*

⁴⁴ Deleuze e Guattari (1995, p. 19)

exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais.”. O que acontece com o diferente desse ideal? Deve ser excluído? Ignorado? Por que demarcar um ideal? Um último, na página 14, onde vocês escrevem: “*Há o melhor e o pior no rizoma*”. Esses são alguns dos exemplos que separamos, mas existem outros pontos que precisam ser revistos.

— Além da revisão de lógica interna, vocês acabaram caindo na armadilha da dicotomia em relação aos conceitos — acrescentou Júlia. — Pensem comigo: os conceitos rizoma/árvore foram construídos a partir de uma lógica dicotômica, o que existe para além deles? Alguns conceitos que parecem formar dicotomias são: literatura menor/literatura maior, liso/estriado, nômade/sedentário, dentre outros.

— Como não percebemos isso, Guattari? — indaguei, perplexo.

— Precisamos fazer algo a respeito.

— Vocês já começaram a fazer... Só de vocês reconhecerem a necessidade de mudança, já deram um baita passo — afirmou Viviana.

— Vocês poderiam escrever um novo livro revisitando, revendo e ampliando suas obras. O que acham?

— Perfeito! Brincadeira... Gostei muito de sua ideia. Começaremos amanhã, Guattari, esteja aqui em casa o mais cedo possível. Hoje à noite ligarei para Wittgenstein e irei me desculpar.

— Conte comigo, meu querido. Muito obrigado, meninas, é sempre um prazer conversar com vocês.

13/08/2021

Neste mês comecei a ter pensamentos intrusivos/automáticos frequentemente. Devido a isso, hoje começo a fazer terapia. Estou com medo de não gostar. Confesso que estou com um pé atrás por receio de ficar sem assunto e por estar com a comunicação um pouco debilitada. Vamos ver o que acontece.

Idealizações

Ubiratan D'Ambrosio

Quem me dera se ao menos eu fosse concursada e trabalhasse em sala um período apenas. Pare de sonhar, Carla, o terceiro turno vai começar, os estudantes estão aguardando.

— Boa noite, pessoal.

— Boa noite! — A turma respondeu em coro.

— Então, galera, como ficou combinado, hoje iniciaremos a Regra de Três. Inicialmente, vou dar 10 minutos pra vocês tentarem resolver este problema:

2 pedreiros constroem 3 casas em 2 anos. Quantas casas 6 pedreiros construirão em 2 anos?

— E aí, turma, qual é a resposta?

— Sei lá, tia.

— Pensei assim, professora, se triplicou a quantidade de pedreiros, então triplica a quantidade de casas, então acho que a resposta é 9 casas.

— É um ótimo raciocínio, Laura. Alguém mais?

— Depende, profe. Se os 4 que se *juntou* com os 2 primeiros *for igual* meus tios, sai umas 5 casas, e *olha* lá.

— Seus tios são pedreiros, Karina?

— São.

— Por que eles não conseguiriam construir 9 casas?

— Porque as pessoas que *chama* eles pra fazer *casa* não *contrata* servente. Eles têm que fazer massa também.

— Entendi. Então podemos afirmar que eles constroem 5 casas a cada 2 anos?

— Depende, profe. A casa é de tijolo ou de lona?

As obras de arte

Félix Guattari

Nossa, eu sempre atraso, pensou Francisco enquanto corria contra o tempo para se arrumar. *Até para fazer um curso que quero e preciso muito, me falta disciplina com o maldito relógio*. Após andar 37 minutos com sua Monark em fim de vida, que ganhara de seu tio, Francisco chegou ao Centro de Cursos Moreira, estando atrasado somente 16 minutos. É o recorde do mês.

O curso em questão se chama “Escrita Criativa: teoria e prática”. Na primeira aula, os cursistas e a professora se apresentaram, a estrutura do curso foi exposta e depois a professora propôs que respondessem, em cerca de cinco linhas, a seguinte pergunta: por que você decidiu fazer este curso?

Faltando 20 minutos para o fim da aula, a professora anunciou:

— Pessoal, agora convido vocês a compartilharem as suas respostas. Sou ateia, mas acho que vou utilizar, como critério para escolher o primeiro a ler, o famoso “os últimos serão os primeiros”. Então comece, Francisco, por gentileza.

— Nunca mais chegarei atrasado. Pois bem, vamos lá. Decidi fazer este curso pois tenho dificuldades para escrever um bom texto, um texto que fuja ao óbvio. Na verdade, tenho dificuldades em ultrapassar os níveis médios em tudo que faço e isso me frustra. Também espero com este curso aprender lições que me ajudem a escrever o documento final de outro curso que estou fazendo. Estou feliz e aguardando ansiosamente pelas próximas aulas. Bom, professora, é isso.

A professora agradeceu ao Francisco, em seguida os outros cursistas apresentaram seus escritos e a aula foi encerrada.

Após a aula, Francisco foi almoçar na barraquinha de José, algo que ele sempre fazia às quintas e sextas. José é um homem de meia-idade, calvo, estatura mediana e detentor de um sorriso agradável.

— Boa tarde, seu Zé! Tudo bem? Quero o de sempre.

— Boa tarde, menino! Tudo na santa paz. É pra já.

José entregou uma coxinha de frango com catupiry, um medalhão e uma garrafa pequena de suco de laranja. Em seguida, Francisco sentou-se em um banco próximo da barraquinha, que ficava em uma avenida, a poucos metros da garagem de uma empresa de ônibus.

Quando Francisco ia dar a primeira mordida no segundo salgado, algo lhe chamou a atenção. No outro lado da avenida, havia uma Fiat Toro. Só que não foi o carro em si que chamou a atenção dele e sim o que havia em sua carroceria. Nela estavam duas obras de arte, aparentemente originais, sendo expostas.

Francisco observou o veículo por um tempo e, depois de terminar seu lanche, fez questão de atravessar a avenida para observar mais de perto. As obras sendo expostas na carroceria pareciam ter sido pintadas recentemente e agradaram Francisco. *Que técnica, meu Deus!* Depois de um tempo apreciando as obras, ele foi para o curso da tarde.

Os dias se passaram e, com frequência, Francisco lembrava das obras de arte. A segunda aula do curso de escrita criativa chegou. Naquela aula, a professora apresentou e discutiu dados e resultados de pesquisas sobre escrita. No final da aula, entregou um livro de contos a cada um dos cursistas e pediu para que todos lessem alguns, visto que a qualquer momento do curso seria requisitado que escrevessem um.

A caminho da barraquinha de José, Francisco não se conteve, parou, sentou e começou a ler o primeiro conto. *Que conto brilhante. Como alguém consegue pensar em algo assim?! Acho que nunca escreverei algo tão bom quanto o que li há pouco.*

Com um olhar de derrota, Francisco foi até o balde de lixo e, quando voltou, algo do outro lado da avenida, em um lugar familiar, fez com que o seu semblante mudasse totalmente. Lá estava a Fiat Toro da semana anterior.

Mas havia algo diferente. As pinturas expostas na carroceria eram outras. Francisco atravessou a avenida rapidamente e se pôs a observar as obras expostas.

Que lindas, mais bonitas do que as da semana passada. Olha esses traços, deve ser um trabalho difícil. Como consegue? Quem é o dono do carro?

Os dias se passavam e a cada semana tudo se repetia. Até que um dia, tomado por uma curiosidade incontrolável, Francisco decidiu faltar a uma aula do curso e ir direto para o local onde o carro misterioso estacionava.

O relógio marcava 08:13 e nada do carro. Nada na hora seguinte. Até que às 10h11 o aguardado carro chegou, parando a poucos metros do jovem estudante. Rapidamente, Francisco caminhou alguns passos pela calçada até ficar paralelamente ao carro para ter uma visão clara do motorista.

Quando a porta se abriu, Francisco viu a si mesmo sair do carro. E acordou assustado. Olhou o celular, que marcava 7:48.

Droga! Vou chegar atrasado justamente na primeira aula do curso de escrita.

23/09/2021

Hoje, na terapia, falamos, dentre outras coisas, de avaliação, perpassando a ideia de avaliação automática. Minha terapeuta explicou o perigo por trás da grande maioria das primeiras avaliações de uma situação, de um comportamento e até de um pensamento. Muitos dos meus pensamentos automáticos frequentemente acarretam avaliações automáticas. No começo, foi uma droga, não sabia o que fazer. Acho que a gente tem que parar com essa ideia de que é a primeira impressão que fica, temos que rever, aprofundar e mergulhar.

Origens

João Paulo Risso

Aconteceu em uma tarde ensolarada – daquelas que dá vontade de jogar um ovo no asfalto só pra ver se é verdade que ele frita – nos meus primeiros anos de meninice. Naquela tarde, eu fui cúmplice de um assassinato, se bem que posso ser considerado o assassino por não ter impedido a ocorrência do último respiro.

A vítima encontrava-se em uma área verde, próxima a uma rua sem saída, a minha rua. Lembro de sua cantoria despreocupada, que acalmava as árvores e colocava os insetos em estado de alerta.

O executor do crime aproximou-se vagorosamente do pobre coitado, seguido por mim, carregando em suas mãos a arma do crime: um estilingue. Infelizmente, o tiro foi certo.

— É um sanhaço! — gritou o carrasco.

Naquele momento, ocorreu o pior dos aprendizados da minha vida: o aprendizado pela morte.

Mas não foi “só” isso. Naquele dia, o executor, com alguns anos a mais de caminhada, reforçou que eu ocupasse esse maldito lugar da masculinidade violenta, indiferente. Resultado: vez ou outra eu cometo assassinatos simbólicos e, quando vejo um pássaro desconhecido, tendo a achar que é um sanhaço.

A grade

Thiago Donda Rodrigues

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

(No Meio do Caminho – Carlos Drummond de Andrade)

Não houve o aviso subliminar de Walter Ulbricht ao repórter da Alemanha Ocidental, não houve informações do serviço secreto ligado ao oeste, não houve interrupções nas linhas de trem na madrugada e nem fechamento de ruas como no verão alemão de 1961. Sem alarde nenhum, o óbice foi erguido no feriado de Páscoa de 2013. Neste sentido, a atual versão do Muro de Ulbricht tendeu a perfeição.

Assim como o espanto germânico na manhã de 13 de agosto de 1961, nas primeiras horas do dia 1º de abril de 2013 as pessoas também não acreditavam ao se deparar com a barreira, parecia mentira, mas não era uma brincadeira típica deste dia. Estava encravada a “Cortina de Ferro” (quase podemos usar esse termo literalmente), versão século XXI.

Bem menos expressivos que os do chanceler da RFA Konrad Adenauer, do prefeito de Berlim Willy Brand ou das 300.000 pessoas em frente ao Rathaus Schöneberger, os protestos de agora foram tidos como resmungos, rezingas e reclamações pueris, mas que produziram os mesmos resultados de 61: nenhum.

Quando levantaram a Muralha de Gulag, a divisão entre as duas Berlins já existia virtualmente. Antes de implantarem sua versão 2013 essa divisão também já estava lá, de um lado figurava a normalidade, a regularidade e do outro a exceção, a excepcionalidade. De um lado as oportunidades, do outro lado quem não as teve. De um lado toda a jovialidade, do outro a busca do que não possível na juventude. De um lado todo o tempo, do outro lado a metade.

Os argumentos usados pelo governo da Alemanha Oriental para tal construção baseavam-se ideologicamente de que a barreira não era apenas a fronteira entre um país e outro, mas a fronteira entre um passado e o futuro, entre o velho e uma nova forma organizar a sociedade. Mas a realidade era menos pomposa, mais de 2 milhões de alemães orientais haviam fugido para o lado ocidental na década de 1950 e era necessário barrá-los. Em 2013 o argumento para a construção da barreira, por falta de criatividade ou para esconder o real motivo, era justamente barrar as fugas que ocorriam diariamente. Mas diferentemente da

versão primeira, os fugitivos queriam a liberdade e não mudar de lado, a barreira instalava uma lógica inusitada, à normalidade foi imposta a permanência e à anormalidade o livre acesso, antilógico, pois é comum que o anormal tenha menos privilégios que os normais, se bem que nesse caso, quem opta por sair acaba prejudicado.

O Muro da SED continha um sofisticado sistema de segurança, seus números eram impressionantes, 155 km de comprimento (43 km só na região metropolitana de Berlim), 3,60 m de altura e 1200 soldados na região berlinense, uma faixa de segurança conhecida como a “faixa da morte” que chegava a ter cem metros de largura, 302 torres de vigilância, 20 bunkers, 260 canis e inúmeros postes com holofotes, além de uma segunda barreira com cercas, alarme e trincheiras profundas antiveículos. Todo esse aparato tencionava barrar as fugas dos alemães orientais para o lado ocidental. Na versão atual do muro, o aparato de segurança é bem mais modesto, com cerca de 6 metros de comprimento e 2 de altura, conta com alguns cadeados que são abertos em horas determinadas proporcionando livre acesso e uma senhora em uma cadeira que faz as vezes de vigia e cuida para que as fugas não aconteçam. De vez em quando, um segurança patrimonial e alguns funcionários administrativos também dão uma ajuda na vigilância. Não raras vezes o posto de vigilância (leia-se: a cadeira), fica sem ninguém, nesses momentos acontecem fugas em massa.

Mesmo após Berlim sitiada, houve inúmeras fugas e 136 pessoas, segundo alguns historiadores, morreram ao tentar atravessar a barreira. Neste ponto a Schießbefehl, também conhecida como Ordem 101, era implacável, era parar ou ser alvejado. Na versão 2013 de Berlim, graças a todos os deuses, tal ordem não existe.

Os planos mirabolantes para fugir do leste alemão foram um episódio a parte dessa história, algumas fugas foram incríveis e para transpor a barreira valia desviar um trem, roubar um tanque de guerra, nadar por horas pelo Canal Teltow, falsificar aviões para se passarem por soviéticos, fugir de balão, na corda bamba, sem dizer da rede de tuneis secretos escavados por debaixo da Muro da Vergonha. Na versão atual do muro, as mirabolâncias e o fantástico fica a cargo das fabulações criadas para empulhar a vigilância e lograr a fuga.

A fronteira imposta em 1961 não separava somente a Alemanha, representava a divisão do mundo em dois blocos, um capitalista e outro socialista. Por quase três décadas namorados, familiares e amigos foram separados, ruas, rodovias e linhas de trem bloqueadas, casas e prédios partidos ao meio, prédios que atrapalhavam a vigilância demolidos, como foi o caso da Igreja da Reconciliação. A fronteira atual, guardadas as proporções necessárias, também divide vidas, separa namorados, pais e filhos, amigos, o pátio onde está cravada. A diferença

da fronteira atual é que, com o grau de rigidez menor que a de Berlim, os namorados podem se abraçar e beijar por entre ela, os pais, filhos e amigos conseguem se ver, conversar, trocar objetos.

A construção do Muro de Berlim foi uma brutalidade, o tempo que ficou em pé acabou fazendo com que os berlinenses se acostumassem com a fronteira, passou a fazer parte do cotidiano. A Grade colocada no pátio da escola, que sitia as salas da EJA de um lado e a sala das turmas regulares do outro, segue o mesmo caminho, foi absorvida pelos alunos, já faz parte da paisagem. Basta saber se algum dia haverá um tal Günter Schabowski, noticiando acidentalmente a queda da grade, acabando com a desigualdade dos lados. Caso isso ocorra, é certo que seus restos não serão vendidos como souvenirs aos turistas.⁴⁵

08/10/2021

Hoje foi um dia daqueles. Depois de um bom tempo sem pensamentos intrusivos, minha mente resolveu me sabotar. Soquei a parede durante o banho e chutei uma coluna de ferro no barracão do meu pai. Estava sozinho em todos esses momentos. A raiva me dominou. Eu não quero ter esses pensamentos, mas sei que talvez eles irão me perseguir por um bom tempo. Aprendi com as duas psicólogas com quem tive contato até o momento que tenho que trabalhar a minha busca excessiva pelo controle. Eu não controlo tudo. “Abraça o incontrolável! Repita, João.” Repita quantas vezes for necessário.

Dúvida

Sandra Regina (Dinha)

Por que somos diferentes? As possibilidades de resposta são muitas, mas não sei porque insistem em querer saber a diferença entre mim e aqueles dois.

Somos diferentes e ponto.

O auge dessa maldita comparação foi em uma desgraçada quarta-feira. Eu trabalhei igual a uma condenada durante o dia, andei pela cidade, de casa em casa, e ainda esbarrei em

⁴⁵ Rodrigues (2015, p. 225-227)

alguns babacas sem educação pelo caminho. Ao chegar em casa, abri o portão e eles não perceberam. Quando estava perto da varanda dos fundos, ouvi alguém pronunciando o meu nome. Decidi parar, de modo que não fosse vista, e pus-me a escutar.

— Mas ela teve a mesma educação que você, meu filho.

— Será que teve mesmo? Foram momentos diferentes de sua vida e de papai. O mundo já estava diferente.

— Talvez aí esteja a resposta. Simplesmente diferença. Vamos encerrar essa conversa.

— Pode ser uma conversa boba mesmo, mamãe.

— Não será se ela contribuir com a qualidade de vida de sua irmã e de seu pai.

— Verdade. Mas, se colocarmos o papai na jogada, a solução é a terapia. Para os dois.

— Seu pai não vai nem buscar as receitas dele no postinho, você acha mesmo que ele faria terapia?!

— É mesmo, meio difícil. Uma outra possibilidade seria ambos terem seu próprio espaço. Mas ainda fica a dúvida: por que somos diferentes?

— Bobeira. Você queria que todo mundo fosse igual a todo mundo?

— É... acho que não.

— Então pronto. As histórias de vida de vocês são diferentes. Isso influencia, obviamente. Talvez, meu filho, você não conheça realmente a sua irmã. Vocês cresceram na mesma casa, mas você não vivenciou os acontecimentos decisivos da vida dela. Pense comigo, é como se vocês estivessem caminhando na mesma estrada, só que separados por um muro. Vocês até ouviam e viam coisas parecidas, mas ela não tinha acesso aos seus desvios da estrada principal, bem como você não tinha acesso aos dela. Quebre o muro, ou pelo menos abra alguns buracos nele.

— Nunca tinha pensado dessa maneira. Difícil esse negócio de quebrar muros.

— Difícil mesmo é ter que trabalhar em dois ou três empregos. Se toca, menino.

— É verdade. Vou dar a primeira martelada no muro hoje.

Quando percebi que a conversa estava terminando, dei meia volta e entrei pela porta da sala, fui direto para o quarto e tirei o meu sutiã. *Que sensação libertadora, mano. O que será que aquele merdinha vai fazer pra quebrar o tal muro?*

Eu mal tinha terminado de jogar esse pensamento no cosmo da minha mente quando ouvi baterem na minha porta.

— Pode entrar.

— Maninha, bora tomar milk-shake com a gente?

Desgraçados.

— Claro, bora.

Café

Buchi Emecheta

— Vó, como vou saber se estou preparado para enfrentar a vida?

— É muito simples. Como você faz café?

— Eu uso três xícaras médias de água, três colheres de pó e duas de açúcar.

— Então você não está preparado!

— Por quê?

— Você só estará preparado quando aprender a fazer café como o seu avô. Aprender a fazer sem medir as quantidades, quando você fizer as coisas pelo rumo.

— Como assim?

— Independência, meu filho, independência.

3

Encontros

Não existe educação neutra. Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida.

Paulo Freire (1972)

Chegança

*Como o voo
da libélula
na cachoeira
que era quase uma dança.
Como as nossas pernas
em trança
por entre palavras
de Galeano:
veias,
abertas,
abraços,
utopia.
Como cheiro do mato,
passa um café,
as mãos,
o tempo,
passa devagar.
Sei não,
mas desconfio
que todo bem
tem sua chegada
sem avisar.⁴⁶*

— Boa noite, pessoal! Espero que estejam bem. Então, como combinado, hoje discutiremos a temática da desigualdade social. Vocês leram o texto⁴⁷ prévio, então vou começar com uma apresentação de slides e em seguida assistiremos a uma reportagem.

⁴⁶ Poema de Viviane Lucas, presente no livro “Um lugar para guardar imensidões”.

⁴⁷ Corrêa, Risso e Medeiros (2020)

Prática de Ensino em Matemática

Desigualdade Social



Thiago Donda Rodrigues
João Paulo Risso

“As desigualdades verticais são baseadas no conceito de verticalização da riqueza e renda. A palavra “vertical” significa desigualdades baseadas na divisão entre as pessoas no topo e na base social.” (Oxfam)



Foto: Fernando Frazão / Agência Brasil



Foto: Tânia Rego/ Agência Brasil

“As desigualdades horizontais existem entre grupos diferentes e são baseadas em aspectos identitários. A de gênero está na vanguarda, enquanto outras desigualdades horizontais incluem aquelas baseadas na etnia, raça, religião, orientação sexual, deficiências, etc.

A desigualdade espacial está contida na horizontal, e diz respeito à localização geográfica, sendo a mais comum as desigualdades existentes entre as áreas urbanas e rurais.” (Oxfam)

Alguns dados...

PNAD COVID-19

Oxfam Brasil

Salário mínimo necessário: R\$ 5.315,74 (Dieese – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos)

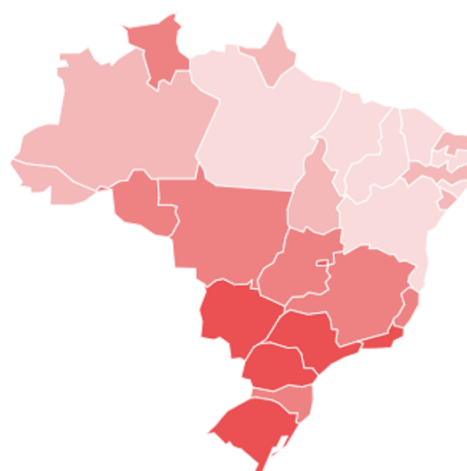
R\$ 2.205

rendimento médio real
efetivamente recebido de
todos os trabalhos das pessoas
ocupadas

R\$ 2.334

rendimento médio real
normalmente recebido de
todos os trabalhos das pessoas
ocupadas

novembro 2020



R\$ 1.403 - R\$ 1.630

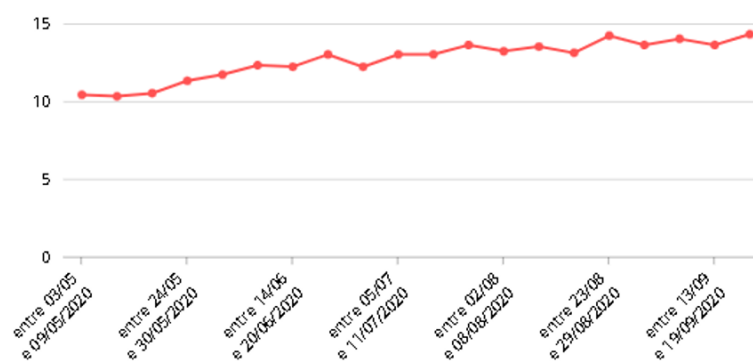
R\$ 1.632 - R\$ 1.814

R\$ 1.846 - R\$ 2.372

R\$ 2.399 - R\$ 3.745

14,4 %

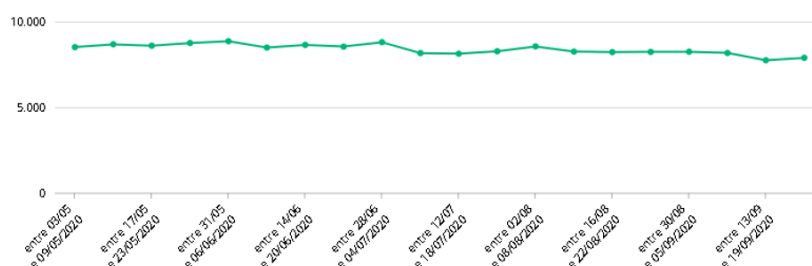
de taxa de desocupação
entre 20/09 e 26/09/2020



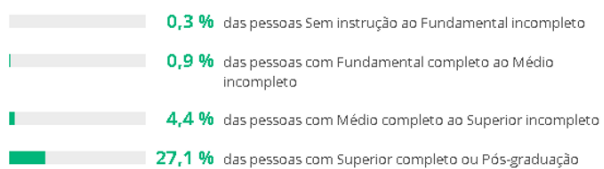
TRABALHO REMOTO

7,9 milhões

de pessoas trabalhando remotamente



O nível de instrução com a maior proporção de pessoas em trabalho remoto foi: **Superior completo ou Pós-graduação.**



estão em trabalho remoto

novembro 2020

Domicílios que receberam auxílio emergencial:

41,0 %

Média do rendimento proveniente do auxílio emergencial recebido pelos domicílios:

R\$ 558

novembro 2020



22,0% - 37,9%
38,8% - 48,3%
52,8% - 56,8%
56,9% - 70,1%

RENDIMENTO

Escolha o nível geográfico

Brasil

19,6 %

das pessoas ocupadas tiveram rendimento menor do que o normalmente recebido



Teve rendimento menor do que o normalmente recebido
19,6%
Teve rendimento maior do que o normalmente recebido
4,2%
Não houve alteração no rendimento
76,2%

novembro 2020



A distância que nos une

- O 1% mais rico da população brasileira recebe, em média, mais de 25% de toda a renda nacional;
- 5% da população – os mais ricos – recebem, por mês, o mesmo que os demais 95% juntos;
- seis brasileiros têm uma riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões mais pobres do país;
- um indivíduo que ganha um salário mínimo mensalmente necessitaria trabalhar 19 anos para ganhar o equivalente a um mês de renda média do 0,1% mais rico da população brasileira
- caso seja mantida a tendência dos últimos 20 anos, a Oxfam Brasil calcula que mulheres terão equiparação salarial com os homens somente em 2047, e
- a equiparação da renda média dos negros com a dos brancos ocorrerá somente em 2089, dentre outras.

Fonte: Oxfam Brasil



Fonte: Correio Braziliense

A temática “desigualdade social”
poderia ser trabalhada em uma aula de
Matemática?

De quais maneiras?

<https://globoplay.globo.com/v/9227126/>

— E aí, pessoal, tudo certo? — pergunta João.

— *Eu não tinha lido o texto ainda, mas aí eu vi o vídeo, tive algumas ideias, escrevi umas quatro linhas e depois eu fui ler o texto. Eu estava chorando agora, lembrando de situações tristes que a gente vive. Eu vou só falar, pode ser?* — questiona Rani.

— Pode, claro!

— *Eu tinha escrito, depois eu comecei a lembrar de algumas situações. Antes da pandemia, muitas crianças iam pra escola porque era lá que elas tinham o alimento, em casa não tinha. Eu trabalhei uns quatro anos em uma creche aqui e lá tinha uma criança com três anos de idade que o pai estava preso porque tinha matado a mãe, a avó era drogada e onde ela comia e tomava banho era na creche. Ele ficava em tempo integral. Na época, ele tinha uns três, agora ele vai ter uns 8 ou 9 anos. Eu fico pensando como ele teve acesso à educação nesse período de pandemia, porque ele comia na escola, agora quando ele vai para casa, além da comida que falta, ele não tem acesso à educação, não tem acesso a uma tecnologia que dê essa possibilidade de se informar, dele conseguir realmente estudar. Ah, tem aula on-line, mas como ele vai ter esse acesso? Não tem esse acesso, a preocupação agora é outra, como a Nina no texto, a preocupação agora é colocar comida na mesa, conseguir comer. Isso não é de hoje, meu pai vivenciou isso. Minha avó morreu e meu pai tinha uns três anos de idade, ele foi*

largado, viveu na casa de um, de outro e ele não teve a oportunidade de estudar. Ele se preocupava em comer, ele ia atrás, trabalhava desde os 6 anos de idade.

— Muito obrigado, Rani. É muito comovente o seu relato, essas suas lembranças. Acho que um ponto que seria interessante reforçar junto à sua fala é como, às vezes, a gente coloca na educação todo o peso e a responsabilidade pela mudança. A meu ver, a educação é um agente muito importante nessa mudança, mas não deve ser a única força na luta contra a desigualdade social. Ela pode ser uma importante mediadora nesse processo.

— *Você fala sobre esse peso... No começo do vídeo que você propôs, falava que aquela mulher tem o ensino médio e três cursos técnicos e mesmo assim ela estava desempregada pedindo comida na feira. Tem o peso da educação, mas muitas vezes não é suficiente.*

— Eu queria só comentar que nós, professores, vendemos um discurso de que para termos uma vida boa, pra gente crescer na vida, a gente tem que estudar. A gente cansa de falar isso para todos. É muito importante que as pessoas consigam estudar e incentivar a procura pelos estudos. Para mim, deixar as pessoas “viverem” nessas condições mostradas no vídeo é mais violento do que a série do momento: “Round 6”. Aí você ouve o ministro falar que não pode investir em áreas cruciais. Eu fico indignado. Eu me lembro, quando eu morei em São Paulo, de uma família de seis pessoas que só tinha um único ovo de mistura — comenta Thiago.

— Mais alguém gostaria de compartilhar a sua produção ou comentar?

— *Boa noite, pessoal — cumprimenta Flávio, que continua: — Eu não estou conseguindo nem organizar os meus pensamentos hoje, porque eu acompanho muitas notícias. Noticiário é muita informação, é difícil organizar tudo e tentar traçar uma ideia coerente, linear, que tenha sentido, começo, meio e fim. Mas é o seguinte, hoje eu estava conversando com um colega na hora do almoço, eu trabalho em banco, então tem os concurseiros, tem a galera que passa e acaba fazendo um discurso muito meritocrático, assim: “Eu me esforcei, eu fiz a prova, passei, olha como eu consegui.”. Tinha uma colega que estava atendendo uma beneficiária do Bolsa Família e aí ela foi na cozinha. Estava eu e esse meu colega e ela foi falar que ficou com dó, mas aí ela emendou “Nem todo mundo é vítima, a gente tem que parar com essa coisa de vitimismo, de mimimi.”, essas ideias tortas. A gente não rebateu, a gente evita. Hoje a gente estava conversando, na hora do almoço, sobre essa questão de meritocracia. Ele disse que fez faculdade por causa do Prouni. Aí eu falei um pouco da minha trajetória escolar. Eu morava em Santo André, no ABC Paulista, que é uma região de indústrias e tal, um polo industrial muito forte, e lá eu estudei no Sesi a vida inteira. O Sesi era tipo um clube, tinha o centro esportivo, era um complexo enorme. Tinha a parte das creches, do*

fundamental, a piscina era do tamanho de piscina olímpica, recebia competições da região, campo de futebol, fazia natação, um monte de quadra, muitas oportunidades. Eu falei pra ele que eu ia de manhã para a escola e ficava até   seis da tarde. Eu fiz de tudo. Eu tive oportunidade de fazer robótica, fiz inglês, fiz informática, não era o ensino perfeito, era aquele ensino tecnicista, bancário, mas era um bom ensino. Depois eu fiz ensino médio, fiz curso técnico em Administra o e passei no concurso. Tive oportunidades a vida inteira. Não que eu fosse um burg es, rico. Sesi   Serviço Social da Indústria. Você não paga nada, mas   considerado uma escola privada.   a parte social da indústria. Esses dias eu estava vendo um ranking com as escolas mais caras do Brasil. Tem uma em São Paulo que a mensalidade   dez mil reais, fora a matrícula. Eram várias escolas Brasil afora nessa faixa de preço. Como o ensino acaba tendo muita desigualdade. Você conversa sobre esses temas e você fica a tarde inteira meio voando, pensando. Eu estava pensando, hoje em dia está muito em alta isso de constela o familiar. Você analisa a história da sua família. “Aí seu tataravô cometeu um assassinato e hoje você   pobre por causa disso.” Qual a rela o disso? Umas coisas muito absurdas. Tinha uma passagem de Marx, de vez em quando eu fico vendo uns canais marxistas, e era uma frase tipo assim: “As ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante.” Aí eu pensei nas ideias em alta: empreendedorismo, meritocracia, “acorde de manhã e resolva seus problemas”, “trabalhe enquanto eles dormem”. Depois do golpe, teve toda uma regressão das pautas trabalhistas. Hoje você precisa convencer uma grande massa de trabalhadores que está tudo bem,   só ele empreender. Esses discursos acabam se consagrando por uma necessidade do capital de exercer um certo domínio ideológico enquanto as condi es de vida materiais se deterioram. Você precisa disfarçar a luta de classes e evitar revolta o tempo todo. Você faz isso de uma forma ideológica, simbólica. Você domina sem precisar bater. Houve muitas perdas, toda uma desorganiza o da classe trabalhadora, sindicatos extremamente enfraquecidos. A gente tem hoje no Brasil uma classe trabalhadora desprotegida, desamparada, inclusive por suas representa es de classe e aí fica difícil fazer uma contraposi o de discurso porque você vê no WhatsApp, em vídeo do pastor, todo mundo falando nessa mesma linha: está tudo bem a gente ficar nessa situa o, basta você se esforçar, e não tem muita contraposi o para desmentir isso da . Esse vídeo do Fantástico, a produ o audiovisual   comovente, mas você para pra pensar: o que a Globo está propondo contra isso? Porque todo esse avanço dessas reformas... foi tudo apoiado pela Globo, eles seguem a linha liberal. Eles fazem a reportagem no Fantástico e durante a semana no Jornal Nacional eles apoiam as reformas, o Brasil está quebrado, se não fizer o Brasil vai quebrar. Então assim,

acaba sendo um discurso muito cínico por parte da emissora. Na verdade, eles continuam representando o interesse de classe deles. Tem essa contraposição, mas não tem essa apresentação de propostas, de soluções. Porque a gente tem que entender o projeto de governo do Bolsonaro como sendo um projeto de classe, ele é o representante da burguesia. Em 2015, 2016, quando eles quiseram tirar a Dilma, você abria as revistas e saltava um pato amarelo. Toda a elite se movimentou para tirar a Dilma, inclusive a Globo, era toda hora “crise”, toda coisa boa era “apesar da crise”. Esses dias eu estava lendo um texto da Época e era um título meio assim “Apesar da crise...”. Era toda hora “O Brasil está em crise e essa presidenta não faz nada.”. Sendo crítico a Dilma: ela colocou um banqueiro para tocar um projeto de direita como uma forma de dar uma segurada, mas não adiantou, teve o golpe, ela foi destituída, depois veio o Temer com a ponte do futuro, para cumprir o projeto da nossa burguesia. O Temer e o Bolsonaro são os representantes disso.

— Ô Flávio, posso fazer uma parte? — pergunta Thiago, que continua após o aceno de Flávio. — Eu acho que o Temer sim é representante da elite. O Bolsonaro é o pequeno burguês que estava em evidência e poderia defender as coisas de quem ele admira.

— *Falando do Temer... e a gente está falando de desigualdade, o filho do Temer tinha dois milhões em imóveis aos sete anos. Vai ter gente que vai falar “meritocracia”, “faltou você se esforçar”. Estou com um monte de link aqui. Vou mandar um de hoje, que saiu no Brasil de Fato. Agora eles estão aumentando a Selic. E nessa matéria está falando “O aumento na taxa Selic, que é a taxa básica de juros, a cada 1% você aumenta 50 bilhões de pagamento para os detentores da dívida pública”. E aumentou na última semana, passou para 1,5%. Então, assim, ao longo de um ano, de uma hora para a outra, a gente aumentou 75 bilhões os gastos do governo. Toda hora que você abre, inclusive essa matéria, o Guedes estava falando que “o Brasil está quebrado”, só que só esse aumento para 1,5% já vai ser mais do que o orçamento do Auxílio Brasil. É muito curioso que sempre que você precisa gastar com o serviço social do Estado, como educação, auxílio para as pessoas não passarem fome, nunca tem dinheiro, mas na hora de aumentar a Selic, que é justamente o outro extremo... Porque, assim, de um lado você tem os detentores da dívida pública, que é quem tem dinheiro, e na outra ponta você tem quem é beneficiado com os gastos do Estado. Ao invés de pegar o dinheiro e jogar para a galera de baixo, o dinheiro vai para a galera de cima, para deixá-los mais ricos. Isso com semana sim semana não o governo falando que está quebrado, que não tem dinheiro. É um discurso muito cínico, que deixa muito em evidência o caráter burguês do Estado. A matéria fala um pouco do teto de gastos. Uma das primeiras coisas que aconteceu quando o Temer*

entrou foi essa proposta do teto de gastos. Ocorreram as ocupações contra as reformas, mas elas foram aprovadas. O teto de gastos é uma autoimposição e absolutamente desnecessária, acho que nenhum país fez isso, congelar por vinte anos gastos com saúde, educação, o básico que um país precisa. Tem uma matéria que eu estou fazendo, que é Metodologia de Pesquisa, estava pensando o que eu poderia fazer para abordar em uma aula de Matemática uma questão social. Tudo que está acontecendo é um elefante na sala, não tem como a gente fingir que não está acontecendo nada. Teve uma vez, inclusive nessa época do teto, eu estava em uma aula de Geometria. Sabe quando está chovendo e você fica olhando para fora e você pensa que não tem como ignorar a chuva? Foi o que aconteceu comigo, a gente estava discutindo sobre Geometria e eu pensei que isso era muito abstrato frente às urgências. Cara, as pessoas estão passando fome agora. A gente precisava estar fazendo alguma coisa. Voltando, eu acho que a gente devia inserir temas, conteúdos de base social. Estava pensando, a gente precisa falar de meio ambiente com os alunos? As tempestades de areia que estão acontecendo são os elefantes na sala, não tem como fingir que não estão acontecendo. Fica essa sensação de urgência, fome, miséria, questões ambientais. Voltando um pouco, as pessoas estão tendo queimaduras porque não estão conseguindo comprar gás e por usarem outras formas para cozinhar, como lenha, álcool. Falando sobre o que vocês comentaram, eu concordo, não é tarefa do professor salvar o país. Eu vejo como um problema quando a gente joga tudo nas costas do professor. Os professores quase não têm estrutura, a gente tem visto muito afastamento por questões de saúde mental.

— Flávio, a questão da educação, mesmo com toda a infraestrutura ideal, ela ainda é uma parte.

— *Eu fui colocando aqui no chat essas abinhas. Eu acho muito importante pra gente esses debates no nosso curso, é necessário, sobretudo necessário. Uma dessas abinhas que eu coloquei fala sobre o desemprego no Brasil entre mestres e doutores, chega a 25%, mas isso é antigo, de 2019, então, como tudo na pandemia, deve ter piorado, eu imagino. No mundo, a taxa de desocupação desse grupo gira em torno de 2%. Então a gente vê que no Brasil a gente não aproveita a nossa mão de obra especializada e qualificada. Estão em subempregos. Uma outra matéria, de 2017, diz que o número de moradores de rua com curso superior aumentou em 75% em um ano no Rio de Janeiro. A gente tem um problema de projeto de país.*

Depois de mais algumas análises, a aula é encerrada e todos saem.

Quando João iria sair, Antônio entra e pede:

— Espera, espera, aberração.

— Você de novo, cara?! O que você quer?

— Você sabe o que eu quero, mostrar o quanto você é um impostor.

— Como assim? Não fiz nada.

— Realmente, você não fez nada. Aí está o problema.

— Como assim?

— Vou repetir até você se tocar. Você fala de militância, mas no fundo você não milita coisa nenhuma.

— Quem é você para me julgar?

— Você vai descobrir.

João e Thiago produziram os dados. E foi uma experiência ímpar. Colocaram em movimento uma prática de militância com estudantes de uma universidade federal brasileira, mais especificamente em uma disciplina de Prática de Ensino. Nos últimos encontros, discutiram temáticas sociais e tiveram muitas reflexões.

Junto aos dados, constituiu-se a versão para a qualificação que ocorreu em 19 de agosto de 2022. O inesperado aconteceu: a banca, que contribuiu imensamente, fez a indicação de uma mudança de nível, ou seja, a partir daquele momento, caso fosse do interesse deles, o trabalho se transformaria em uma pesquisa de doutorado. Aceitaram sem pensar duas vezes.

Veio 2023, o terceiro ano do doutorado e com ele as disciplinas obrigatórias. João estava empolgado, nas nossas conversas sempre citava que iriam começar as aulas e o quanto estava feliz. Só que ele não esperava a rasteira que levaria. Já nas primeiras aulas, uma sensação ruim e conhecida bateu à porta. Sua condição forçou o seu afastamento e a continuidade das disciplinas de casa. No segundo semestre, lá estava João tentando mais uma vez participar das aulas de forma presencial. Não deu certo.

Estamos em 2024 e o doutorando agora está em regime especial com acompanhamento remoto.

Este ano ele vai cursar a última disciplina e terminar a escrita da tese. Não cheguei a ler nada que ele escreveu até agora, mas me prometeu que quando terminar vai me mostrar.

Nesse momento, João mora com Amanda e sua sogra na zona rural de Miranda. Os dias são relativamente tranquilos, mas exigem uma rotina de serviços incontornáveis.

— Você vai querer rastelar o quintal ou colocar água para os bezerros?

— Pode deixar que eu coloco água.

— Ok.

Depois de alguns ajustes na medicação e muita terapia, João está tendo um bom começo de ano. Uma vez ao dia, ele vai olhar o gado do avô da Amanda. São oito invernadas na chácara. Nesta semana, o rebanho está em uma que fica mais afastada, no fundo.

João calça a bota, pega uma vareta e se põe a caminho. Um primeiro olhar não anuncia nada de novo ou estranho com o gado. Passados alguns minutos, ele ouve um assobio vindo da propriedade vizinha, mais especificamente atrás de uma parede de árvores. Sem deixar de procurar a origem do barulho, João vê pelas brechas da mata um cavalo sendo conduzido por um homem, mas não consegue identificar a pessoa.

— Sogrinha, vi um homem a cavalo daquele lado da propriedade. A senhora sabe quem é?

— Não tem ninguém morando naquela chácara, às vezes é peão contratado para olhar o gado.

No outro dia, a atenção de João e demais trabalhadores volta-se para uma cerca a ser construída de modo a dividir uma invernada em duas partes, sendo que uma delas foi gradeada recentemente para receber sementes de capim.

João me contou como a cerca está sendo construída. Foi um pouco difícil de entender sem visualizar, mas o importante é que está dando certo.

— Está ficando bom, hein?!

— Cê viu? Devagarinho ela sai. Depois de colocar as estacas, vai embora.

— Achei interessante usar a corda como medida para cavar os buracos.

— Esse truque é antigo, na época de papai já usava.

— Bacana. E quando a cerca tem que ser torta?

— Geralmente a cerca que demarca estrada de terra é torta, aí é só usar a mesma medida de corda, dos postes que estão fincados até onde vão ser colocados os novos.

Depois de um dia atarefado, João volta para casa, toma um banho, um leite gelado acompanhado de um bolo de iogurte e, após alguns minutos no celular e algumas páginas de um livro, assiste com Amanda a um longo vídeo do canal Diva Depressão e outro mais curto de Lorelay Fox. Um pouco antes de dormir, escreve um poema que fará parte de um novo livro. Ele compartilhou comigo:

O estranho caso do gafanhoto destemido

O conflito lateja entre poucas letras,
e, às vezes, explode em pequenas atitudes.
Ele é incerto, imprevisível e incontrolável.
Temos, por exemplo, o caso do gafanhoto,
que ao decidir abandonar seus pares,
para conhecer outras paisagens,
acabou saindo da rota e dando de cara
com um caminhão.
Para o enxame, foi uma perda irreparável,
para o caminhoneiro,
só mais um amontoado de sujeira.

— Acorda, João, acorda.
— O que aconteceu?
— Nada. Não está lembrando o que tem hoje?
— Não.
— Seu trabalho voluntário.
— É mesmo.

A biblioteca da escola que Amanda leciona está, digamos, necessitando de um pouco de atenção. Em conversa com o diretor, surgiu o convite para o trabalho voluntário e João aceitou sem pensar duas vezes. Não é um serviço difícil, apenas demorado.

— Nos encontramos aqui na frente às 11h30. Beijos.
— Beijos, boa aula.

A biblioteca guardava um tesouro, tinha muita literatura nacional. Só que entre João e o tesouro havia um pássaro morto, assassinado pelo guarda de quatro patas que passa pelo vidro ausente de uma das janelas. João recolhe o falecido e aproveita para passar uma vassoura. A biblioteca possui quatro grandes prateleiras. Ele escolhe uma e inicia a arrumação. Entre uma empolgação e outra, o diretor chega acompanhado de uma aluna.

— João, esta é a Priscila, ela está dando muito trabalho na sala. Você poderia ficar de olho nela?
— Posso sim.

— Passei uma atividade. Se ela precisar de ajuda, auxilie, por favor.

Priscila tentava esconder um sorriso debochado como quem queria dizer: “otário”. Ela tinha uma longa trança, usava calça jeans, All Star e o item obrigatório: o uniforme verde.

— Oi, Priscila.

— Oi — disse ela com cara de quem não quer muita conversa.

— Que atividade é essa que o diretor passou?

— De matemática.

— Quer ajuda?

— Não, é muito fácil.

— Qual é o conteúdo?

— Sistemas.

— Mas você está em qual ano?

— Sétimo.

— Se eu não estou enganado, era para você estudar sistemas só no ano que vem.

— Tanto faz.

Passados quinze minutos, ela chama João e diz:

— Terminei, muito fácil. Queria algo mais difícil!

— Algo mais difícil? Deixe eu pensar.

— Ok.

— Tem algo que você acha difícil na matemática?

— Qual matemática?

— Como assim qual matemática?

— É que tem várias matemáticas, tem a do branco, tem a da minha comunidade indígena, tem várias.

— Você é Terena?

— Sim.

— Ótimo. Eu pensei que a gente pode escolher um obstáculo social da nossa região e pensar possibilidades de enfrentamento a partir das nossas matemáticas, uma espécie de denúncia. O que você acha?

— Gostei, profe. Obstáculos a gente tem um monte: desmatamento, queimadas, invasão das nossas terras, desigualdade de renda, problemas de saúde e por aí vai.

— Desses que você citou, tem algum que você tem mais interesse?

— Eu acho que as queimadas.

— Vamos fazer assim... Vamos pegar essa semana para estudar e pensar nas possibilidades de trabalho. Na semana que vem, você pode vir na parte da tarde, na quarta, às 13h?

— Posso sim.

— Combinado. Vá para a sala e nada de bagunça, menina.

— Nem um pouquinho?

— Tá, um pouquinho pode.

No outro dia, depois dos afazeres cotidianos, João transcreve mais alguns dados da sua pesquisa e, na parte da tarde, faz alguns serviços no quintal. Ele está mudando o galinheiro e a horta de lugar. No finalzinho da tarde, vai até o gado. Chegando no pasto, percebe uma vaca mais afastada e já pensa que deve ter dado cria. Antes de chegar perto, a hipótese é confirmada. *Amanhã teremos que curar o bezerro*, pensa distraidamente. Ao dar meia volta, algo assustador chama a sua atenção. João avista a última pessoa que ele poderia imaginar: Antônio.

Um grito estridente de João ecoa pela propriedade.

— O que você está fazendo aqui? Você é real?

— Calminha, hipócrita. Não precisa gritar.

— Vai se fuder! Onde você roubou esse cavalo? O vizinho te contratou para olhar o gado dele?

— Quantas perguntas... Que menino assustado!

— Queria que você estivesse no meu lugar.

— Eu estou no seu lugar, mas isso é outra história.

— Por favor, me explique, como alguém que entra nas aulas da minha pesquisa sem ter autorização aparece onde eu moro, do nada?

— Você se preocupa com coisas pequenas, meu caro.

— Se isso é coisa pequena, o que é grande então?

— A sua vida não é, isso eu tenho certeza.

— Como assim?

— Você sempre foi raso, João. Nos anos iniciais, você colava, acho que a superficialidade já aparecia lá. Em casa, você não somava em nada. Um pouco depois começou o seu ciclo de desistências: da igreja, dos seus círculos de amizades, dos seus temas de interesse. Mesmo tendo concluído a faculdade, começou flertando com a Matemática, depois fez um TCC em Matemática Aplicada, no ano seguinte tentou o mestrado em Educação Matemática, foi reprovado, para a minha alegria. No ano seguinte entrou, mas fracassou seis meses depois e,

por fim, agora no doutorado, só deu trabalho. E o pior de tudo, mesmo, é essa tentativa mesquinha de fazer literatura. Isso é balela.

— Desculpe aí, todo poderoso. E você, o que fez de tão grande?

— Eu destruí a sua vida, você não sabe a satisfação que isso me dá.

— Grande coisa, ao invés de viver a sua vida, você se preocupa em tentar movimentar os bastidores dos outros. Você que é mesquinho.

Tomado por uma raiva imensa, João pega a vareta de olhar o gado, que não é fina, e parte para cima de Antônio, que se defende com uma corda. Em um golpe certeiro, João atinge Antônio na cabeça. Algo sem explicação acontece: ele desaparece, deixando João com uma forte dor no mesmo lugar que Antônio foi atingido.

Que diabos aconteceu aqui?, pensa João.

O João inventou de participar de um sarau de poesia. Acho que vai ser bom para ele, afinal, às vezes ele se queixa da sua interação. Não concordo muito, mas respeito. O Sarau será em Campo Grande, na Praça do Preto Velho.

— Boa noite, pessoal! É um prazer enorme poder participar deste sarau. Separei cinco poemas que farão parte de um livro que estou escrevendo. Espero que gostem!

Infidelidade

Faz de mim o que quiseres,
só não atrapalhe
meu romance com o céu.

Acordo

Faz assim,
você é feliz
e eu escrevo poemas.

Sol

Tem amores que são eternos,
mesmo após o término eles ficam,
ora ou outra se pronunciam
e emanam a força do começo.

Tem amores que são sol.

Carona

Hoje vi a beleza em movimento.

Pai e filha andando,
filha no pescoço do pai, rindo sem medo.

Mãozinha puxando o cabelo de sua fortaleza.
Estavam de costas,
mas pareciam ver a minha admiração.

Cada um seguiu o seu caminho,
eu passei o domingo com um vazio no peito,
mas a filha... Ah, a filha,
ainda não tem que se preocupar com a tristeza.

Álbum infinito ou tratado sobre a pulsação do quintal

Muita coisa acontece no quintal:
as folhas da mangueira
beijam suavemente a areia,
as flores desfilam,
as galinhas fofocam discretamente,
os cachorros vigiam a casa em sonho,
os passarinhos gravam um musical,
a moça descansa com tereré nas mãos,
a criança conta os corações das formigas,
o homem corta as pontinhas
dos cabelos das frutíferas,
a borboleta exigente
faz uma seleção rigorosa de pétalas,
o nada ri loucamente,

o vácuo das pedras machuca,
a melancolia toma um fôlego
na sombra do pé de alface,
o arame ansioso se comprime,
o carro abre um pouquinho do vidro
para a tristeza entrar com folga,
a poetisa fotografa tudo
e não terá coragem de descartar nada.

Mais um dia de trabalho voluntário na biblioteca e João está animado para ter acesso à pesquisa de Priscila e para compartilhar os seus achados.

- Boa tarde, juvenzinha. Tudo bem?
- Por fora, eu estou bem. Mas, por dentro, eu estou com muita raiva.
- Eu imagino.
- Pois é. O senhor deve estar com raiva também, não é mesmo?
- Estou sim. O que você encontrou?
- Eu encontrei uma reportagem do G1 e fiz alguns recortes:

“O número de focos de incêndios no Pantanal neste ano já supera o registrado no mesmo período de 2020, ano recorde de queimadas em todo o bioma. As queimadas nos seis primeiros meses de 2024 já são 8% maiores em comparação com 2020.”

“Neste ano, o Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASA-UFRJ) já registrou mais de 517 mil hectares consumidos pelo fogo em todo Pantanal. A área queimada é quase quatro vezes o tamanho do território da cidade de São Paulo. O bioma tem 16 milhões de hectares.”

“Sem nem acabar o mês de junho, o Pantanal já registra o maior número de focos de incêndios para um mês de junho de toda a série histórica do Inpe, iniciada em 1998. Nos 19 primeiros dias deste mês, 2571 focos de incêndios foram registrados em todo o bioma, que no Brasil fica em Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso.”

“A extensão destruída entre janeiro e maio superou em 39% o registrado no mesmo período de 2020, o pior ano da série histórica até então.”

“O Brasil lidera o número de focos de incêndio entre os países da América do Sul, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). A explosão dos incêndios no Pantanal levou à liderança do país no ranking de queimadas, neste mês de junho.”

“Para especialistas, a escalada do fogo em 2024 caminha para um cenário semelhante ao de 2020, até então o pior ano para o Pantanal desde o fim da década de 1990. Um estudo realizado por 30 pesquisadores de órgãos públicos, universidades e ONGs estimou que, naquele ano, ao menos, 17 milhões de animais vertebrados morreram em consequência direta das queimadas no Pantanal.”⁴⁸

— Eu também trago alguns recortes, de um artigo científico:

“A causa dessas queimadas devastadoras pode ser atribuída à ação humana. Padovani et al. (2004) apontam que uma das principais causas das queimadas é o desmatamento para a expansão de pastagens, diretamente relacionado à expansão do agronegócio, principalmente da pecuária. Esta expansão, que parece ignorar a capacidade do Pantanal de suportar a ação humana, sugere que o ser humano está progressivamente se desconectando dos ambientes naturais.”

“Esta desconexão é ainda mais evidente quando consideramos o conceito de amnésia coletiva. Este conceito engloba um mundo onde a competitividade, a racionalidade e as tecnologias têm ofuscado as questões humanas em termos de sentimentos, práticas coletivas e sustentáveis e relações interpessoais, que eram mais comuns no passado.”

“De acordo com Padovani et al. (2004), as fazendas pantaneiras do passado praticavam a pecuária tradicional de maneira empírica, respeitando as características únicas do bioma, como os períodos de cheia e as variações espaciais e temporais das pastagens naturais. Contudo, com a chegada de novos pecuaristas que, munidos de novas práticas

⁴⁸ Fonte: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2024/06/20/pantanal-incendio-de-2024-supera-o-registrado-no-mesmo-periodo-de-2020-ano-recorde-de-queimadas.ghtml>

e tecnologias de produção, o valor cultural e ambiental do Pantanal passou a ser negligenciado e as práticas tradicionais foram gradativamente abandonadas.”

“Nesse contexto, Liborio e Borges (2020) se referem a histórias contadas pelos mais velhos sobre como um determinado rio era rico em peixes, ou como uma região conhecida era cheia de vegetação diversa, onde diferentes espécies animais interagem. O fato é que as próximas gerações dificilmente verão esses eventos com a mesma intensidade e poderão contar as mesmas histórias. As paisagens provavelmente estarão mais alteradas, as águas com menos peixes e os campos transformados em vastas pastagens. Esse fenômeno é conhecido como ‘Síndrome de Deslocamento da Linha de Referência’, que pode representar um sério risco para a biodiversidade dos biomas em geral, não apenas para o Pantanal.”

“Uma forma prática de mencionar como essa indústria do entretenimento atua na realidade brasileira é uma campanha da emissora de televisão Rede Globo sobre o agronegócio brasileiro, com objetivos claros de apoio e promoção, chamada ‘Agro é Tech, Agro é Pop, Agro é tudo’. Essa campanha levanta questões sobre a representação da indústria do agronegócio na mídia e seu impacto na percepção pública. Nesse contexto, a referida propaganda surge como um veículo poderoso de alcance nacional, visando ocultar as problemáticas socioambientais do modus operandi do agronegócio, muitas vezes com dados fora de contexto, atribuindo a ela fatores estritamente positivos, como a produção de alimentos, o desenvolvimento tecnológico e a geração de empregos. Todavia, essa representação propagandista contrasta fortemente com a realidade da insegurança alimentar no Brasil, alicerçando falácias, relativizando a degradação ambiental (SANTOS e SILVA, 2020) e estimulando o consumo desenfreado de produtos.”

“Pesquisas como as do Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASA–UFRJ) continuam apontando a ação humana como principal causa dos incêndios. Pode-se citar práticas agrícolas irresponsáveis com processos de conservação definidos em lei; queimadas que fogem do controle; e a pecuária. Segundo explica Leone Curado –professor de física ambiental da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), o Pantanal é rodeado de áreas onde são desenvolvidas atividades agropecuárias, portanto, utilizar fogo nesses pontos é extremamente comum para limpar

terrenos e preparar novos espaços de cultivo, dificilmente os incêndios se dão por causas naturais.”⁴⁹

— Gostei bastante dos recortes da reportagem que você trouxe, Priscila. Os dados presentes neles demonstram o quanto é alarmante esse fenômeno.

— Verdade. Também gostei dos seus, principalmente um desse último recorte. Com certeza comprova que dificilmente os incêndios do Pantanal se dão por causas naturais. Os mal-intencionados, como aqueles que queriam passar a boiada⁵⁰, são cheios de defender o contrário.

— Nem me fale, é cada uma!

— Realmente, o agronegócio tenta a todo custo esconder os dados preocupantes de suas ações. Engraçado, eu trouxe uma reportagem da Globo e, em um recorte do artigo científico que você trouxe, há uma crítica à empresa por transmitir uma propaganda enganosa do agronegócio. Contrastes, profe.

— Sabe o que me preocupa? Todo ano vão ocorrer queimadas e ficaremos sem muito poder de ação.

— Calma, profe. Ainda há esperança. Claro que ações isoladas são um risco, afinal, o Brasil é o segundo país do mundo que mais mata ambientalistas. A nossa força está no coletivo. O que podemos fazer enquanto população?

— Concordo demais contigo, mas como formar um coletivo em um mundo tão individualista? Desculpe, hoje estou desiludido.

— Vou te bater, hein?! Eu tive uma ideia. O que você acha de construirmos uma frente nacional em defesa do meio ambiente, tendo como objetivo pressionar o poder público a fortalecer e criar leis mais rígidas em defesa dos nossos biomas?

— Fale mais, Priscila.

— Então, a partir dos meus estudos sobre os movimentos sociais, eu pensei em...

⁴⁹ Fonte: Abdo, Ronda, Pina e Oliveira (2024)

⁵⁰ “Durante a reunião ministerial do dia 22 de abril, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, alertou os ministros sobre o que considerava ser uma oportunidade trazida pela pandemia da Covid-19: para ele, o governo deveria aproveitar o momento em que o foco da sociedade e da mídia está voltada para o novo coronavírus para mudar regras que podem ser questionadas na Justiça” Retirado de: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>

O doutorado está terminando. Muita coisa aconteceu nesses quatro anos. Apesar dos momentos difíceis, não faltaram momentos alegres e trocas construtivas. Conheci pessoas incríveis e aprendi muito com elas. Acho que isso é o legal de um processo de formação: as pessoas. As teorizações a gente revisita a qualquer momento, mas o contato com as pessoas é muito mais precioso e, às vezes, pode não se repetir. Devo essa formação às pessoas que cruzaram o meu caminho, sem elas eu provavelmente não estaria aqui. Porém, para não perder o costume, desculpe qualquer coisa.

Cinco anos depois...

João está estranho há alguns dias, mãe é mãe, percebe fácil. Estou na dúvida se pergunto ou não. Essa minha desconfiança começou logo depois que ele disse que tinha um evento em São José do Rio Preto. Até aí tudo bem, é só um evento na área dele, mas ele parece nervoso. Vou perguntar se ele vai falar ou apresentar algum trabalho.

- Você vai dar alguma palestra ou algo do tipo?
- Como assim, mãe?
- No evento!
- Não, não, só vou assistir. Nem trabalho vou apresentar.
- Então vem aqui me dar um abraço para você acalmar o coração.
- Obrigado, mãe.

O grande dia chegou, meu menino já está em Rio Preto desde ontem, foi antes para a casa do irmão dele que mora lá. É um evento de três dias, João disse que a temática é “Infância e Educação Matemática”.

Como sempre, João faz o credenciamento e senta-se mais no fundo. Faltam dez minutos para a palestra de abertura. Nesses minutos restantes, João observa a plateia e fica feliz que o auditório esteja lotado. É chegada a hora, o organizador ajeita o microfone, faz uma breve fala e anuncia a palestrante.

— Bom, pessoal, vou parar de enrolar e passar a palavra para a estrela da noite. Seja bem-vinda, Profa. Dra. Amanda Silva de Medeiros.

A palestra foi linda e, aparentemente, as pessoas presentes gostaram. Enquanto todos saíam do auditório, João permaneceu sentado e esperando a interação de Amanda com os professores do campus. Quando percebeu que ela iria sair, foi ao seu encontro.

— Parabéns, Dra. Amanda!

— Eu não estou acreditando, você aqui! É um prazer, meu amigo.

— O prazer é todo meu. Eu não perderia a oportunidade de te ver e te ouvir por nada.

— Fico feliz por isso.

— Quer sair para comer algo? Imagino que você esteja com muita fome.

— Confesso que estou sim. Onde você sugere?

— Lembra do Caseiro Lanches? O que acha?

— Claro que lembro, fomos uma vez com seus irmãos quando estávamos juntos. Eu topo.

Alguns minutos depois...

— O lugar continua do mesmo jeito, espero que o lanche tenha mantido a qualidade.

— Spoiler: continua muito bom. Vim com o Julio e a Sandra esses dias. Como não nos falamos mais e nem nos seguimos nas redes sociais, eu perdi muita coisa da sua vida nesses últimos cinco anos. Como anda a família? Como anda a vida profissional?

— Eu me casei com um professor da Zootecnia, o Gabriel, tivemos dois filhos, o José Vicente e a Aurora. Já te mostro fotos deles. Eu sou professora concursada da UFMS, trabalho no campus de Aquidauana. Criei recentemente o meu grupo de pesquisa. Não me julgue, eu me entreguei ao sistema.

— Eles são lindos, inclusive o Gabriel. Brincadeira. Seus filhos são a sua cara, meu Deus! — comenta João, olhando as fotos no celular dela.

— “Se liga, hein?!” Lembrei daquele meme que a Lorelay e o Diva usam.

— Sim, bem isso.

— Vou te seguir no Instagram novamente, mas você vai ter que pagar a conta.

— Justo.

— E você, o que anda fazendo, João?

— Eu...

Referências

ABDO, João Paulo; RONDA, Izabela Cristina Prado de Souza Barbosa; PINA, José Carlos; OLIVEIRA, Ademir Kleber Morbeck de. A ameaça das queimadas no Pantanal: a supressão progressiva do bioma e a amnésia coletiva. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 3, p. e5749-e5749, 2024.

BARROS, Manoel de. **Manuel de Barros: poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

BROUSSEAU, Guy. **Introdução ao estudo da teoria das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino**. São Paulo: Ática, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CORRÊA, Bárbara Drielle Roncoletta; RISSO, João Paulo; MEDEIROS, Amanda Silva de. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro? Educação, exclusão e precariedade: as vidas de Ninas em tempos de pandemia (e em outros tempos também). **Revista Práxis**, v. 12, n. 1sup, 2020.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus Editora, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka - por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

EMECHETA, Buchi. **No fundo do poço**. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

_____. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: Reunião Nacional da ANPED, 36. 2013, Goiânia. **Anais [...]** Goiânia: ANPED, 2013. p. 1-12.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Site Dossiê Deleuze. 2010.

RODRIGUES, Thiago Donda. **Práticas de exclusão em ambiente escolar**. 2015. 243 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015.

SANTOS, Ale. **Rastros de resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro**. São Paulo: Panda Books, 2019.

VAZ, Sérgio. **Flores de Alvenaria**. São Paulo: Global, 2016.